

MEMÓRIAS DE

SÃO JOÃO DA PONTA - PA

a partir de narrativas orais





Walter Luiz Jardim Rodrigues

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Prof. Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-Reitor

Prof. Horacio Schneider

Pró-reitor de Extensão

Prof. Fernando Arthur de Freitas Neves

GRUPO DE ESTUDOS PAISAGEM E PLANEJAMENTO AMBIENTAL

Coordenação

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Aparecida da Silva Pimentel

Prof^ª. Dr^ª. Carmena Ferreira de França

MEMÓRIAS DE

SÃO JOÃO DA PONTA - PA

a partir de narrativas orais

1ª Edição

GEPPAM/UFPA

Belém-PA, 2013

Copyright Walter Rodrigues 2013

Coordenação

Profª Drª Márcia Aparecida da Silva Pimentel

Editor responsável

Walter Luiz Jardim Rodrigues

Capa e Editoração eletrônica

André Ribeiro

Imagem da capa: Amanda Cristina Oliveira Gonçalves
(*Rio Mojuim, comunidade Porto Grande, São João da Ponta -PA, 2012*)

Revisão

Flávio Reginaldo Pimentel

Projeto cartográfico

Wellington Augusto Andrade Fernandes, Walter Luiz Jardim Rodrigues e
Hemerson Nascimento da Silva

Desenhos

Crianças do município de São João da Ponta - PA

Colaboração

Deividy Edson Corrêa Barbosa, Viviane Corrêa Santos,
Waldemar Londres Vergara Filho, Leandro Glauco Ferreira da Conceição,
Elexandre Martins Pereira, Welington Morais Ferreira, Roberta Pena Fortes, Mayara Cristina Pereira
Mariano e Jonilcy Maria França Moreira

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém, PA)

Rodrigues, Walter Luiz Jardim

Memórias de São João da Ponta - PA a partir de narrativas orais / Walter Luiz
Jardim Rodrigues. 1. ed. - Belém : GEPPAM/UFPA, 2013.
178 p. : il., 21x29,7 cm

ISBN 978-85-915417-0-6

1. São João da Ponta (PA) - História. 2. São João da Ponta (PA) - Geografia. 3.
Cultura Popular - São João da Ponta (PA). I. Título.

CDD - 22. ed. 981.15

Realização



Patrocínio



Apoio



Este livro é resultado dos Programas de Extensão Universitária “Educação Ambiental nas RESEX Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá – PA” Edital nº 5. PROEXT 2010 - MEC/SESu/UFPA e “Capacitação de Mulheres das Reservas Extrativistas Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá, em agentes ambientais” Edital nº 5 PROEXT 2011 - MEC/SESu/UFPA ambos coordenados pela Prof.ª Dr.ª Márcia Aparecida da Silva Pimentel da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará.

Para mais informações acesse:

<http://geppam.blogspot.com.br>

<http://historiaoral.com.br/saojoaodaponta>

Esta obra é licenciada por uma licença CREATIVE COMMONS

Atribuição – Uso não-comercial – Compartilhamento pela mesma licença 2.5

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.

Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.

Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou *fair use*) concedido por lei ou qualquer outro direito protegido pela legislação local não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

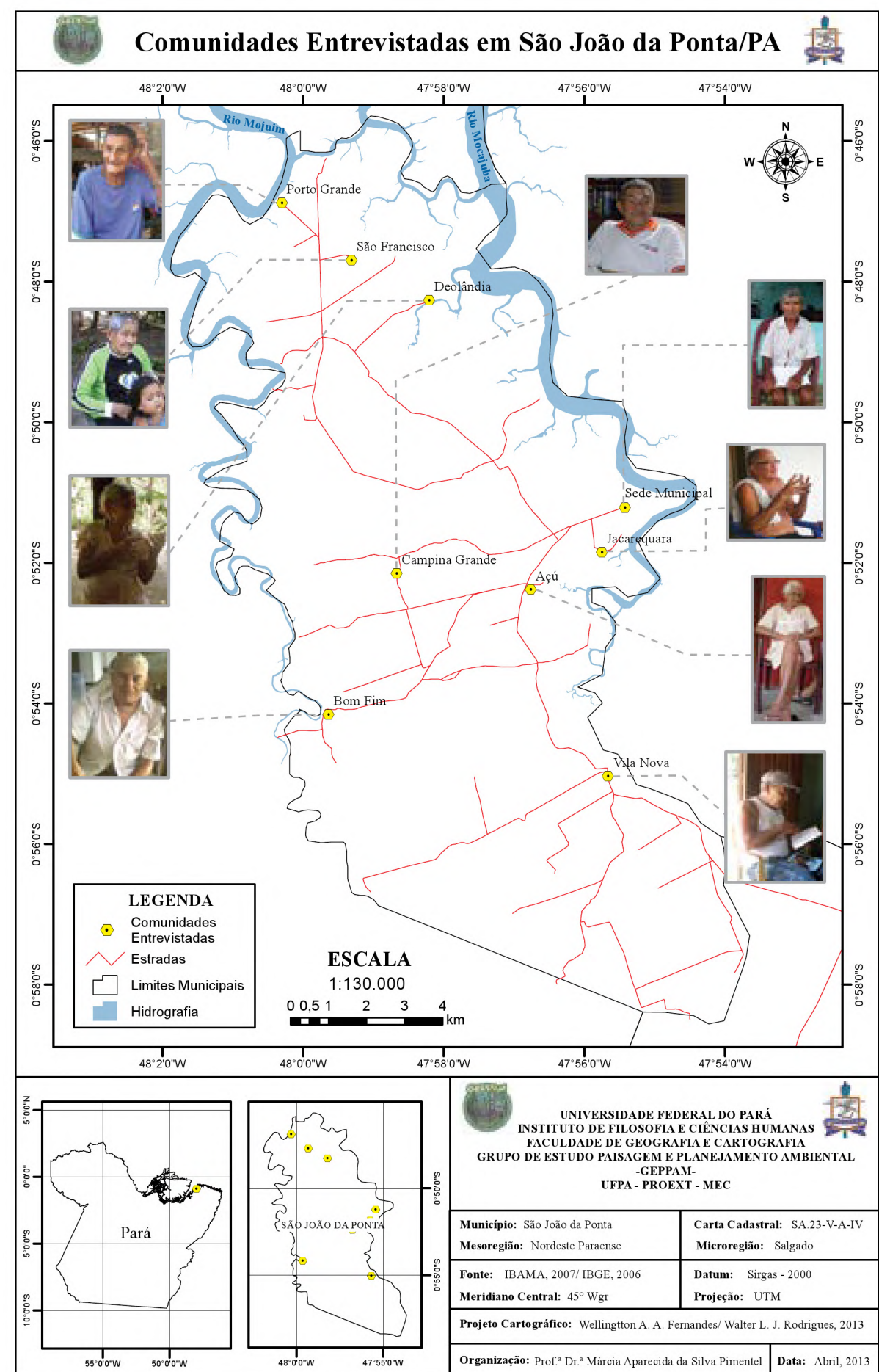


MEMÓRIAS DE SÃO JOÃO DA PONTA

(Relação de entrevistados(as) em 2011 e 2012 por ordem de idades)

Raimunda Monteiro Bandeira (96 anos)
Raimundo Marques da Costa (94 anos)
Felipe Neri Ferreira Neto (90 anos)
Cileno Neves de Lima – *Seu Quito* (89 anos)
Ovídio Pinheiro de Brito – *Seu Mimico* (88 anos)
Alcides Chagas de Soares Sousa – *Seu Siribóia* (86 anos)
João Batista Palheta – *Seu João Timbica* (85 anos)
Manoel Benedito Soares – *Seu Noé* (81 anos)
Andrelina Silva (78 anos)
Orgarina Favacho dos Santos – *Dona Mimi* (77 anos)
Dílson Cereja dos Santos (77 anos)
Aurélio Calheiros de Melo (76 anos)
Raimundo Bandeira Coelho – *Seu Cutia* (75 anos)
Raimundo Rodrigues Barroso – *Seu Maú* (74 anos)
Maria Bárbara Chagas Soares – *Tia Babita* (72 anos)
Vitor de Nazaré Almeida (71 anos)
Zacarias Monteiro Bandeira – *Seu Zaca* (71 anos)
Márcia Pereira de Matos Almeida – *Dona Marcinha* (69 anos)
Lázaro Palheta (68 anos)
Raimundo Monteiro de Moura – *Seu Santos* (65 anos)
Maria de Fátima Palheta Rodrigues (61 anos)
Rui da Piedade Bandeira (61 anos)
Fidelquina de Sousa Rodrigues – *Dona Fidel* (60 anos)
Domingos Santarém (59 anos)
Pedro Monteiro Bandeira – *Pedro Carimbó* (59 anos)
Manuel da Conceição Almeida (58 anos)
Leandro Dalmácio Lima (58 anos)
João Roberto da Silva (57 anos)
Lázaro Favacho da Costa – *Lazinho* (55 anos)
Naide Maria de Carvalho (49 anos),

Apolinário de Matos Almeida – *Pulico* (43 anos).
 Giselle Palheta de Oliveira (idade não informada)
 Domingos dos Santos Rodrigues (idade não informada)
 Abelardo Souza dos Santos – *Bilú* (idade não informada)
 Genel Mariano de Oliveira (idade não informada)



Nós vamos buscar na escola a instrução não é? Mas dentro de casa é que tem a educação do pai. E o pai da gente ensinava a gente a tratar todo mundo com senhoria. Ainda mais os velhos. Não era nem parente da gente e a gente tomava benção. Tinha um preto velho chamavam “Negabodo”. Era o apelido dele. Não era parente nosso, mas a gente tomava benção dele e outros e outros. E nesse tempo tinha mais gente educada do que hoje. A gente tá sentado passa uma rapaz, passa uma moça não dá nem um... não faz nem “oi”. Tudo mal educado, meu amigo, eu reparo isso. Porque nós temos obrigação de tratar as pessoas bem. Não custa dinheiro.

(Felipe Neri Ferreira Neto, 90 anos, 2011).

Este trabalho é dedicado à memória de minha avó Ernestina Jardim, cujas histórias orais me ensinaram a “ler” o mundo para muito além das páginas impressas.

In memoriam de João Batista Palheta, o seu João Timbica, grande contribuidor deste livro, que faleceu em agosto de 2012.

AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de usar os parágrafos a seguir para citar algumas pessoas que não mediram esforços para que este trabalho pudesse ser realizado, e que certamente, sem eles, sequer passaríamos da primeira página.

Agradeço primeiramente a Prof.^a Dr.^a Márcia Pimentel, nossa coordenadora, por me aceitar no Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental e como bolsista do programa de extensão da Faculdade de Geografia e Cartografia no momento de maior conflito na minha vida acadêmica. Agradeço pela oportunidade, pela confiança depositada, pelo exemplo que nos inspira e pelo conhecimento que nos repassa.

A minha mãe, Rosilene Jardim, que muito me motivou e aconselhou quando as dúvidas e angústias vinham me atormentar antes e durante o processo de redação deste trabalho.

Ao meu amigo, Deividy Barbosa, que voluntariamente colaborou no primeiro momento de entrevistas para este livro em São João da Ponta (diria o mais tenso e difícil), ajudando-me nas gravações dos áudios, dos vídeos e na redação das primeiras postagens referentes às descrições das entrevistas coletadas em campo no blog GEPPAM.

A Wellington Fernandes, grande colaborador e incentivador deste trabalho. Seja pela sua amizade, pela sua personalidade crítica e amadurecida e sua disposição e ânimo para se lançar no exaustivo, mas prazeroso, processo de gravações de entrevistas nas comunidades do município e transcrição de algumas entrevistas.

Não posso deixar de agradecer a Hemerson da Silva, Wellington Moraes e Elexandre Martins, que acompanharam em campo tanto os momentos sérios e árduos de trabalho quanto os momentos descontraídos e inesquecíveis de lazer nos rios Açú e Mocajuba em São João da Ponta.

Este trabalho não seria possível sem o grande empenho do senhor Zacarias Bandeira, naquela ocasião presidente da MOCAJUIM, que acompanhou e intermediou as entrevistas para este livro desde o primeiro momento, além de nos disponibilizar a sede da MOCAJUIM para nos hospedar durante os dias que passamos no município. Por isso, e por outras coisas, muito obrigado, seu Zaca.

Agradeço ainda o apoio do gestor da RESEX de São João da Ponta, o senhor Vergara Filho, cujas orientações e intermediações nos foram de fundamental importância.

A Flávio Pimentel, que me direcionou nas primeiras leituras referentes à fundamentação teórica em Cultura Popular e por suas valiosas sugestões de correções, adequações dos parágrafos e referências utilizadas.

A Leandro Glauco, por me orientar na escolha e uso do documento “Autorização de uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos em obras de preservação histórica” utilizado em todas as entrevistas.

As senhoras Fidelquina Rodrigues (dona Fidel), Veralucia Rodrigues (dona Vera) e seu Valdeci por nos receber tantas vezes e nos tratar tão bem em suas casas na comunidade do Açú.

A Amanda Gonçalves, pelas sugestões em relação à adequação do prefácio e por sua colaboração em campo.

A Jonilcy Moreira, pela colaboração no trabalho de transcrição.

A Roberta Fortes, Mayara Mariano e Raimunda Moura, pelas gravações das entrevistas na comunidade de Porto Grande.

A Viviane Santos, por sua cumplicidade, carinho e motivação nos momentos de maior desespero e aflição quando dos primeiros momentos de construção até a finalização deste trabalho e por suas valiosas sugestões.

A todos os senhores e senhoras moradores de São João da Ponta que me permitiram entrar em suas casas e aprender com seus conhecimentos.

Agradeço a todos os amigos do GEPPAM, que de certa forma, contribuíram para a construção e finalização deste trabalho.

Por fim, agradeço a Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará, que através dos Programas “Educação Ambiental nas RESEX’s Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá-PA” e “Capacitação de Mulheres das Reservas Extrativistas Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá, em agentes ambientais” aprovados pelos Editais nº 5 – Programa de Extensão Universitária – PROEXT 2010 e 2011 - MEC/SESu possibilitaram a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

O MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DA PONTA NO MAPA.....24

APRESENTAÇÃO 27

PREFÁCIO 29

SÃO JOÃO DA PONTA: SUA HISTÓRIA NA MEMÓRIA 35

- *Origem e evolução histórica de São João da Ponta* 37
- *Do processo de emancipação a primeira eleição municipal* 40
- *A centenária Igreja de São João Batista* 45
- *O primeiro Círio de São João da Ponta* 46
- *Os primeiros evangélicos em São João da Ponta*.....49
- *A Banda de Música Dr. Dionísio Bentes*.....50
- *A tentativa de mudança do nome São João da Ponta para Pontaíba* 51
- *O assustador zepelim que passava em São João da Ponta durante a 2ª Guerra Mundial*.....52
- *De São João da Ponta a Belém, antigamente, só atravessando os rios*.....53
- *A história do navio Rio Guaíba*.....56
- *A abertura da estrada PA 375 e a formação de muitas comunidades entre elas a comunidade do Açú* 57
- *A chegada da energia elétrica e da água encanada* 60
- *O igarapé dos homens e o igarapé das mulheres* 61
- *A estrada de Porto Grande projetada a partir dos “cálculos de rumos” feitos pelo senhor Cíleno Neves de Lima, seu Quito* 62
- *Os mutirões organizados por seu Aurélio de Melo* 64
- *Os primeiros comércios de São João da Ponta*.....67
- *A base da economia de São João da Ponta no passado* 68
- *O grande comércio de Félix Judeu em Vila Nova*.....71
- *Barcos ao sabor da maré, o comércio itinerante de São João da Ponta* 73
- *De vento-em-popa na vazante da maré e o trágico naufrágio da canoa “Rodrigo” na pedra de Ajuruteua* 73
- *De barco à vela de São João da Ponta para Ilha de Marajó e Belém*.....74
- *Os caranguejos de São João da Ponta viajando rio acima numa viagem de oito dias*.....74
- *A gente trazia na palma da mão a maré do pescueiro* 75
- *A trágica saga dos 16 trabalhadores de São João da Ponta*.....76
- *São João da Ponta já foi sede do Estado do Pará* 83

• <i>A fundação do Clube Barreirinho</i>	<i>84</i>
• <i>A cura do parauá que atormentava dona Orgarina numa época em que os médicos eram lendas</i>	<i>85</i>
• <i>Os cordões de pássaros e animais e os bois-bumbás que os antigos “botavam”</i>	<i>87</i>
• <i>Os cordões que seu Mimico brincou e “botou”</i>	<i>89</i>
• <i>O cordão da Cutia de seu Vitor de Nazaré Almeida</i>	<i>90</i>
• <i>Os cordões que Dilson Cereja “botou” e a Banda de Música Santa Cecília da comunidade de Vila Nova</i>	<i>97</i>
• <i>Festa de Tirar Reis</i>	<i>98</i>
• <i>O Carimbó de antigamente</i>	<i>100</i>
• <i>Os antigos grupos de Carimbó de São João da Ponta</i>	<i>103</i>
• <i>O eterno som da “onça” de Mestre Brasilísio</i>	<i>106</i>
• <i>O dom da cura a serviço da população de São João da Ponta: a história da parteira e benzedeira dona Marionita</i>	<i>107</i>
• <i>“Muitos moradores de São João da Ponta nasceram pelas mãos de Mãe Semira!”</i>	<i>110</i>
SÃO JOÃO DA PONTA NA ATUALIDADE	111
• <i>O pescador Siribóia e sua batalha com um imenso peixe mero</i>	<i>113</i>
• <i>A feiteira e o pescador João – histórias de quem sai para pescar sozinho</i>	<i>117</i>
• <i>A curiosa história do Queima-santo</i>	<i>119</i>
• <i>A reorganização da Banda de Música Dr. Dionísio Bentes</i>	<i>120</i>
• <i>Centro Comunitário Marcelo Candia e a Escola de Música</i>	<i>122</i>
• <i>A base da economia de São João da Ponta na atualidade</i>	<i>124</i>
• <i>Os sabores vindos da natureza: a culinária de São João da Ponta</i>	<i>127</i>
• <i>O poder das plantas medicinais, o conhecimento “escrito” na floresta</i>	<i>128</i>
• <i>Domíngos Santarém, o dom da cura descoberto aos 17 anos</i>	<i>129</i>
• <i>Tia Babita e o poder das plantas que curam</i>	<i>130</i>
• <i>A luta de dona Marcinha para manter e preservar a cultura dos bois bumbás dos cordões de pássaros e animais na atualidade</i>	<i>131</i>
• <i>Pedro Carimbó, compositor, tirador de Carimbó e organizador do bloco carnavalesco “Unidos do Açú”</i>	<i>134</i>
• <i>A reorganização do Carimbó em São João da Ponta</i>	<i>135</i>
• <i>O Carimbó em São João da Ponta hoje</i>	<i>136</i>
• <i>O Grupo Folclórico “O Catitu” da comunidade de Vila Nova</i>	<i>139</i>
• <i>O que as letras do Carimbó de São João da Ponta nos dizem?</i>	<i>140</i>
• <i>Outras manifestações culturais, clubes e eventos realizados em São João da Ponta</i>	<i>142</i>

SÃO JOÃO DA PONTA: LENDAS, VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES	143
---	------------

• <i>As almas que davam dinheiro para as pessoas na comunidade do Bonfim</i>	<i>145</i>
• <i>Dia do Barto – o dia em que os demônios são soltos na terra</i>	<i>146</i>
• <i>O caso do bagralhão que aparecia no caminho que liga Deolândia a São Francisco</i>	<i>147</i>
• <i>A história do cavalo marinho encantado</i>	<i>148</i>
• <i>As oiaras do rio Açú que “malinavam” com os homens e o peso na garupa das bicicletas</i>	<i>149</i>
• <i>O caso do Soca e suas estrondosas pisadas</i>	<i>150</i>
• <i>O casal que virava bicho em São João da Ponta</i>	<i>151</i>
• <i>Uma grande árvore visageta que botava todo mundo pra correr</i>	<i>152</i>
• <i>A curupira do mangal</i>	<i>153</i>
• <i>O bode misterioso que aparecia nas ruas de São João da Ponta</i>	<i>154</i>
• <i>As histórias de Pedro Malasartes na boca dos antigos</i>	<i>155</i>
• <i>Quando Pedro Malasartes ganhou a filha do rei</i>	<i>156</i>
• <i>Pedro Malasartes e sua venda de filhotes de canários</i>	<i>156</i>
• <i>A árvore que dava dinheiro e uma cilada para acabar com a vida de Pedro Malasartes</i>	<i>157</i>

CONHEÇA NOSSOS NARRADORES	159
--	------------

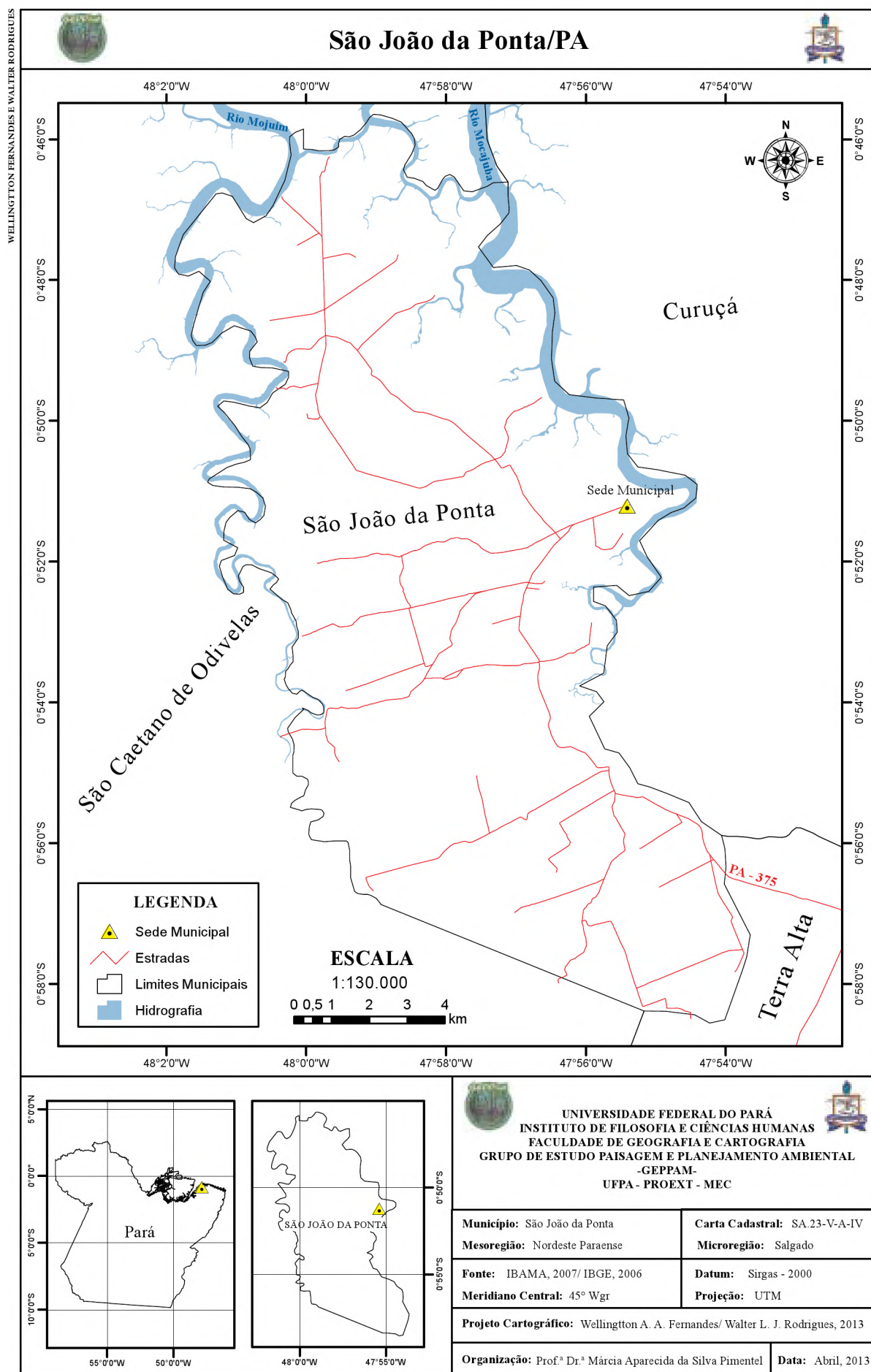
CRONOGRAMA E INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS	167
---	------------

REFERÊNCIAS	175
--------------------------	------------



Panelas de barro que os mais velhos usavam

Os moradores de São João da Ponta ao se darem conta da urgente necessidade da preservação e valorização de sua história e de sua cultura, viva somente nas memórias de seus moradores mais antigos, chegaram à conclusão de que sua cultura e memória estavam seriamente ameaçadas de desaparecer. A partir dessa constatação foi proposto, pelos próprios moradores, o projeto de um livro a fim de preservar e valorizar as memórias do município de São João da Ponta para assegurar e divulgar a cultura local às gerações presentes e futuras.



O MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DA PONTA NO MAPA

O município de São João da Ponta está localizado na mesorregião do nordeste paraense e microrregião do salgado, abrangendo uma área territorial de 196,9 km², distante 120 km em linha reta da cidade de Belém. O município tem localização central na latitude 00°50'59" sul e longitude 47°55'12" oeste, com altitude de 34 metros em relação ao nível do mar. Limita-se ao norte e oeste com o município de São Caetano de Odivelas, ao sul com os municípios de Terra Alta e São Caetano de Odivelas, e a leste com os municípios de Terra Alta e Curuçá. Seu principal acesso se dá pela rodovia PA-136 (Rodovia Castanhal - Curuçá) e PA-375. Possui clima equatorial quente e úmido, característico da região¹.

1 | Extraído de “Caracterização dos aspectos socioambientais e econômicos da reserva extrativista de São João da Ponta e proposta de estudos complementares”. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio, 2010.

APRESENTAÇÃO

Com as aprovações dos Programas de Extensão “Educação Ambiental nas RESEXs Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá - PA” (Edital 5. PROEXT 2010) e “Capacitação de Mulheres das Reservas Extrativistas Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá, em agentes ambientais” (Edital 5. PROEXT, 2011), ambos coordenados pela Profª. Drª. Márcia Aparecida da Silva Pimentel, foi possível realizar as pesquisas referentes aos resultados obtidos no livro, escrito nos anos de 2011, 2012 e finalizado em 2013.

No entanto, sua ideia original foi concebida em meados do ano de 2010, pelos usuários da RESEX Marinha de São João da Ponta, a MOCAJUIM. Pescadores, caranguejeiros, agricultores, ou, simplesmente, os extrativistas da RESEX ao perceberem que a memória do município estava seriamente ameaçada de desaparecer, propuseram para Profª Drª Márcia Aparecida da Silva Pimentel da Faculdade de Geografia e Cartografia da UFPA e coordenadora do Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental - GEPPAM, atividades que fossem contempladas dentre as ações realizadas pelo programa de extensão.

Para este trabalho, foram realizadas gravações de áudio e vídeo nas principais comunidades do município, sempre priorizando o contato com os moradores mais idosos, ou, que possuíssem profundo conhecimento das memórias locais. Foram entrevistadas 35 pessoas entre as idades de 96 anos a 43 anos durante o período de julho de 2011 a julho de 2012.

O livro busca atender a demanda levantada pelos moradores, e para isso, priorizou-se uma escrita didática, o uso de fotos ilustrativas, desenhos feitos pelas próprias crianças do município e a representação do espaço através da linguagem cartográfica (mapas).

Assim apresentado, o conteúdo deste livro está distribuídos nos seguintes eixos-temático:

- 1. O município de São João da Ponta no mapa;**
- 2. São João da Ponta: sua História na Memória;**
- 3. São João da Ponta na Atualidade;**
- 4. São João da Ponta: lendas, visagens e assombrações;**
- 5. Conhecendo nossos narradores ;**
- 6. Cronograma e informações metodológicas.**



Queremos registrar o fato da impossibilidade de entrevistarmos outras pessoas que, com certeza, possuem grande conhecimentos e vivências dentro do município. Quem sabe numa próxima edição possamos registrar essas memórias

Não poderíamos deixar de prestar nossas homenagens ao senhor João Batista Palheta, o seu João Timbica, um dos narradores deste livro, que veio infelizmente a falecer antes da conclusão deste trabalho. Suas memórias ficarão gravadas para sempre na história de São João da Ponta e nos corações de todos que o amavam.

Cordialmente,
Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental – GEPPAM.
Belém-PA, 24/05/2013..

PREFÁCIO

Não sabia nada, um pouco me ensinaram, aprendi indiretamente e aprendi diretamente e saí transformado.

(PORTELLI, 2005)

O estado do Pará possui uma superfície de aproximadamente 1.253.165km². Esse imenso território abriga 144 municípios, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2010. Dentre eles há os que ainda não possuem registros, nem documentos oficiais que tratem de sua própria história. O que é lamentável, uma vez que o desinteresse em preservar a história acaba ocasionando sua perda. História geralmente contida nas memórias de muitos homens e mulheres que ajudaram de fato a construir os alicerces de cidades, vilas e povoados por toda Amazônia brasileira.

No município de São João da Ponta, estado do Pará, esta realidade se tornou evidente quando o Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Márcia Pimentel, iniciou uma série de estudos e pesquisas nas comunidades do município.

Com a identificação do problema, o objetivo agora era atender a demanda apresentada em reunião pelos moradores a respeito da preservação e da valorização de sua história contida nas memórias de seus moradores antigos. E assim, contribuir com o avanço dos estudos sócio espaciais, utilizando-se dos recursos metodológicos da história oral somada à abordagem cultural da Geografia, que vem buscando novas alternativas de apreensão do espaço geográfico.

Neste trabalho a expressão “história oral” é reservada para“(...)o método que consiste em utilizar palavras gravadas (...), a expressão ‘fonte oral’ designará esse material, que se distingue, por seu suporte, da fonte escrita” (VOLDMAN, 1996).

Não é de hoje que as pesquisas que utilizam fontes orais em seus estudos são vistas com desconfiança por parte da academia e de pesquisadores que torcem o nariz para esse tipo de conhecimento. Mesmo quando os documentos escritos não existem. Tal comportamento se baseia na justificativa de que a utilização da oralidade para coleta de dados não é totalmente confiável, pois está assentada em pessoas, e cada qual tem uma versão do fato ocorrido em determinado tempo-espaço.

A ideia de se gravar entrevistas com os moradores mais idosos do município de São João da Ponta cujo resultado fosse um livro de preservação da memória, viva nas lembranças desses moradores, partiu da própria comunidade, que temia que essa memória viesse a desaparecer. Nesse sentido, a narrativa oral do senhor Ovídio Pinheiro de Brito, *seu Mimico* (2011) é significativa:

Como muitos se chegam aqui comigo para saber como começou esse Açú [comunidade próxima à Sede municipal]. Quem foi o primeiro morador daqui... a gente informa pra quantas alunas que a professora manda aqui comigo, porque aqui não tem quem informe isso. Os primeiros moradores aqui, que podiam informar, não informam porque já morreram e não podem informar mais nada.

A oralidade vem sendo objeto de estudos de numerosos trabalhos de cunho acadêmico. Trabalhos que tem em comum a interdisciplinaridade, uma vez que a história oral permite o contato e o intercâmbio entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento como antropologia, sociologia e a psicologia.

Nesse sentido, a história oral

“(...) é antes um espaço de contato e influências interdisciplinares (...) com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. (...) a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais.” (LOZANO, 1996)

É indiscutível que na maior parte do tempo, os seres humanos, se comunicam através da fala, ou seja, pela oralidade. Isso nos leva a questionarmos o porquê de tanto descaso com os conhecimentos vindos dessa prática. Certamente, o etnocentrismo das culturas européias é uma razão. Em seu processo de expansão imperialista, sempre procurou impor aos povos colonizados sua cultura, sua ciência; negando, desqualificando e silenciando outras formas de conhecimentos que não fossem os seus.

Eric Havelock (1991) observou que as sociedades humanas pré-históricas surgiram e se desenvolveram a partir da linguagem baseadas na intercomunicação, portanto, essas sociedades durante “incontáveis milênios, conseguiram gerir seus assuntos – os acordos comuns, os costumes e a propriedade que tornam operante uma sociedade por meio apenas da linguagem oral”.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração o fato de nós seres humanos, somos por natureza ouvintes e falantes. E não leitores e escritores. E isto está para nós quanto esteve para a humanidade há sete mil anos. Pensar a cultura escrita desde seu surgimento e seu desenvolvimento numa escala evolutiva, é pensá-la mais como um resultado da cultura e não da natureza. Assim sendo, a cultura escrita é uma mera presunção, um produto artificial que foi imposto ao homem natural (HAVELOCK, 1991).

Pensamos que o conhecimento não está exclusivamente contido nos livros, manuais, enciclopédia, dicionários e etc. Pois se assim fosse, o conhecimento estaria restrito a algumas pessoas. Sabemos da quantidade absurda de analfabetos e analfabetos funcionais que existem em nosso país. Pessoas que talvez nunca venham ter a oportunidade e o prazer de folhear um “Belém do Grão-Pará”, romance de Dalcídio Jurandir, um “Menino de Engenho” romance de José Lins do Rêgo. Mesmo assim, poderíamos dizer que essas pessoas não possuem conhecimento? Ou que elas aprenderam com sua vivência não possui importância acadêmica aplicada?

Segundo o escritor Ítalo Calvino (1996) “nos livros, a experiência ainda é possível, mas seu domínio termina na margem branca da página. Em contraposição, o que ocorre ao meu redor me surpreende a cada vez, me assusta, me deixa perplexo”.

O conhecimento pode estar também além-letras, sem limitações intelectuais e/ou físicas, ao alcance de todos através de nossos sentidos e nossas experiências, bastando atentarmos para as lições do mundo que nos cerca. E este mundo está construído em três dimensões, com uma infinidade de saberes contidos em sons, sabores, odores, cores, texturas... enfim, uma infinidade de ações, sentidos e possibilidades. Talvez estejamos sendo ingênuos em querer uma maior integração entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos tradicionais. Mas por que não?

Em trabalho recente, Pierre Teisserenc (2010), discute a relação entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais. Segundo o autor, o reconhecimento e a eventual integração dos saberes tradicionais aos acadêmicos, questionam a maneira como se deu historicamente a separação social entre as disciplinas acadêmicas e a separação daí resultante entre saberes legítimos e outros tipos de saberes.

Os saberes tradicionais estão contidos nas falas dos pescadores, dos catadores de caranguejo, do pequeno agricultor, das benzedeiras, do indígena e de tantos outros que na maior parte do tempo desenvolvem e repassam seus conhecimentos através da oralidade. São cidadãos de um país que durante anos sequer os viu e ouviu e que hoje clamam por serem reconhecidos. (PORTO-GONÇALVES, 2002)

O clamor vindo dessas populações carentes de todos os tipos de consumo, no dizer do geógrafo Milton Santos (2009), consumo material e imaterial, principalmente vindo por parte dos mais pobres, “(...)abrem um novo debate, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes.”

A necessidade dessas pessoas já não é somente uma carência de consumo material e imaterial, trata-se “(...)também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. (...) O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência”. (SANTOS, 2009).

O reconhecimento desses saberes tradicionais passa pelo reconhecimento de que não há apenas uma forma de saber, assim como não há apenas uma maneira de fazer ciência. A relação entre os saberes acadêmicos e os saberes tradicionais surge no contexto atual como uma nova e promissora forma de produzir conhecimento.

Diante desse quadro de mudanças, Pierre Teisserenc (2010), citando Enrique Leff (2006), propõe que:

o reconhecimento desses saberes tradicionais passa por uma transformação dos paradigmas científicos atuais e pela produção de novos conhecimentos e de novas maneiras de produzir conhecimento, a partir de um diálogo, de um confronto, de uma hibridação e de uma integração desses saberes, com o apoio das diferentes disciplinas para promover uma organização interdisciplinar dos conhecimentos a serviço do desenvolvimento sustentável.

Assim sendo, Paul Thompson (1992) citado por Alcir Rodrigues (2006) “(...)conclui ser mais democrática e socialmente consciente a história oral, que tem como sujeito o povo”. E assim, destaca a importância de se “preservar a memória física e espacial, como também

descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos”.

A esse respeito, entendemos “memória coletiva”, conforme Henry Rousso (1996), onde o autor propõe que um passado nunca é somente de um determinado indivíduo, “(...) mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”. Ou, numa definição sugerida por Maurice Halbwachs e citada por Henry Rousso: “Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’”.

E ainda, conforme Milton Santos (2009): “A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro”.

Fazendo um contraponto a Paul Thompson (1992), quando o mesmo se refere à questão de se “dar voz aos excluídos”, é interessante notar o posicionamento de Alessandro Portelli (2005) em que o autor coloca a questão de que o pesquisador, numa entrevista oral, recebe de seu narrador, primeiramente, a escuta e só depois sua fala, que vai dar voz a sua escrita. “A ideia que o historiador oral dá voz aos sem-vozes é uma ilusão arrogante. Eu não tenho voz e eles sim, e são eles que dão a voz a minha escrita (...). No entanto, aquilo que lhe é negado é a escuta (...)”.

Em momento algum buscamos apresentar e muito menos afirmar que a escrita e a oralidade são excludentes, ou seja, na presença de uma a outra é excluída. Muito pelo contrário! Pois, a relação entre a escrita e a oralidade, segundo Havelock (1991), “(...) tem caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal, as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos com cultura oral”

Em nossas entrevistas, observamos as dificuldades em se manter e preservar a cultura local. Tal problemática se tornava mais evidente nos moradores mais jovens, segundo os moradores antigos, que temiam que a falta de identificação e do conhecimento da cultura local, por parte desses jovens, viesse levar ao desaparecimento da cultura popular.

A definição de Cultura Popular, como qualquer outro tipo de definição, não é tarefa fácil. Definir significa tomar posição, escolher e focar determinado ponto vista. (BOSI, 2008,).

É nesta perspectiva *de tomada de posição*, que entendemos Cultura Popular, que para nós é o resultado de todo um processo vivido pelo povo no decorrer dos anos e que vai se tornando de alguma maneira presentes nas mais diversas práticas representativas, como comidas, crenças, línguas, danças e literatura. E que tais manifestações, estão historicamente ligadas às populações menos favorecidas e marginalizadas da sociedade que construiu para si, formas de criação e produção de sua cultura e identidade. (PIMENTEL&RODRIGUES, 2011).

Por sua vez, Milton Santos (2009) considera duas formas de cultura, a citar: cultura de massa e cultura popular. Para ele, a cultura de massa “(...) responde afirmativamente à

vontade de uniformização e indiferenciação”. Enquanto que, a cultura popular, “(...)tem suas raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança”.

Com relação a identidade consideramos a definição proposta por Stuart Hall (2011) que considera a identidade

(...) como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. (...) As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”

Numa abordagem fenomenológica, buscamos referências num ramo da Geografia denominado de Nova Geografia Cultural, que leva em consideração o Homem e suas experiências com o meio “vinculando espaço-lugar-cultura-significado-identidade e cotidiano como centro de sua análise”. (OLANDA & ALMEIDA, 2008).

Assim:

Essa nova Geografia Cultural estruturou-se aderindo e incorporando em si elementos da Fenomenologia e da Hermenêutica. Elegeu cultura, lugar, territorialidade identitária, paisagem, representação e significado como categorias importantes que lhe dão reconhecimento e particularidades próprias. A vida humana é cara para a investigação da Geografia Cultural haja vista a vida ser uma experiência espacial que necessita ser interpretada.

Este trabalho não se propõe a um “resgate” de manifestações culturais praticadas no passado a fim de revivê-las como prática no presente; e sim, a sua reconstituição em formato textual a partir das memórias presentes nas narrativas orais visando sua preservação, valorização e disponibilização às gerações do presente e do futuro.

Este livro também conta com uma versão disponível em formato digital, disponibilizado nos computadores das escolas de São João da Ponta e nos computadores portáteis dos alunos do município atendidos pelo Programa Federal “Um Computador Por Aluno”. E, disponível para o mundo através dos endereços eletrônicos: historiaoral.com.br/saojoaodaponta/olivro.html, geppam.blogspot.com.br e mocajuim.blogspot.com.br

Assim, o livro ficou estruturado nos seguintes eixos:

O município de São João da Ponta no mapa: Aqui foi elaborado um mapa de localização do município e disponibilizado um pequeno texto descrevendo sua área territorial, posição geográfica, altitude em relação ao nível do mar, seus limites, acessos e clima.

Depois passamos para a **Apresentação e Prefácio** do livro.

Continuando a estrutura do livro temos os seguintes eixos:

São João da Ponta: sua História na Memória. Neste eixo encontraremos capítulos que tratam da parte histórica do município através das memórias dos moradores mais antigos a partir de suas narrativas orais analisadas e adaptadas para a linguagem escrita.

São João da Ponta na Atualidade. Neste eixo serão apresentados capítulos referentes aos dias de hoje em São João da Ponta, sua cultura, seus festivais, sua economia, entre outros.

São João da Ponta: lendas, visagens e assombrações. Em conversas informais os moradores, principalmente os mais idosos, compartilham, através da oralidade, acontecimentos sobrenaturais ocorridos com eles ou com algum conhecido. Em São João da Ponta, dentre os causos que inundam o imaginário dos moradores, estão: As Oiaras dos igarapés e rios, A feiticeira (também conhecida como Matinta Perera), A Curupira que confunde os passos dos caranguejeiros no mangue, a alma penada que vaga pela estrada, gente que se transforma em bicho entre outras histórias.

Conhecendo nossos narradores. Nesta seção, estará uma breve descrição biográfica de nossos narradores assim como suas fotos.

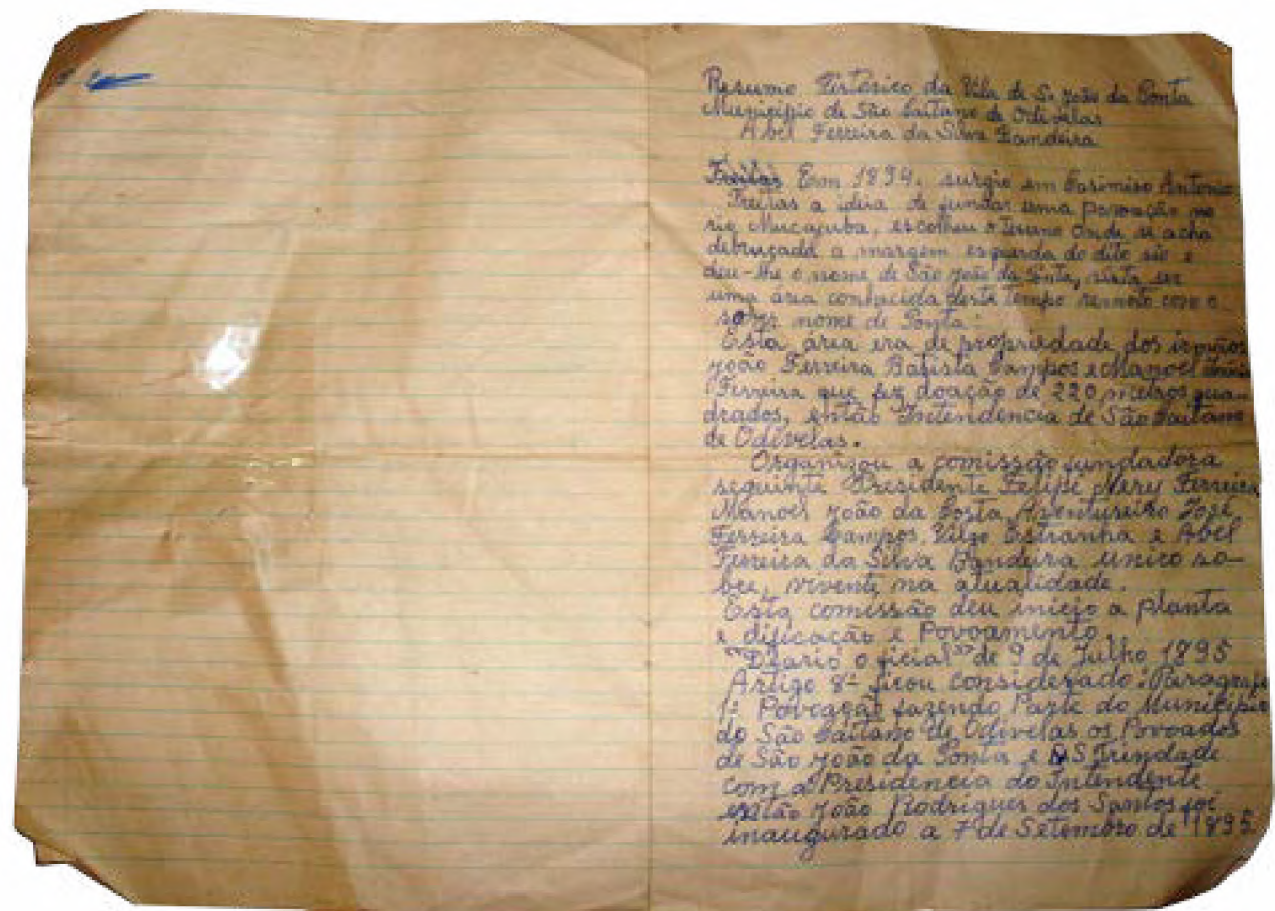
Cronograma e informações metodológicas. Disponibilizamos nesta parte do livro informações relacionadas ao tempo de execução desse trabalho e os procedimentos tomados para a redação e organização das narrativas orais para o presente formato textual.

Acredita-se que “A história oral continuará a explicitar, de várias maneiras, aspectos de nosso passado e a moldar sua expressão em nossas culturas”. (THOMSON et al., 1996).

Belém, 17 de setembro de 2013.

Walter Luiz Jardim Rodrigues.

SÃO JOÃO DA PONTA: SUA HISTÓRIA NA MEMÓRIA



ORIGEM E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DE SÃO JOÃO DA PONTA²

A origem e a evolução histórica do município de São João da Ponta, nordeste paraense, remontam ao ano de 1894 quando o senhor Casimiro Antônio Freitas pensou a possibilidade da fundação de um povoado à margem esquerda do rio Mocajuba. Na época, a área se encontrava sob a jurisdição do município de São Caetano de Odivelas. Algum tempo depois, uma determinada área às margens desse rio foi habitada pelos senhores João Ferreira Campos e Manoel Inácio Ferreira, tal área era conhecida “desde tempos remotos” como “ponta”.

A partir das memórias dos moradores Felipe Neri Ferreira Neto³, Raimundo Monteiro Coelho – seu Cutia⁴ e Zacarias Monteiro Bandeira – seu Zaca⁵, o nome do município deriva-se de uma denominação dada pelos próprios moradores como “pontas de abas” aos terrenos desenhados junto aos meandros (curvas) do rio. Nesse caso, o rio Mocajuba que banha a frente da cidade de São João da Ponta.

O nome então surgiu da união entre o nome do santo de devoção local, São João Batista, a essa ponta de terra onde se instalaram os primeiros moradores. E assim surgiu o nome São João da Ponta. Tais áreas “pontas de abas” pertenceriam a Marinha e hoje estão incorporadas ao uso da Reserva Extrativista Marinha de São João da Ponta.

Procurando atrair novos moradores para a recém-ocupada área, localizada nessas “pontas de abas” do rio Mocajuba, os senhores João Ferreira Campos e Manoel Inácio Ferreira falavam para as pessoas sobre a beleza do local. Desse modo, o número de habitantes cresceu. E cresceu ainda mais com a doação feita pelos senhores João Ferreira Campos e Manoel Inácio Ferreira de cerca de 220 metros quadrados de terras para os interessados em habitar aquela área.

Um ano depois, em 1895, resolveu-se organizar uma “Comissão para a Fundação do Povoado de São João da Ponta”. Essa comissão foi presidida pelos senhores: Felipe Neri Ferreira, Manoel João da Costa e Abel Ferreira da Silva Bandeira. Nesse sentido, foi apresentado pelo então deputado estadual, o senhor João Rodrigues dos Santos, o Projeto de Lei nº 324, que foi aprovado no dia 06 de julho de 1895.

Surgiu-se, a partir daí, o povoado de São João da Ponta pertencente ao município de São Caetano de Odivelas.

Segundo o antigo manuscrito intitulado “Resumo da Vila de S. João da Ponta, Município de São Caitano de Odivelas”, redigido pelo senhor Abel Ferreira da Silva Bandeira, que participou na presidência da “Comissão para a Fundação do Povoado de São João da Ponta”: “esta comissão deu inicio a planta, edificação e povoamento”. E ainda, no mesmo manuscrito, ele nos cita um trecho do Diário Oficial de 9 de julho de 1895.

2 | Baseado nas informações contidas nos manuscritos orais “Histórico de São João da Ponta” elaborado pelos moradores Leandro Dalmácio Lima, Antonia Maria Cabral Monteiro e dona Perciliana; e “Resumo da Vila de S. João da Ponta, Município de São Caitano de Odivelas”, redigido pelo senhor Abel Ferreira da Silva Bandeira.

3 | Homem, 90 anos, comunidade Campina Grande, 16 de agosto de 2011.

4 | Homem, 75 anos, comunidade Açú, 30 de julho de 2011.

5 | Homem, 71 anos, comunidade Açú, 30 de julho de 2011.

HISTÓRICO DE SÃO JOÃO DA PONTA

PRIMEIROS MORADORES:

Os primeiros moradores foram os senhores João Ferreira Campos e Manoel Inácio. Eles vieram de outras regiões e escolheram uma área de terra às margens do rio Mocajuba. Por ser uma ponta de terra banhada pelo mencionado rio, deram o apelido de ponta. A vontade deles era de aumentar o número de moradores. Falavam para as pessoas da beleza da área e foram conquistando outras pessoas, dando-lhes terreno para construírem suas casas. Com o pensamento positivo de criar um povoado, fizeram doação de 220 metros quadrados. O sonho desses senhores foi realizado em 1895, quando o Coronel João Rodrigues dos Santos, deputado estadual, apresentou na Câmara dos Deputados, o projeto de Lei nº 324, que foi aprovado no dia 06 de julho de 1895, através desse projeto de lei foi criado o povoado com o nome de São João da Ponta. O mesmo deputado apresentou o projeto de Lei nº 797 do dia 22/10/1900. Através desse projeto São João da Ponta passou de povoação para o título de vila, mais um sonho realizado pelos primeiros moradores.

Essa vontade indomável de sempre querer o crescimento e o bem do povo, continuou presente nas pessoas.

Em 1986, foi criada uma comissão com o objetivo de criar o município de São João da Ponta, mas não foi possível. A comissão foi formada pelos senhores Santino Rodrigues Barroso, Leandro Dalmácio Lima, Francisco Chagas, Raimundo Rodrigues Barroso e Eduardo dos Anjos Pereira. O segundo movimento para criar o município de São João da Ponta, se deu em 1994, quando formou-se uma comissão emancipatória com os seguintes: Josué Moura, Rui Bandeira, Orlando Monteiro, Abmídes Campos da Silva, Manoel Ribeiro Cavalcante, Severino Palheta (Caricoca), Ilzo Cristo e Francisco de Assis Monteiro Filho (Tia Chica). Esse sonho e luta foi realizado no dia 06/08/1995, com a participação do povo através do plebiscito, onde votaram 1.814 eleitores, com 25 votos em branco e 16 votos nulos. O Sim ganhou por 46 votos de diferença.

O município de São João da Ponta foi criado pela Lei nº 3.920 de 27/12/1993, sancionada pelo presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Pará, deputado Zenaldo Coutinho.

Manuscritos antigos elaborados pelos próprios moradores

“Artigo 8º ficou considerado: Parágrafo 1º Povoação fazendo parte do Município do São Caitano de Odivelas os povoados de São João da Ponta e Nossa Senhora da Trindade com a presidência do intendente então João Rodrigues dos Santos foi inaugurado a 7 de setembro de 1895”.

No entanto, o povoado de São João da Ponta observou um considerável crescimento populacional. Nesse sentido, o manuscrito do senhor Abel Ferreira da Silva Bandeira, nos apresenta as seguintes informações, reescritas aqui conforme a escrita do texto original:

Quanto à localização do novo povoado assim ficou delimitado:

“Sua posição geográfica Ao Norte o rio Mucajuba Ao Sul a povoação Vila Nova, ao Oeste, o rio Mujuim e a Leste: a povoação Marauá”.

Já o espaço, estaria ocupado e ordenado da seguinte maneira:

“Tem 4 ruas e 5 travessas, 130 casas modestas, 1 prédio para a Escola rural Mateus do Carmo, Igreja, Cemitério e 2 trapiches(...) 6 casas comerciais, 2 escolas pública e particular, clube musical e futebolístico”.

Quanto o número de habitantes:

“Sua população é de 1.200 almas”.

Quanto ao eleitorado dos moradores temos:

“O eleitorado é quase todos baratistas⁶ sobre a chefia do vereador Manoel Ramos Ferreira”.

Observa-se nessa época a necessidade de uma estrada que ligasse São João da Ponta a capital Belém:

“Oxalá se o governo fizesse ligar São João da Ponta a Belém pela rodovia Getúlio Vargas”.

Em 22/10/1900 o mesmo deputado, o senhor João Rodrigues dos Santos, apresentou o Projeto de Lei nº 797, passando assim, o povoado de São João da Ponta, a categoria de vila.

A luta pela emancipação da vila de São João da Ponta começou no ano de 1986, quando foi criada a “Primeira Comissão” com o objetivo de criação do município de São João da Ponta. Esta primeira comissão emancipatória foi formada pelos senhores Santino Rodrigues Barroso, Leandro Dalmácio Lima, Francisco Chagas, Raimundo Rodrigues Barroso e Eduardo dos Anjos Pereira.

Entretanto, naquele primeiro momento, o objetivo pela separação entre a vila de São João da Ponta e município de São Caetano de Odivelas, não foi possível. Mas a luta pela emancipação continuaria.

Em 1994 foi criada a “Segunda Comissão” com o objetivo de criação do município. Esta segunda comissão emancipatória foi formada pelos senhores: Josué Moura, Rui Bandeira, Orlando Monteiro, Abmildes Campos da Silva, Manuel Ribeiro Cavalcante, Severino Palheta (Carioca), Ilzo Cristo e Francisco de Assis Monteiro Filho (Tia Chica).

A força da organização das duas comissões emancipatórias aliadas às reivindicações dos moradores da vila de São João da Ponta, teve como resultado a organização e realização de um plebiscito que convocou a população a votar “SIM” ou “NÃO” pela emancipação da vila do município de São Caetano de Odivelas.

No dia 06 de agosto de 1995 votaram 1.814 eleitores. O “SIM” venceu com 46 votos de diferença em relação ao “NÃO”. Houve 26 votos em branco e 16 votos nulos.

E assim, o município de São João da Ponta foi criado por meio da Lei Estadual nº 5.920, de 27 de dezembro de 1995, assinada pelo então presidente da Assembleia Legislativa, o deputado Zenaldo Coutinho e sancionada pelo então governador Almir José de Oliveira Gabriel. Sua criação ocorreu do desmembramento do município de São Caetano de Odivelas. E no dia 1º de janeiro de 1997, foi instalado com a posse do prefeito, o senhor Aurélio Calheiros de Melo, juntamente com os vereadores e vice, eleitos em 03 de outubro de 1996.

6 | Corrente política ligada a Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, interventor e governador do estado do Pará durante os anos de 1930 a 1959.

DO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO A PRIMEIRA ELEIÇÃO MUNICIPAL



Zenaldo Coutinho e Rui Bandeira na assinatura da emancipação de São João da Ponta (Foto acima) e Aurélio Calheiros de Melo, primeiro prefeito do município (Foto ao lado)



O processo de emancipação e a primeira eleição municipal de São João da Ponta ocorreram com muitas dificuldades. Para entendermos um pouco mais como se deu esses processos, ficamos agora aos cuidados das experiências dos senhores Aurélio Calheiros de Melo⁷ (primeiro prefeito do município e importante articulador no processo de emancipação) e Rui da Piedade Bandeira⁸ (primeiro vice-prefeito e importante articulador no processo de emancipação).

Para este capítulo, além das entrevistas, utilizamos alguns trechos dos escritos pessoais do senhor Aurélio de Melo.

O processo de emancipação

7 | Homem, 76 anos, comunidade de Jacarequara, 10 de julho de 2012.

8 | Homem, 61 anos, comunidade Sede municipal, 09 de julho de 2012.

Quando o Josué Moura chegou aqui em casa com o mapa lá do IBGE [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística] que a gente tinha direito de criar um município baseado na lei de cinco mil habitantes. Aí chamamos o deputado Zenaldo Coutinho [atual prefeito de Belém do Pará] aqui em casa, numa reunião aqui em casa.

Esse nosso município foi vetado pelo Almir Gabriel [ex-governador do Pará]. Ele mais onze, no caso 12. Aí eu cheguei em Belém no dia 26 de dezembro de 1995. Eu cheguei lá com o Zenaldo. Ele disse:

- Rui, tristeza aí...

Que ele queria ter orgulho de criar um município, o Zenaldo. Então foi vetado. Por que foi vetado? Foi vetado porque o município de São João da Ponta era uma vila ainda sem estrutura. Não tinha porque ser criado. O Zenaldo... um dia reuni com ele aqui na sala de casa e ele disse:

- Olha, não é fácil.

Quem deu entrada na Assembleia [Legislativa] foi realmente o Priante [na época deputado federal]. Aí rolou isso, os tramites todinho. Aí ele mandou um advogado pra Brasília. Ele [Zenaldo] e o Priante. Porque tem que passar no IBGE do Rio de Janeiro. Tem que ter uma liberação de lá. Aí chegou. Aí foi marcada a eleição. Que é essa que o Leandro⁹ falou aí. Então depois da eleição a gente pensa assim que já tá tudo resolvido. O SIM ganhou. Não, meu irmão! Aí tinha que ter a assinatura do governador criando o município. Lá o Almir Gabriel, que já era o governador, ele vetou São João da Ponta.

Quando eu cheguei no dia 26 de dezembro de 1995 lá, ele [Zenaldo] disse:

- Poxa, Rui. Infelizmente um fracasso, o Almir vetou, vetou por não ter condições ainda lá a vila é pequena.

Ele era o presidente da Assembleia [Legislativa] e ia sair no dia de Ano Novo E ele disse:

- Mas cabôco, tens aonde ficar?

Eu disse tenho.

- Então fica hoje aqui, que amanhã, dorme aí. Amanhã eu tenho uma reunião com o governo aí meio dia. De manhã tu vens aqui. Que eu vou marcar uma reunião com o Almir. Se cair na minha vai ter município porque eu vou dizer pra ele que eu quero fazer um último pedido como presidente da casa (no caso da Assembleia) se ele disser que me atende, então vou pedir que ele me autorizasse a assinar o município de São João da Ponta. Eu como presidente da Assembleia posso homologar um município que ele já vetou.

No dia seguinte eu fui pra lá de manhã, ele me deu uns trocados e disse:

- Vai lá e almoça por aí, quando for duas horas da tarde eu estou por aqui pra dar uma posição pra ti.

E aí eu fui. Quando foi umas duas horas eu fui pra lá. Ele chegou umas 3 ou 4 horas da tarde. E já trouxe um pessoal da imprensa e tudo. Ele deu um sorriso desse tamanho e disse:

- Consegui! Sou eu mesmo que vou assinar!

E aí chamou uma menina lá que era mulher do Samuel, que era a menina que preparou todo o processo de criação. Ele chamou ela e disse assim:

9 | Referente ao “Histórico de São João da Ponta” elaborado pelos moradores Leandro Dalmácio Lima, Antonia Maria Cabral Monteiro e dona Perciliana.

- Eliana, me entrega aquele processo de criação de São João da Ponta. Porque eu vou assinar agora!

Aí foi quando foi chegando o pessoal da imprensa lá. E ele disse:

- Senta aqui, Rui.

Ele assinou e depois fez esse “H” como se eu tivesse assinando junto com ele, né.

E tava só eu de São João da Ponta e ele lá!

(Rui da Piedade Bandeira).

O descaso das autoridades constituídas para com a nossa região [São João da Ponta], tenha dado causa ao surgimento do movimento pró-emancipação. Eu alheio a vida política, apenas em observação, sentia que esta não ia acontecer, pois o Sr. Prefeito de São Caetano de Odivelas estava investindo alto, tendo a seu favor uma turma barulhenta que se dizia estar disposta a usar todos os meios, mas não deixariam a emancipação ser vitoriosa.

Apesar do barulho feito pelo pessoal contrário, o projeto foi aprovada e marcada a data para realização do plebiscito, dias depois os meus amigos: Ilzo Cristo, Casseb, Nito, etc. me procuraram para marcar uma visita dos cidadãos formadores da Comissão Emancipatória a minha casa com o objetivo de manter uma conversação amigável, ficando acertado que eu estava disposto a recebê-los, marcamos de acordo a data e os aguardei, na data aprazada, além dos amigos já citados, compareceram: Rui Bandeira, seu Orlando, Ernane, Josué, Carioca, Abmildes e tantos outros.

Nesse encontro me foram historiado todos os passos caminhados até aquele momento, esclarecendo que mesmo contando com o apoio e boa vontade de alguns Deputados Estaduais como Zenaldo Coutinho – então presidente da Assembleia Legislativa – a meu ver, o maior artífice da nossa vitória; Noé Palheta, Antônio Armando e até mesmo o Deputado Federal José Priante – autor do projeto de emancipação, e outras autoridades ligadas ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, reconheciam que seria difícil se obter a maioria do SIM, pois se em São João da Ponta havia pouca rejeição a ideia. Mas nas outras localidades como Deolândia, Guarajuba, Porto Grande, São Francisco, Santa Clara etc. havia forte movimento contrário, mas o que preocupava mesmo era Vila Nova por ter o maior contingente eleitoral e a maioria dos habitantes não aceitavam ficar, como diziam, sob as ordens do Povo de São João da Ponta. Daí, por conhecerem as minhas qualidades, sabiam ser eu capaz de reverter a situação, solicitaram a minha adesão ao movimento.

Por gostar de desafios, aceitei o convite, por estar convencido que emancipação só vinha trazer benefícios para todos.

Logo na tarde daquele dia, acompanhado dos parceiros Ilzo Cristo, Casseb e Nito começamos uma peregrinação batendo de porta em porta nas casas e depois das apresentações sempre a cargo do Casseb, explicávamos aos presentes o que a emancipação traria de melhor pra o novo município a ser criado. Houve caso de sermos recebidos com desprezo, nem por isso pensamos em desistir, bem recebidos ou não, pedíamos desculpas por ter tomado o tempo e íamos em frente, apesar de tudo, graças ao Bom DEUS na grande maioria tivemos êxito.

(Aurélio Calheiros de Melo).

A primeira eleição municipal

Aí com isso... Da festa do SIM e do NÃO [o Plebiscito] a gente pensou que tava resolvido. Negativo! Ainda tinha que ser autorizada a eleição para prefeito. Criar partidos e tal. E foi difícil de resolver de novo. Esse Zenaldo se virou. Ainda tava o Almir no governo ainda. Aí ele mandou a gente ir no tribunal eleitoral e falar com o pessoal e se chorar pra ele abreviar pra ter logo a eleição em 96, 97... Não, foi 1996! Até que graças a Deus saiu. Aí nos criamos partidos. Eu fui vice-prefeito. Até hoje dizem assim: “Rui, eu só votei no Aurélio porque tu não quiseste ser o candidato. Votei por ti”.

Foi que eu fui com Josué Moura e outros lá na casa do seu Aurélio e dissemos que se ele nos ajudasse, porque Vila Nova era muito contra, nos ajudasse a convencer o povo da Vila Nova e nós ganhássemos a eleição do SIM, nós lançávamos ele como candidato a prefeito.

Daí de lá pra cá já tá no... 4º prefeito. Então, foi uma barra pra criar esse município. O Almir Gabriel autorizou o presidente da Câmara dos Deputados a homologar a criação do município de São João da Ponta.

No dia 27 de dezembro foi homologado o município.

(Rui da Piedade Bandeira).

Ganho o plebiscito, nova reunião em minha casa com todos os membros presentes, em agradecimento a minha adesão ao movimento com tanto empenho que culminou com a nossa vitória. Alguns chegaram a confessar que provavelmente se eu não tivesse me engajado na luta, muito provavelmente não estaríamos vivendo aquele momento de euforia, e era por isso que resolveram convidar-me a continuar na batalha pela causa, desta feita, como candidato a prefeito municipal.

Confesso que fiquei surpreso, achando estranho tanto desprendimento por parte de todos, mas após as indispensáveis ponderações, esclareci que apesar de ter até aquele momento vivido apoliticamente, via naquele convite um voto de completa confiança por isso aceitava o desafio.

(Aurélio Calheiros de Melo)



A CENTENÁRIA IGREJA DE SÃO JOÃO BATISTA

A Igreja de São João Batista data de 1905. Possivelmente, a construção mais antiga do município de São João da Ponta conta com mais de 100 anos. Sobre alguns detalhes de sua construção e as pessoas que nela trabalharam entre outras informações a respeito, veremos a partir daqui através das narrativas orais.

A igreja aqui em São João da Ponta foi construída pelo senhor chamado João Galho. Na época o meu avó Felipe Neri Ferreira, era o nome dele, era tesoureiro. Ele mandou fazer a frente da igreja de alvenaria, só a frente. Atrás era de taipa... depois foi desmanchada. Quem trabalhou nessas suas paredes, porque a frente já estava pronta, era um preto velho pernambucano chamado Ricardo. Ele era um homem de mais ou menos de uns 70 pra 80 anos. A cabeça dele era branquinha. Foi construída só de pedra, cal de ostra e barro. Ele mandava o Gregório, um senhor que trabalhava na igreja, bater a massa. Ele [Ricardo] metia o dedo na massa e cheirava “Ainda não tá bom, bate mais”. Ele [Gregório] batia, batia; e ele [Ricardo] tornava a ir “Agora tá bom”. (Felipe Neri Ferreira Neto).

Aí foi feito um cimento. Ela foi feita toda de pedra, tijolo, aqueles tijolos grandes. Da metade pra cima é tijolo, feita com ostra... cal. O cimento dela era feito assim: as mulheres ajuntavam as ostras, que tinha muita ostra aqui. Ajuntavam no colfo, no saco. Elas ajuntavam as ostras e queimavam e batiavam e faziam o pó da ostra junto com o cal, mais a cinza e era esse o cimento que usaram nas paredes. Tanto que as paredes dela são quase de 50 centímetros de largura. E até agora nunca rachou. Aquela torre foi feita depois, com cimento, com ferro... obra de dez anos atrás. (Naide Maria de Carvalho)¹⁰.

¹⁰ | Mulher, 49 anos, comunidade Sede municipal, 18 de agosto de 2011.

O PRIMEIRO CÍRIO DE SÃO JOÃO DA PONTA

No dia 24 de junho de 1913 foi dado início a primeira festividade de São João Batista em São João da Ponta. No começo não havia a romaria, procissão. Durante muitos anos a festividade de devoção ao santo padroeiro aconteceu através de novenas realizadas nas casas dos moradores.

Naquele tempo não tinha o Círio era só a festa. Começava pelas primeiras novenas. Tinha novena dos “Lavradores”, tinha a dos “Casqueiros”, que tiravam naquele tempo casca de mangue para vender pros curtumes em Belém, tinha a dos “Moços”, tinha a das “Crianças”. Era uma semana de festa ou mais. A véspera da festa já era por conta da diretoria da festa, a véspera e o dia da missa. Era muitos fogos, tá vendo? E tinha o leilão à noite. A banda de música que tocava lá era Dionísio Bentes, a banda local. (Felipe Neri Ferreira Neto).

A primeira missa realizada em São João da Ponta foi celebrada pelo padre Emílio Martins e a primeira romaria aconteceu no dia 18 de junho de 1979 saindo da residência da professora Sandra Moura, na comunidade de Jacarequara, em direção à Igreja Matriz. O hino de São João Batista foi tocado pela primeira vez pela banda de música da Polícia Militar, composta naquela ocasião por seis músicos e romeiros vindos das comunidades e dos municípios vizinhos¹¹.

Nascia então o Círio de São João Batista de São João da Ponta.

No entanto, o senhor Felipe Neri Ferreira Neto nos chama a atenção para o seguinte detalhe:

Eram dois santos que era festejado aí em São João da Ponta, em dezembro. Mas, olha! A Nossa Senhora da Conceição, que era a padroeira daí! Que foi a primeira santa que foi festejada na casa de uma velha chamada Isabel Ferreira! Foi a primeira santa festejada aí! Depois que começaram a festejar a São João [Batista]!

Até os dias de hoje o círio do padroeiro local continua seguindo o mesmo percurso. Como nos será narrado a seguir:

Esse ano [2012] veio os carros tudinho pra procissão e vieram 40 motos, fizeram um convite pra cada motoqueiro pra acompanhar a transladação de lá [Sede municipal] pra cá [Jacarequara] na boca da noite do sábado. E domingo todo mundo de pé daqui pra lá. (Raimundo Monteiro de Moura – seu Santos¹²)

¹¹ | Ver nota 1.

¹² | Homem, 65 anos, comunidade Jacarequara, 10 de julho de 2012.



OS PRIMEIROS EVANGÉLICOS EM SÃO JOÃO DA PONTA

O senhor Cileno Neves de Lima¹³, conhecido como seu Quito, considera-se um pescador, embora hoje não desça a maré. Foi também agricultor, dirigente de igreja evangélica e “engenheiro” da estrada que liga a comunidade de Porto Grande a PA 375 como veremos mais adiante.

Sobre os primeiros evangélicos no município de São João da Ponta (que atualmente somam mais de 13% dos 5.359 moradores¹⁴ declarados seguidores de alguma religião¹⁵), seu Cileno de Lima, nos narra:

Sou crente desde 1931. Eu estudava em Vila Nova. Não, não havia igreja evangélica em canto nenhum. Nós fomos os primeiros crentes do município de... era São Caetano de Odivelas nesse tempo. O primeiro pastor que veio nos visitar aí veio de Marapanim, o pastor Pascoal, depois veio o pastor Manoel dos Santos, depois veio o pastor Manoel Trajano. Havia uma congregação da Assembleia de Deus em São Caetano, depois foi feita uma em Porto Grande. Havia muito preconceito contra os crentes naquela época jogavam pedra... até lama jogavam na gente.

Sobre as memórias dessa época de conflito e intolerância, o senhor Aurélio Calheiros de Melo, narra o seguinte:

O povo tinha verdadeira ojeriza [aversão, horror] aos evangélicos. E ao chegar aqui era jogar pedra, botar pra correr mesmo, entendeu? E isso foi um dos primeiros atos antagônicos [contrários] a minha administração. Então eu disse o seguinte:

- Gente, isso aqui não é a Irlanda, briga de Católicos e Protestantes¹⁶.

Teve uma senhora que ficou muito brava comigo porque eu perguntei, numa reunião lá, pedindo que não fizessem isso. Ela chegou, começou a praguejar.

E eu disse assim:

- Um momento, me diz uma coisa. Eu vejo finais de semanas, em época festivas, vem uns caras lá de Belém, chega na sua porta e é palavrões, falta com respeito a todo mundo e vocês abraçam. E esses caras [evangélicos] vem aqui lembrar que Deus é bom, trazer benefícios e são rejeitados? Não tá dando pra entender.

Houve inclusive de autoridades municipais faltarem com respeito a esse povo. E... esse foi um dos maiores antagonismo a minha administração. Porque eu defendia, cara! Que não tem motivo. Eu cheguei a mandar trazer polícia pra resolver isso aqui. Chegou-se até destruir templos! Aconteceu tudo isso aqui.

13 | Homem, 89 anos, comunidade Porto Grande, 18 de maio de 2012.

14 | População estimada segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2011.

15 | População segundo a religião: Católica apostólica romana: 3438 (85, 20%), Evangélica: 551 (13, 66%) e 46 (1, 14%) declarados sem religião. (Dados do IBGE, 2000).

16 | Tratava-se, em primeiro lugar, da população protestante (maioria), em favor de preservar os laços com a Grã-Bretanha; e do outro lado, a população católica (minoría), em favor da independência ou a integração da província com a República da Irlanda, ao sul, país predominantemente católico. Ambas as partes recorreram às armas, e a província mergulhou em uma espiral de violência que durou desde o final da década de 1960 até a assinatura do Acordo de Belfast ou Acordo de Sexta-Feira Santa em 10 de Abril de 1998, que estabeleceu as bases para um novo governo, em que católicos e protestantes compartilhassem o poder. (Adaptado de http://pt.wikipedia.org/wiki/Conflito_na_Irlanda_do_Norte)

A BANDA DE MÚSICA DR. DIONÍSIO BENTES

A origem da Banda de Música Dr. Dionísio Bentes data de 1929. Sendo ela a banda de música mais antiga no município e uma das mais antigas bandas de música em atuação no Pará. A banda de música Dr. Dionísio Bentes já faz parte da história e da memória de São João da Ponta.

A banda de música, quando me entendi, era bem organizada. Meu pai era músico, tocava barito. Tinha um senhor... o nome Angélico que tocava tumba. E... tinha um senhor também, idoso, José Rodrigues que também era músico. Depois ela decaiu um pouco. Já eu me lembro dela mais ou menos reorganizada em 1935. Foi o ano que meu avô faleceu. Reorganizaram e tinha um senhor de nome Lameira, era o apelido, o nome dele era Simpliciano Barroso, ele era filho da Vila Maú, que pertencia a Marapanim. Eles tocavam, botavam os bancos assim pra eles sentarem, depois eles fizeram um coreto de madeira e lá eles tocavam. Quando de noite, eles iam lá pro arraial e tocavam até terminar o leilão. Terminava o leilão, pronto. (Felipe Neri Ferreira Neto).

Agora nos fica a pergunta:

- Mas quem foi Dionísio Bentes¹⁷?

O Dionísio Bentes, esse que o pessoal deu o nome dela, era interventor nesse tempo. E estavam trocando o instrumental em Belém. E nós tínhamos aqui um senhor que chamavam de judeu, mas ele não era judeu não, ele era um desses árabes. O seu nome era Stefania, ele se dava muito com esse Dionísio Bentes na cidade. [Dionísio Bentes] foi governador do estado, interventor. Ele [Stefania] morava aqui em São João da Ponta e conseguiu algumas coisas do Estado para cá. Por isso, que se reverenciou, ele era o mestre... com o nome da banda Dionísio Bentes. Por que houve uma doação do interventor do estado do Pará pra cá. A banda¹⁸ já existia com outro nome, e foi o árabe que devido à amizade a Dionísio Bentes, que colocou o nome da banda de música Dionísio Bentes. E eu era garoto. O papai era um dos regentes da banda, e eu como trouxe esse destino, comecei a estudar. E cheguei lá na Aeronáutica e me preparei melhor ainda. (Raimundo Rodrigues Barroso – seu Maú)¹⁹.

17 | Dionísio Ansier Bentes, nascido no município de Faro, estado do Pará, em 13 de fevereiro de 1881, foi governador do estado do Pará no período de 1925 a 1929.

18 | Para a reorganização da Banda de Música, o senhor Raimundo Rodrigues Barroso, se deslocou de São João da Ponta até a capital do estado Belém para fazer o levantamento da origem da banda no Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

19 | Homem, 74 anos, comunidade Sede municipal, 18 de agosto de 2011.

A TENTATIVA DE MUDANÇA DO NOME DE SÃO JOÃO DA PONTA PARA PONTAIBA



Houve um tempo que tentaram mudar o nome de São João da Ponta para Pontaiba. Isso foi na época do governo Manoel de Magalhães Barata, o “velho Barata”, conforme as palavras de seu Felipe Neri Ferreira Neto. Seu Felipe narra esse episódio com muita empolgação e satisfação, pois o nome de São João da Ponta, naquela época vila pertencente ao município de São Caetano de Odivelas, permaneceu por decisão dos próprios moradores que não aceitaram o tal nome de Pontaiba.

No tempo do velho Barata, que foi governador do estado. Primeiro ele foi interventor no governo de Getúlio Vargas. Ele queria mudar o nome pra Pontaiba. Murajá²⁰, o nome era Santa Luzia, botaram Murajá. Não sei por quê. Mas aí o pessoal não aceitou esse nome de Pontaiba. Aí eles não aceitaram e ficou São João da Ponta.

20 | Vila pertencente ao município de Curuçá, localizada à margem do Rio Mocajuba.

O ASSUSTADOR ZEPELIM QUE PASSAVA EM SÃO JOÃO DA PONTA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL



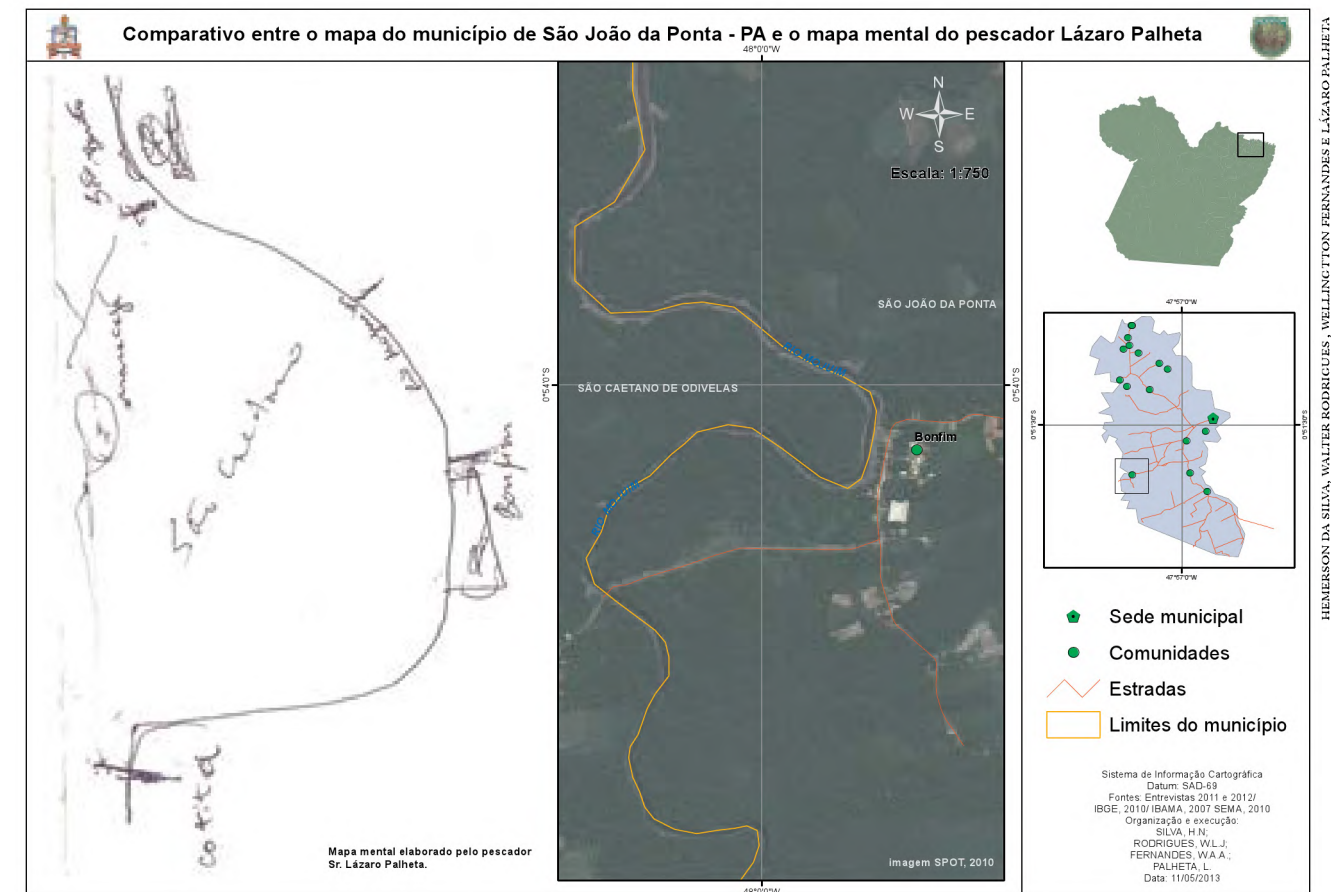
Na época da 2ª Guerra Mundial o senhor Raimundo Bandeira Coelho, conhecido com Cutia, tinha nove anos. E ele lembra, ainda com espanto, dos imensos balões dirigíveis conhecidos como zepelins, que *passava por aqui por baixo*. Ele morava num lugar conhecido como Encouraçado, que ficava próximo de onde hoje é a comunidade do Açú, seguindo pela estrada que liga a comunidade do Bonfim a PA 375.

Naquela época o Encouraçado era uma produtiva colônia agrícola, tendo, segundo seu Raimundo Bandeira Coelho: *22 casas e vários roçados grandes*, onde se plantavam *arroz, milho, malva... Mexiam com tudo!*

As pessoas tinham medo, pois elas entendiam que aqueles balões, que mais pareciam um avião deformado, eram trazidos pela mais terrível guerra que esse mundo já passou.

Por isso, as pessoas se recolhiam antes do anoitecer em suas casas, falavam baixo e dormiam com as luzes apagadas.

DE SÃO JOÃO DA PONTA A BELÉM, ANTIGAMENTE, SÓ ATRAVESSANDO RIOS



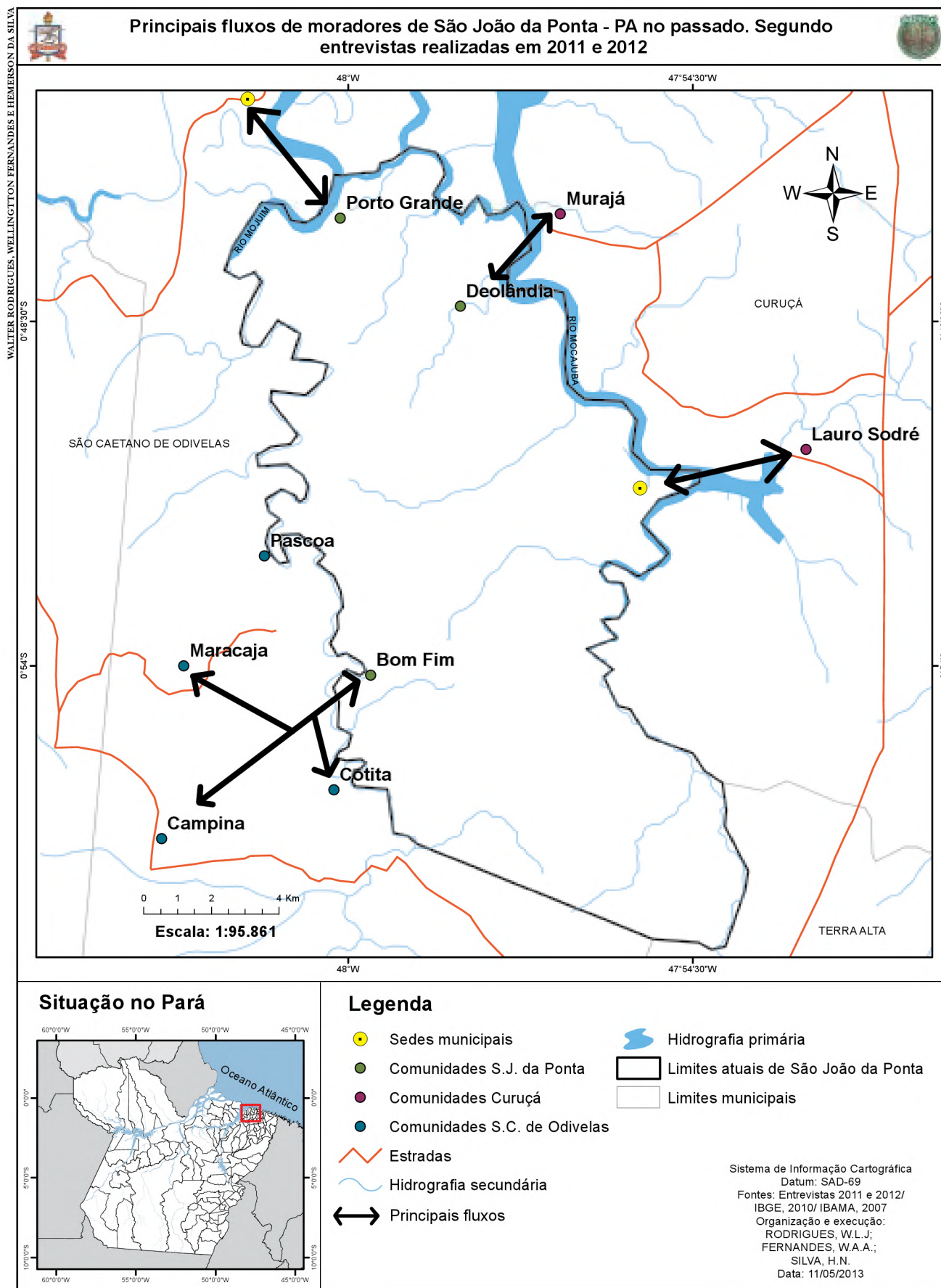
Antigamente, antes da construção da estrada PA 375, para sair do atual município de São João da Ponta, atravessavam-se de embarcação os rios Mocajuba e Mojuim. Eram, basicamente, quatro vias de acesso e saída que os moradores das comunidades do município usavam. Eram elas:

Ao norte do rio Mocajuba: saindo da comunidade Deolândia e subindo o rio Desterro, atravessava-se para a vila Murajá, município de Curuçá, e de lá se pegava um carro para Belém e outros lugares.

Ao sul do rio Mocajuba: saindo de São João da Ponta (atual sede municipal), atravessava-se para a vila Lauro Sodré, município de Curuçá, e de lá se pegava um carro para Belém e outros lugares.

Ao norte do rio Mojuim: saindo da comunidade Porto Grande, atravessava-se para a sede do município de São Caetano de Odivelas e de lá se pegava um carro para Belém e outros lugares.

Ao sul do Rio Mojuim: saindo da comunidade Bom fim, atravessava-se para as comunidades de Cotita e Campina, município de São Caetano de Odivelas, de onde se pegava o ônibus que seguia para Vigia e de lá para Belém e demais lugares.



Todo esse perímetro aí não era estrada. Era só caminho e você andava tranquilo, de noite, de dia. Eu cansei de ir daqui [Deolândia] pra Vila Nova e era caminho, andando. A gente atravessa pra ali pra Murajá, pegava o carro e ia embora pro Abade, pra Curuçá e ia embora... São Pedro... pra Belém. Assim... Naquele tempo pra ir a Belém, pra ser mais perto, atravessava de canoa [o rio Mocajuba] pra ali [vila Murajá em Curuçá]. Meu filho cansou de levar a agente pra ali, pra pegar o ônibus às 6 horas da manhã ali no Murajá. Era assim que a gente ia pra Belém. (Maria Bárbara Chagas Soares – Tia Babita)²¹.

Aqui era o seguinte, era caminho. E era assim. De Porto Grande pra São Caetano [sede do município] não fica tão longe. De motor [barco] é trinta minutos. Antes de a gente chegar na estrada de São Caetano com Vigia, tinha uma Campina. A gente pegava o ônibus lá na Campina. Do Bonfim pra Cotita era uma meia hora a remo. (Lázaro Palheta).

A origem do nome da comunidade Bonfim surgiu a partir dessas travessias. Sendo que o primeiro morador do local foi o senhor Marcos Antônio Soares. Depois veio Manoel Soares e depois Teodoro Dídimo Soares e Antônio Soares. As pessoas precisavam atravessar o rio Mojuim, geralmente com destino ao município de Vigia, e pediam permissão para o seu Teodoro para pernoitar em sua casa até o dia seguinte.

A casa do meu pai era como se fosse um enxame de abelha. Aí todos iam pedir licença “Seu Teodoro, dei licença de eu pernoitar aqui que eu quero ir pra Vigia, mas só posso ir amanhã. Eu quero atravessa daqui do Bonfim pra São Bento ou pra Cotita”. Então aí que veio a origem do nome Bonfim. (Manoel Benedito Soares – seu Noé)²².

21 | Mulher, 72 anos, comunidade Deolândia, 16 de agosto de 2011.

22 | Homem, 81 anos, comunidade Bonfim, 31 de julho de 2011.

A HISTÓRIA DO NAVIO RIO GUAÍBA

Por que Rio Guaíba? Tu sabes a história do Rio Guaíba? O Rio Guaíba foi um navio que quebrou no “rabo” do Espadarte²³. Ele quebrou. Nesse tempo eu já era gente [esclarecido] assim dos meus 8 anos e eu já lembro. Tinha o tio Marmédio que tinha uma canoa e eles iam lá mergulhar pra trazer fazenda [tecido]. Só que ela ficou com o cheiro do óleo e o pessoal tinha uma piadinha assim:

*Pelo cheiro, pelo fio,
essa aqui eu conheço,
veio do navio.*

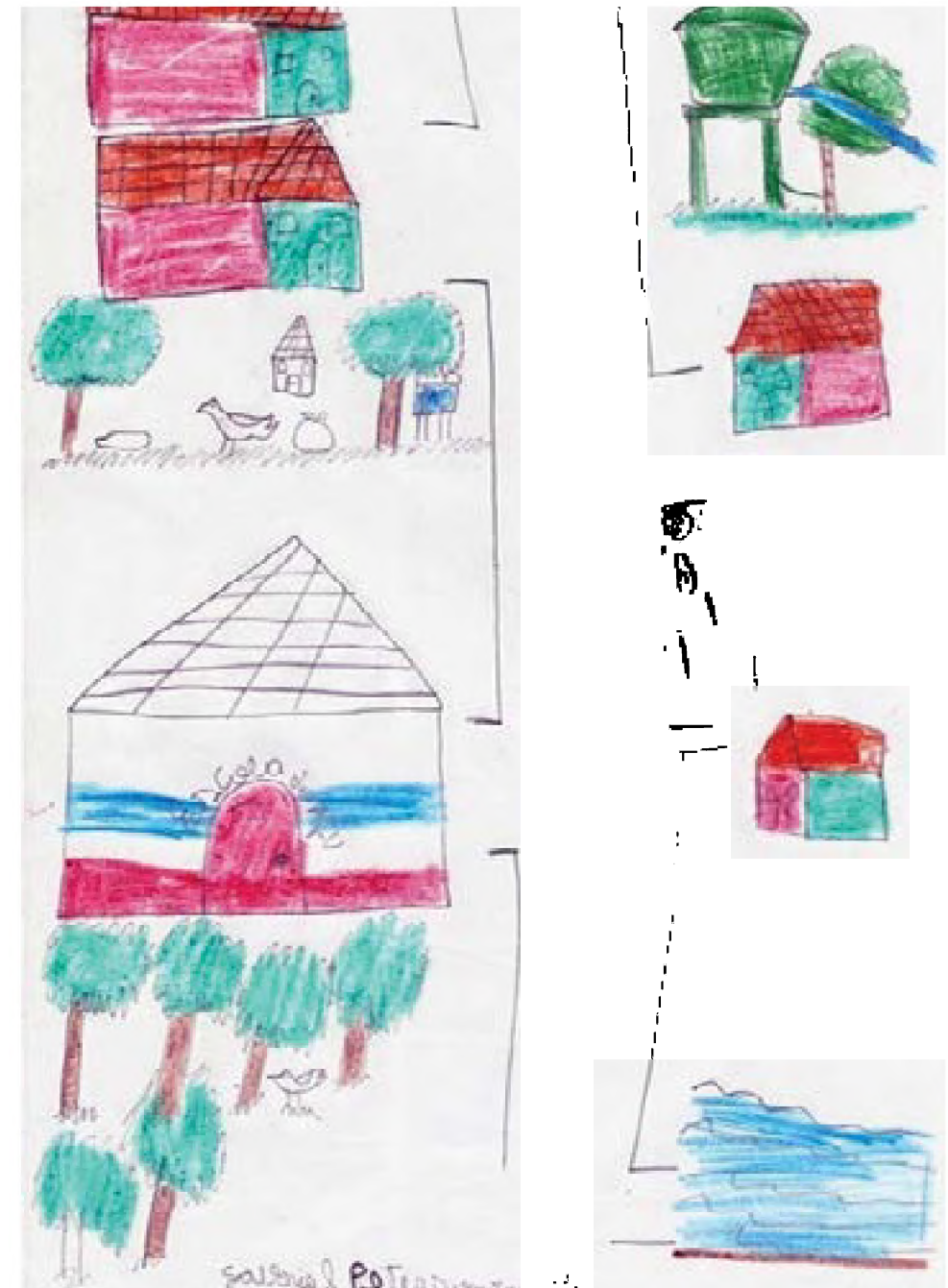
*E esse navio bateu no “rabo” do Espadarte. Ele bateu e quebrou. Dizem que ele é o maior navio do mundo. Não sei bem se a proa tá pra Belém e a popa ainda enterrada no “rabo” do Espadarte.
(Rui da Piedade Bandeira).*

Gabriel Marmédio da Bandeira



23 | Trata-se de uma área de preservação ambiental, Ponta da Romana, na Ilha dos Guarás a 10 km da sede do município de Curuçá.

A ABERTURA DA ESTRADA PA 375 E A FORMAÇÃO DE MUITAS COMUNIDADES ENTRE ELAS A COMUNIDADE DO AÇÚ



Antigamente o comércio aqui do município era tudo de canoa a vela porque não tinha motor. Ia pra Belém, mas não tinha estrada. A estrada que tinha era lá no município de Curuçá. Depois aqui em 1950 entrou o primeiro carro no município. 1950 abriram esse ramal [hoje PA-375]... que foi a DR [DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagens] que abriu. E o primeiro carro que entrou aqui foi do deputado Alcedino Campos. Foi uma caçamba da DR que entrou aí por volta de 50. Nesse tempo vendia muito porque ia muito pro Marajó e vendia também em Belém. Agora não. (Dilson Cereja dos Santos²⁴).

24 | Homem, 77 anos, comunidade Vila Nova, 30 de junho de 2012.

A estrada chegou aqui [atual sede municipal, na época, vila São João da Ponta] eu tinha 7 anos mais ou menos quando varou um trator aqui. Que tinha um cidadão, meu parente, Bandeira também, que lavou a cara [frente] do trator com uma garrafa de cachaça. E na realidade desse tempo pra cá a gente não tem boa estrada aqui. Até Vila Nova já vinha carro, mas aqui não. Eu nasci em 51 [1951] e eu tinha uns 7 anos quando o trator... eu fui correndo, eu e o Manoelito quando o trator tava no Açú, que estiveram o Açú pro trato passar. Nós saímos daqui uma molecada e de lá a gente vinha correndo. O trator vinha com a lâmina assim meio encima pra varar logo aqui e a gente vinha pulando por cima daqueles paus que o trator machucava pra chegar aqui. Era só uma festa. O pai da Fidel, o tio Marciano, ele que lavou a cara do trator aqui. Comprou aí uma garrafa de cachaça no Didi, foi lá na cara do trator e benzeu e jogou encima e a festa comeu no centro aí. Em 58 que varou o trator aqui.

O primeiro carro que entrou aqui chegou numa noite que já era pra fazer um horário daqui pra Belém que apelidaram de Rio Guaíba, que era o João Sarmento o motorista. Primeiro o trator, e quando entrou o carro mesmo já que fazia horário [viagens], entrou numa noite um caminhão capota de madeira, que era do João Avelino, de Castanhal, e o motorista era João Sarmento. E ficou pra cá fazendo horário e a turma apelidaram de Rio Guaíba. (Rui Bandeira).

Quando abriram a estrada, o meu pai, ele gostava beber, né. Aí eles já estavam todos alegres. Aí o meu pai pegou uma garrafa de cachaça e foi batizar a lâmina do trator. (Fidelquina de Sousa Rodrigues – dona Fidel²⁵).

Assim, no ano de 1958, com a abertura da estrada PA 375 até a vila de São João da Ponta, as pessoas foram migrando de seus lugares de origem para as áreas localizadas próximas a estrada. Como exemplo, temos a formação da comunidade do Açú, que foi formada por antigos moradores das localidades de Encouraçado, Barreiro e Portinho.

Segundo as memórias da senhora Raimunda Monteiro Bandeira²⁶, o local onde depois seria fundada a comunidade do Açú, naquela época, era assim:

Isso aqui era só um caminho de pedra, meu filho. Não tinha nada, só mato!

O senhor Raimundo Bandeira Coelho, lembra que o primeiro morador daquela nova área ocupada junto a PA 375 foi o senhor Francisco Moura e que depois o senhor Ovídio Pinheiro de Brito, fez uma casa.

Sobre essa época, o senhor Ovídio Pinheiro de Brito – seu Mimico²⁷ recorda o seguinte:

De lá [Encouraçado], eu comecei a trabalhar com ele [tio Legário]. Depois passemos pra casa do Dico Bandeira, da casa do Dico Bandeira passemos pra casa do Samuel e da casa do Samuel nós passeamos aqui pro Barreiro.

Sobre as pessoas que viviam na comunidade do Barreiro na época em que seu Ovídio se mudou do Encouraçado para lá, o próprio seu Ovídio nos esclarece:

Quando eu passei aqui pro Barreiro estava o João Coelho, o Pedrinho da Madá, sobrinha do meu tio.

25 | Mulher, 60 anos, comunidade Açú, 19 de maio de 2012.

26 | Mulher, 96 anos, comunidade Açú, 17 de agosto de 2011.

27 | Homem, 88 anos, comunidade Açú, 17 de agosto de 2011.



A energia elétrica em São João da Ponta, primeiramente, chegou através de um motor gerador de energia, que chegou de barco no trapiche.

Outra coisa que me lembro muito bem foi quando chegou o motor de energia. E fizeram um mutirão pra tirar o motor de dentro da embarcação, que veio por água que ainda não tinha a estrada nessa época. Eu era pequena, mas eu me lembro desse detalhe. Se reuniram, amarraram o motor com uma corda muito grossa e todo mundo puxava o motor. Lembro bem que anoiteceu puxando esse motor. Lá do trapiche fizeram uma rampa de madeira, tiraram o motor de dentro do barco e foram puxando até lá encima. (Fidelquina Rodrigues).

Depois de alguns anos, chegou a energia através de postes e fiação elétrica e também a água encanada.

Em 1961 o governador Aurélio do Carmo passou o povoado de Vila Nova, que mesmo sem ser vila sempre foi chamada de Vila Nova, a categoria de vila. Porque era um povoado. A energia chegou aqui em 1985 na época do governo Jader Barbalho. (Dílson Cereja).

A luz chegou em 85 no governo do Jader [Barbalho], a água em 86 já foi o prefeito de São Caetano de Odivelas, o Farias, que botou. Ela chegou primeiramente aqui [sede municipal]. (Rui Bandeira).

O IGARAPÉ DOS HOMENS E O IGARAPÉ DAS MULHERES

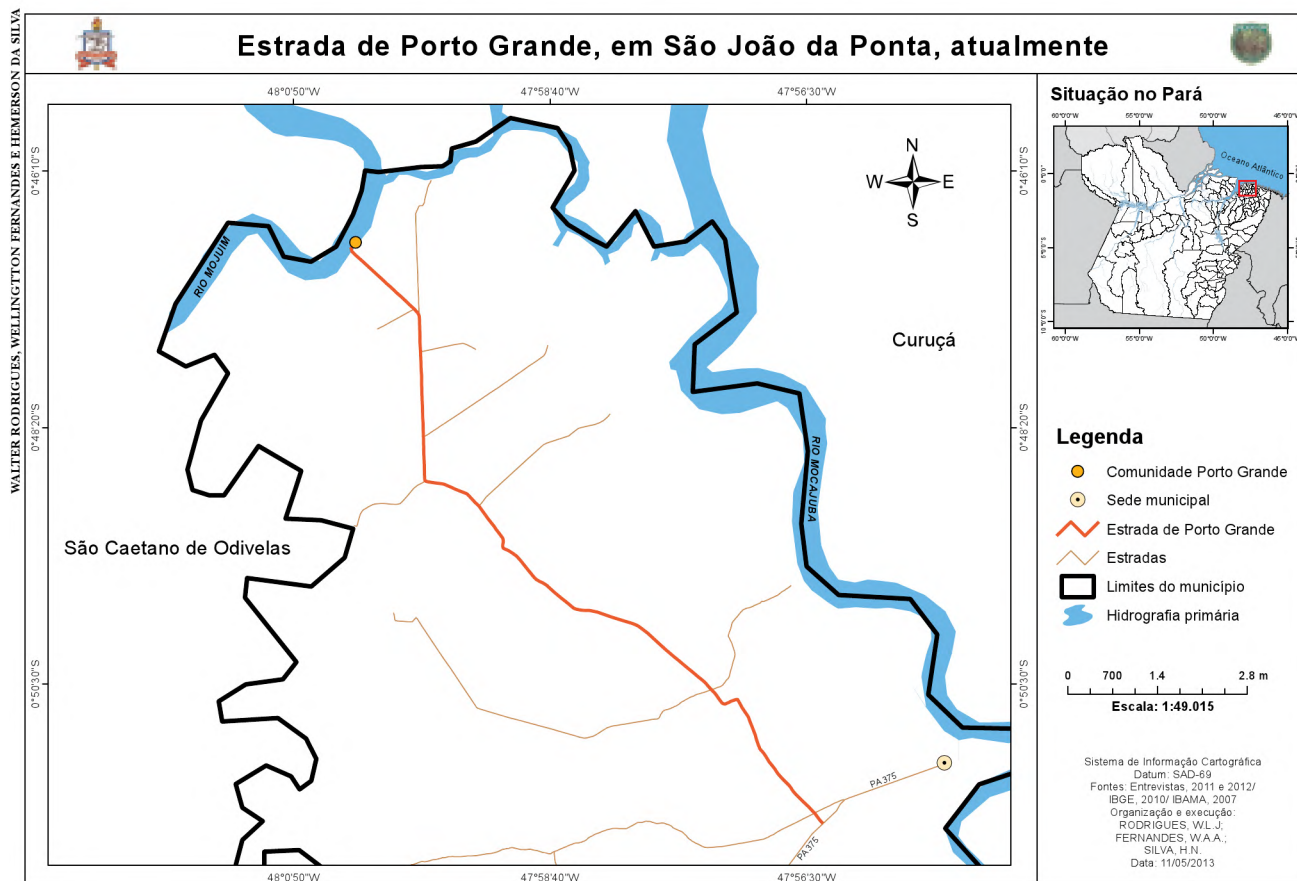


Antigamente, antes da água encanada chegar às casas dos moradores de São João da Ponta, para tomar banho, a população usava os igarapés ou as cacimbas (nascentes). Até hoje ainda há muitas referências aos chamados igarapé dos homens e igarapé das mulheres. Sobre essa época o senhor Raimundo Monteiro de Moura, o seu Santos, como é conhecido, nos explica:

Na época, como se diz, a gente tinha o respeito pelos velhos. Aí... agora não! Primeiro isso aqui era separado. Bem ali ainda hoje está o igarapé. Era o dos homens e bem aqui embaixo era o das mulheres. Então tinha uma separação de mulheres para homens.

O igarapé dos homens e das mulheres existiram em várias comunidades do atual município de São João da Ponta.

A ESTRADA DE PORTO GRANDE PROJETADA A PARTIR DOS “CÁLCULOS DE RUMOS” FEITOS POR SEU CILENO NEVES DE LIMA, O SEU QUITO



A estrada que liga a comunidade de Porto Grande a PA 375, hoje, possui aproximadamente 12 quilômetros. Ao longo da estrada estão as comunidades Coqueiro e Novo Horizonte. E ainda, através dos chamados “ramais”, a estrada liga as comunidades de Deolândia, Brasilândia, Guarajuba, Guarajubinha, Santa Clara entre outras localidades, finalizando em Porto Grande.

A primeira estrada que ligava para comunidade de Porto Grande era maior que estrada atual, com cerca de 18 quilômetros. Segundo o senhor Raimundo de Moura – seu Santos, a primeira estrada:

Passava do Coqueiro pra lá, pra varar lá na boca do Guarajuba, quem entra pro Guarajubinha era lá que varava pra Porto Grande. E agora já passa direto.

Sobre essa estrada o senhor Cilenio Neves de Lima, o seu Quito, nos conta assim:

Quem abriu essa estrada aí fui eu. Eu que tirei o rumo, calculando. O engenheiro dessa estrada aí fui eu. Da estrada de São João da Ponta [PA 375] pra cá fui eu que tirei essa estrada pra cá. Aí o governador encarregou o prefeito de fazer essa estrada, a meu pedido, e encarregou eu pra tirar o rumo, que ele não conhecia muita dessa terra. Aí o prefeito me chamou e mandou que eu

preparasse o pico²⁸, e quando o pico tava pronto e aí fui lá e eles vieram com o trator e nós viemos e eles vieram abrindo a estrada.

O prefeito de São Caetano era Teodoro Paranha Gurjão. Marcamos uma audiência em São Caetano, aonde o prefeito me convidou para estar na presença do governador Alacid Nunes e... aí eu fui e o governador perguntou se eu dava conta de abrir o rumo.

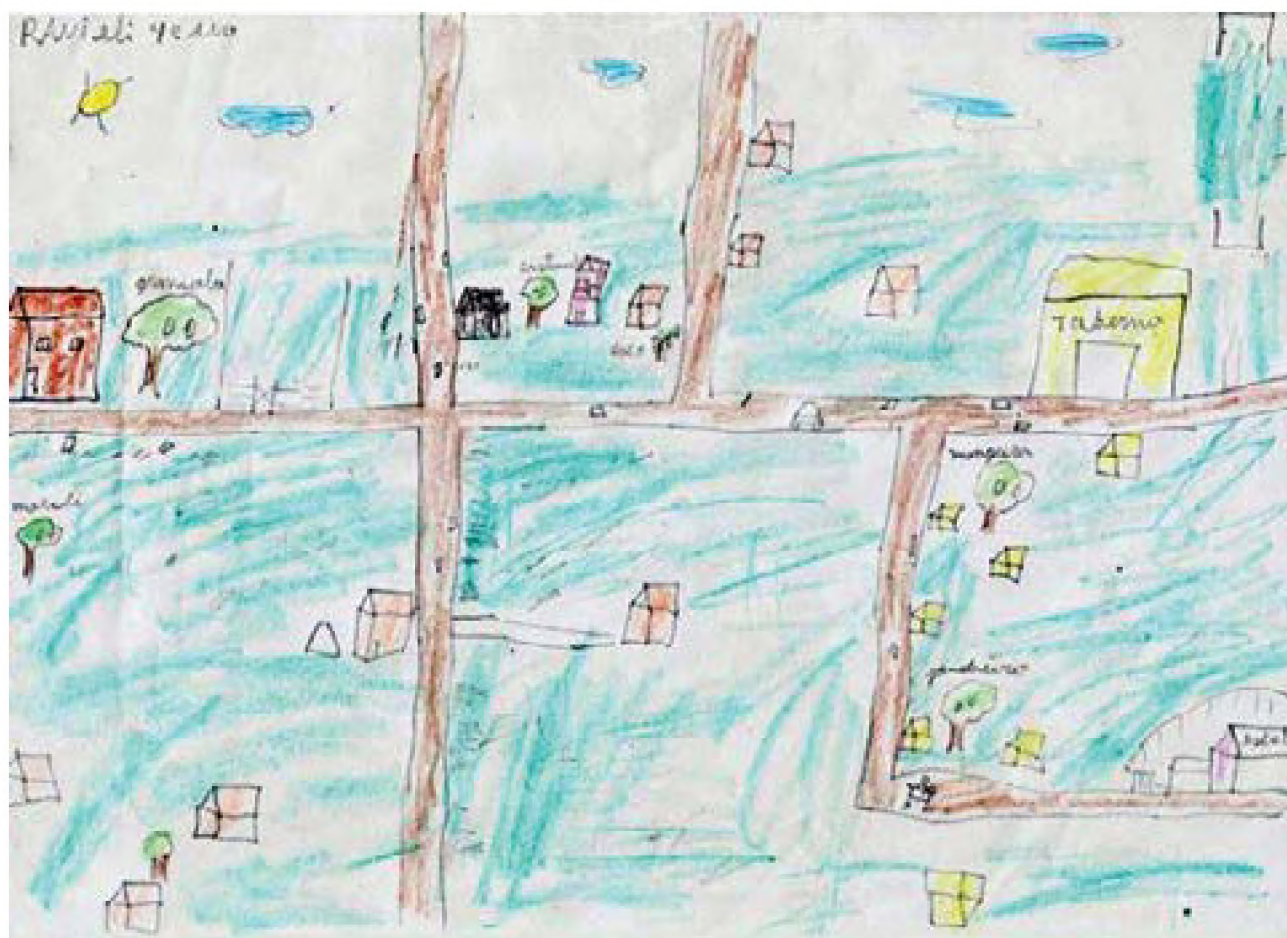
A construção dessa estrada que vem pra cá pra São João da Ponta [sede], veio pela Vila Nova, que liga pra São João da Ponta. E já da estrada de São João da Ponta que abriu essa estrada pra cá, a meu pedido pro governador do estado, pro prefeito do município, que era meu amigo. E... foi eu que foi o engenheiro do rumo dessa estrada aqui.

E como seu Quito calculava esses rumos?

Eu conhecia pelo caminho, eu era caçador também e conhecia o mato por aí todo. Eu tirei o pico, paguei seis homens para me ajudar. Durou menos de um mês. Fomos abrindo [a estrada] no terçado e na foice.

28 | Caminho estreito aberto no meio da mata fechada.

OS MUTIRÕES ORGANIZADOS POR SEU AURÉLIO DE MELO



O cara é prefeito durante 4 anos e o resto da vida é ex-prefeito convivendo com os problemas remanescentes.

Aí eu entrei, fui eleito com 63% dos votos válidos. Concorreram comigo na época, o professor Marco Aurélio e com o Ernane. Comecei uma atribulada administração. No momento da pose, no primeiro pronunciamento, eu pedi ao povo o seguinte:

- Olha gente nós lutamos e chegamos aqui. Agora é aquela coisa, sabemos do pouquíssimo dinheiro que temos pra fazer. Consequentemente não vamos ter possibilidade de fazer muita coisa. Contudo, eu gostaria que os companheiros que estão aqui comigo, lembrar uma coisa, não pense em benesses oficiais. Nós estamos aqui pra fazer. Vamos arregaçar as mangas, dar as mãos e partir para o trabalho, unidos. Peço inclusive para os adversários que esqueçam as cores partidárias. O partido aqui é São João da Ponta! Vamos lutar pra isso!

O povo de São João da Ponta é um povo maravilhoso! Tanto é... você vê porque eu consegui fazer tudo isso com tão pouco dinheiro? Sabe por quê? Porque quando eu vi que ia trazer a eletrificação, a estrada que nós tínhamos era um “cobrinha” pra chegar, não passava nem por dentro dessas localidades. Como meu projeto era 308 mil e a SUDAM só me repassou 158. Eu tinha dito ao povo que ia eletrificar o município todo e eles só me deram a metade. Eu disse: eu vou fazer com 158. O que foi que eu fiz? Eu fui nas localidades, fiz umas reuniões e disse:

- Gente, o dinheiro que eu tenho pra fazer a eletrificação vocês é esse 158 mil. Não dá! Então o que eu quero que vocês façam.

Chamei um senhor que tem lá em Porto Grande, o seu Quito.

- Eu quero sair daqui de São João da Ponta em linha reta, não interessa onde vai passar, pra sair em Deolândia.

E eu chamei os vereadores... e saímos em linha reta, por dentro da mata, igapó, caramba-a-quatro! Cheguei lá fora e disse:

- Seu Quito, o senhor marcou por onde veio?

- Marquei.

- É caminho mais perto?

- É.

- Então é aqui que vou fazer uma estrada.

- Você é doido?

- Não, rapaz.

[Risos].

Aí eu consegui, por meio de convocação do povo. Então não tive dinheiro e disse:

- Vem cá. Eu vou dar a o feijão, a cachaça e as ferramentas pra vocês. Vamos abrir isso aqui?

- Vamos.

Eu tive que abrir essa estrada pra encurtar caminho, porque se eu fosse gastar pra compra 1000 postes e muitos milhares de metros de cabos, não dava. Então eu fiz essa estrada encurtando é... e muito. Em vez de comprar 1000 postes, eu comprei 600. Então fica bem mais fácil de fazer. Então eu consegui fazer todo o projeto com 158 mil.

E abrimos. E nessa equipe de mutirões eu fiz pontes, eu fiz muitas coisas que tão aí. E foi dessa maneira que eu fiz tudo que tem no município.

Na minha época dos 4 anos. Eu tive repasses federais de 4.406.046,03 reais e eletrifiquei o município todo, abri estradas, fiz pontes, fiz hospital, escola... se você já foi em Guarajuba, Deolândia, Santa Clara todas aquelas escolas foram feitas na minha administração. E postos de saúde e etc. (Aurélio de Melo).



OS PRIMEIROS COMÉRCIOS DE SÃO JOÃO DA PONTA

O comércio em São João da Ponta se desenvolveu a partir das tabernas de comerciantes, que além de suprir o comércio local, precisavam comprar e vender mercadorias em viagens perigosas e demoradas para Belém e Ilha do Marajó em grande canoas a velas. Algumas dessas viagens eram feitas até mesmo para fora do Brasil em embarcações maiores como nos narrou a senhora Fidelquina de Sousa Rodrigues:

Meu avô, Camilo Crescencio Rodrigues, tinha um barco grande e levava farinha pra vender em Caiena. A louça do casamento do vovô e da vovó veio toda de Caiena [Guiana Francesa].

Ainda sobre esse período, o senhor Felipe Neri Ferreira Neto, recorda que:

Antigamente, aqui em São João da Ponta, tinha grandes comércios. O primeiro comércio que eu conheci era do meu padrinho Marmedio Joaquim Monteiro. Ele era filho da Vigia. Os sócios era Chico Barbado, por apelido, o nome era Francisco Monteiro. Tinha o Jerônimo. Eram os três sócios. Eles tinham três canoas grandes. O nome da maior era “Belém”, a da segunda era “Lorena” e a terceira era “Barinéia”. Era as três canoas. Essas duas últimas eram as menores e trabalhavam pescando. E a outra, a maior, era que trabalhava pra Belém levando cereais pra lá.

Depois veio os judeus²⁹ Stefanio e Kaisar. Todos os dois tinha comércio forte. Eles ajudavam os lavradores, para quando já tivesse na época de colher, para vender pra eles. Teve Chico de Assis, comerciante forte. Teve Antônio Afonso Jacó, um comerciante também forte. Teve um português... Teve Antônio Tamarú, teve o Didi³⁰. O judeu Stefanio mandou plantar algodão. Tiramos muito algodão.

Sobre os dois judeus Stefanio e Kaisar, segundo as memórias do senhor Raimundo Bandeira Coelho:

Passaram mais ou menos vinte anos [em São João da Ponta]. Ele [Stefanio] era muito bom pro pessoal. Ele mandava matar boi do Marajó pra dá pros pobrezinhos. Ele era muito bom pro pessoal.

Os irmãos Stefanio e Kaisar, após muitos anos vivendo e trabalhando em São João da Ponta, adoeceram e foram se tratar em Belém. E lá faleceram.

Ainda teve Terto Santa Rosa, Anésio... todos esses comerciantes fortes que eu conheci. (Raimundo Bandeira Coelho).

29 | A respeito da nacionalidade de Stefano e Kaisar houve uma maior concordância nas análises das narrativas orais apontando para a nacionalidade judia. Entretanto, na referência feita por seu Raimundo Rodrigues Barroso (2011) no capítulo “A Banda de Música Dr. Dionísio Bentes”, Stefano aparece como de nacionalidade árabe.

30 | Manoel Cavalcante, comerciante na ativa até os dias de hoje na Sede municipal.

A BASE DA ECONOMIA DE SÃO JOÃO DA PONTA NO PASSADO



Em São João da Ponta, no passado, a economia estava baseada principalmente na extração da malva, casca de mangue, maniva, arroz entre outras culturas de subsistência.

A gente ia daqui de canoa para vender em São João da Ponta. Vender malva que a gente tirava naquele tempo. Ia ao roçado tirava aqueles feixes de malva, raspava e botava na água. Com 8 dias já ia lavar. Fazia aqueles maços de malva lavada e pegava e ia vender. Chegava lá comprava que tinha que comprar... Tudo isso a gente fazia. Eu ajudava os meus pais a plantar roça. Nós plantava a maniva, nós plantava o arroz, o gergelim. Ajudava o meu pai pelo mangal a bater casca de mangue. Derrubava esses mangueiros que tem no mangal assim e batia e tirava aquela casca. Um bocado de casca! Aí fazia umas rodinhas de cipó, aí a gente enchia. Fazia aqueles feixinhos assim bonitinhos pra levar pro curtume em Belém, que ficava lá no Maguari. Dali saía o couro pra fazer sapato, fazer bolsa, fazer cinto, fazer tudo quanto era coisa. Era feito dessas coisas. Agora não tem mais. (Maria Bárbara Chagas Soares).

Nós não trabalhava mesmo no caranguejo. Nós trabalhava, quando eu tinha 8 anos, trabalhava assim na malva, tirando malva com minha mãe. Era capoeirão, dava muita malva e a gente vendia. Levava lá, pra São João da Ponta. Pra vender lá, daqui pra lá ainda na cabeça. Andando, de bicicleta, de barco... mas de barco era pouco. Mais era andando aí na paulada e gastava três, quatro horas, que era longe. Que não era aí pela estrada! A gente ia, atravessava aqui, ganhava os caminhos. Era tudo pelo caminho! E passava lá o Coqueiro³¹, descia, varava num rio que chamam Tupuranga, lá na beira da cidade, chegava na casa do Didi, e era lá que nós vendia a nossa malva pra ele. (Lázaro Palheta)³²

31 | Comunidade de São João da Ponta.

32 | Homem, 68 anos, comunidade Deolândia, 19 de maio de 2012.

Aonde é aquele colégio [Escola Antonia Rosa], ao lado tem a praça, era a casa dele lá, do finado Terto [Santa Rosa]. Ele tinha um comércio grande lá, tinha padaria. Ele comprava [do proprietário local]. E tinha umas mangueiras assim grandes. Ele comprava e aí o pessoal enfeixava [os cascos de mangue] e deixava lá. No outro dia ele botava na canoa já pra levar. Entrava no rio Maguari, que era o curtume lá dentro e aí ia descarregar. (Raimundo de Moura).

Eu tirei muito metro de casca de mangue. A gente tinha uma machadinha. Tinha o cabo e a machadinha. Era assim a machadinha [seu Lázaro desenha a machadinha no papel]. O mangueiro, por exemplo, era aqui. Aí, o senhor, tirava uma medida, que era isto aqui, a medida do comprimento do feixe. Aí eu tirava uma medida, e ia embancar [colocar sobre uma bancada] pro senhor, se o senhor fosse o batedor da casca. A gente tirava na semana cinco, seis metros. Era trinta e dois feixes, o metro. Eu trabalhava de segunda a quinta. Quando a maré tava morta. Aí deixava a maré crescer. No período em que a maré tava morta nós saíamos pra várzea pra tirar tala de jacitara, pra fazer umas alcinhas assim [Seu Lázaro faz com as duas mãos a forma de um círculo] umas bolinhas assim. A gente tirava duzentas, trezentas alças... Eram duas alças do feixe. A gente pegava a canoa, tirava tudinho a casca de dentro e botava no teso. Aí a gente ia enfeixar. Enfeixava tudinho e entregava pro cabra que ia comprar casca. Naquela época era mil réis. Aí não tinha outros meios. (Lázaro Palheta)

Tinha um camarada aí, que tinha uma canoa a vela, e ele comprava. Era os metros, né. A gente fazia aqueles feixezinhos [feixes pequenos] assim e fazia metrado. Aí fazia os metros e vendia o metro. E ele levava por canoa lá pro Maguari. Aquele curtume Maguari, sabe? Ali pro lado de Icoaraci [Distrito de Belém do Pará]. E era lá que eles iam. Tem o rio Maguari mesmo e eles iam bater lá dentro, no curtume. (Raimundo de Moura)

Como agricultor o senhor Cileno Neves de Lima, conhecido como seu Quito, plantou arroz, milho, mandioca, feijão, cana, banana, jerimum, melancia e outras coisas mais. A produção era vendida para São Caetano de Odivelas através do porto da comunidade de Porto Grande e dali levada para Castanhal e outros municípios próximos.

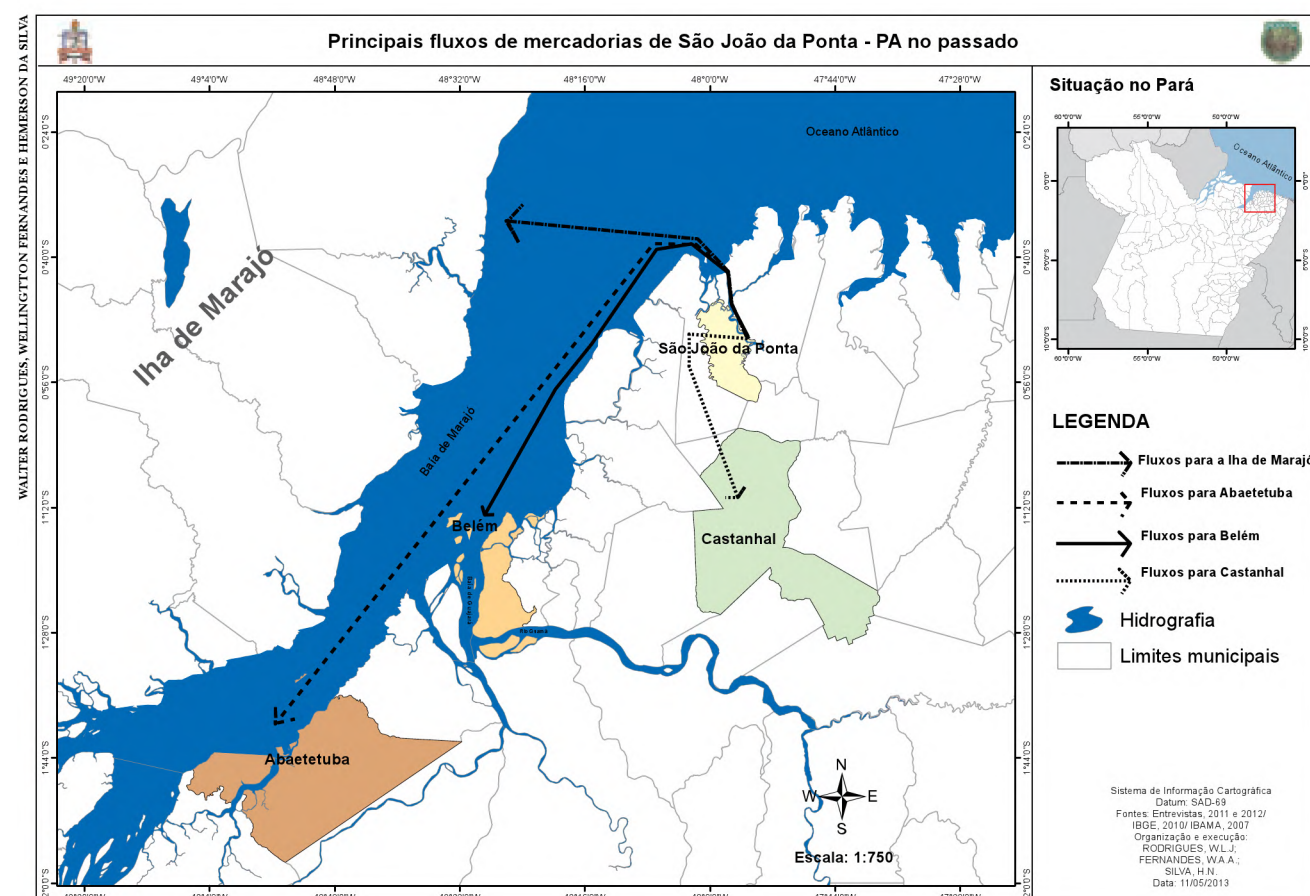
Eu conheci este Porto Grande com mais ou menos umas cinco... seis casas. Eu não era daqui. Eu era do Guarumã [atual comunidade de Santa Clara]. O papai era lavrador. Nós tinha roçado. A gente plantava milho, plantava mandioca, plantava o gergelim, plantava a batata e tudo. Plantava e colhia. (Orgarina Favacho dos Santos – Dona Mimi)³³.

Como eles faziam, por exemplo, há tempos atrás. Eles pegavam o caranguejo aqui e botavam na canoa daqui e aí iam pra Abaeté [Abaetetuba, município paraense]. Chegavam lá vendiam esses caranguejos em Abaeté e já traziam de lá o tijolo, a telha, a madeira. E como no Marajó era o local que mais vendia farinha, a farinha daqui ia direto pro Marajó. Metiam a canoa aí e iam direto pra lá. Então eles faziam uma troca dessa piramutaba salgada, da capivara, do peixe do mato que é o tamatá e eles levavam daqui e faziam a troca com eles lá. (Raimundo de Moura)

33 | Mulher, 77 anos, comunidade Porto Grande, 18 de maio de 2012.

Sobre essa época, o senhor Raimundo de Moura, recorda e lamenta:

A gente lamenta a agricultura da gente não ter crescimento. Naquela época que a gente tinha mais dificuldade do carro entrar aqui, quando ainda vinha canoa buscar aí no porto! Era arroz, era malva... Hoje, acabou! Acabou a plantação de malva, acabou a plantação de arroz, não tem dificuldades de vim, mas acabou o produto e a gente não pode vender.



O GRANDE COMÉRCIO DE FÉLIX JUDEU EM VILA NOVA



E aí nesse porto tinha uma casa de um senhor lá no começo. Que era do Félix Judeu. Era o judeu que apareceu por aí, botou um comércio grande e aí botou uma serraria. Dessa serraria ele levava madeira pra Belém, pra todo quanto é canto. Tinha um barco grande que o nome dele era “Vênus”. Aí nessa serraria... ele vendia forno, vendia tudo quanto era tipo de mercadoria para os agricultores. Financiava os agricultores para trabalhar na roça, na lavoura. Dava forno quando não tinha, era aquele negócio de pote, roupa, rede, tecido, foice, enxada todo o material de agricultura ele tinha. Quando ele não vendia assim a vista ele trocava por farinha, milho, com arroz... era na troca de mercadoria. Quando o cara queria um dinheiro lá ele perguntava: “Mas pra que quer dinheiro?” [Dílson faz uma voz rouca imitando]. Porque tinha tudo lá, né. Tinha tecido, roupa, sandália... todo o material. Negócio de alimento ele tinha tudo. Ele trazia até do Marajó nesse barco dele boi, capivara, peixe seco, jacaré, tartaruga. Trazia tudo pra cá vivo. Vinha vivo! E ele vendia pro pessoal.

Lembro que o meu pai fez um mutirão grande e comprou um boi dele. Esse boi que ele comprou e ele trouxe uma banda lá de Curuçá pra tocar lá pra dentro dos matos. A gente fazia aqueles mutirões e dava gente... Ainda mais gente quando tinha um boi pra comer!

Aqui tinha pouca gente. Mas aí vinha muita gente de fora. Pessoal que vinha aí de Boa Vista, daí do lado de Curuçá, de São Caetano... eles vinham trabalhar pra cá. Porque a agricultura era muito forte. Aqui tinha pimental de japonês que enriqueceram aqui e depois foram embora.

Os comerciantes aqui... tinha comerciante aqui que comprava 8 mil sacas de arroz. Aqui fazia uma renda, mais ou menos, de 30, mais ou menos, a 40 mil sacas de arroz por safra. Tinha agricultor como meu pai que ele trabalhava um mês e fazia 150, 170 sacas de farinha, 200 de arroz, 80 de milho e saía aí vendendo pro lado do Marajó, que era pra lá que se vendia. Aí depois acabou a serraria do Félix Judeu. Quando eu me lembro era uma loja muito grande dele aí no porto. Hoje o senhor vai ver ainda existe a casa lá. Era o maior comércio que existia aqui. Do Félix Judeu, que era o pai do Vavá Nauá que já foi prefeito de Curuçá. (Dílson Cereja).

Era uma casa grande. Era bem sortida aquela casa dele. Ele tinha uma serraria. Depois ele foi embora pra Belém. Ele comprava farinha, arroz, tudo ele comprava. Também tinha outros comerciantes aqui. O Pedro Pereira, o seu Manoel Pinheiro... (Andrelinha Silva³⁴)

34 | Mulher, 78 anos, comunidade Vila Nova, 30 de junho de 2012.

BARCOS AO SABOR DA MARÉ, O COMÉRCIO ITINERANTE DE SÃO JOÃO DA PONTA

De canoa, nesse tempo, pra gente ir pra Belém e voltar, eram 8 dias!
(Ovídio Pinheiro de Brito).

De vento-em-popa na vazante da maré e o trágico naufrágio da canoa Rodrigo na pedra de Ajuruteua

A gente comprou uma canoa grande de um português aí de São João da Ponta. Ele tinha duas canoas. Uma era “Isabel” e a outra era “Rodrigo”. Compramos a canoa “Rodrigo”. Foi nessa época que fechamos o nosso comércio de vez. Deu certo na safra aqui. E a gente comprou todas as safras de arroz, legumes tudo, milho e outras coisas mais. Empregamos todo o capital no negócio do legume, do arroz, do milho...

E ele levou tudo para vender em Belém. Ia o pai desses pequenos aqui, meu cunhado Manoel Santana e a comadre Salú. Eles foram correndo de vazante, vento-em-popa, aí do Taiçu para cima. Foi quando ele se lembrou da pedra de Ajuruteua e meteu o pé na cana de leme, mas a canoa já tinha montado em cima da pedra...

A maré ainda estava vazando naquele momento, tanto que a canoa ficou ali parada sobre a pedra. O perigo foi quando a maré começou a encher. Ventava forte, pra cima em popa, como quem vai pra Belém. E a maré estava de enchente. Eles fizeram de tudo para tirar a canoa de cima das pedras, empurrando para todos os lados. Como mover uma canoa pesada como aquela, ainda mais com a enchente e o vento? Não teve condição. E a maré foi mexendo com a canoa, batendo contra as pedras. Com mais umas três socadas, ela furou. Aí não teve jeito, a maré foi enchendo, a canoa foi enchendo também. Não demorou e a canoa boiou e foi-se embora com tudo.

Ficaram em cima da pedra o meu cunhado Manoel Santana e minha comadre Salú. Então a maré foi enchendo e eles já não estavam mais aguentando ficar em cima da pedra, porque a maré tirava. Vá que nessa agonia, Deus mandou um reboque, que vinha pelo canal de terra no rumo da Vigia.

Eles fizeram aceno, aceno e gritaram, gritaram até eles prestaram atenção que era gente que estava lá. E vieram e jogaram um cabo, mas nenhum deles conseguiu pegar, então o reboque se afastou das pedras, e quando ele voltou, tornou a jogar o cabo, mas eles não pegaram. O proeiro do reboque observava que os dois já não estavam mais aguentando, ainda mais o meu cunhado Manoel Santana, pois a comadre Salú estava atracada no pescoço dele, com muito medo. O reboque se aproximou mais três vezes lançando o cabo, até que os dois conseguiram pegar e levaram eles para Vigia. Só com a roupa do corpo! Mais nada... Aí pronto, acabou, fechou a taberna porque não teve mais capital. (Ovídio Pinheiro de Brito).

De barco à vela de São João da Ponta para Ilha de Marajó e Belém

Viajar a vela era meio russo. Tem vezes aí fora [no rio] que fica que nem isso aqui. Não tem vento, não leva a vela... Remar você não vai se preocupar remar porque não adianta, não faz viagem. Até cair uma araganzinha de vento. Sair daqui, no inverno, levava dois, três... dias a vela.

Meu pai tinha um reboque bonito. Ele comprava farinha... ele convidava e nós íamos. Ele dizia “Olha, eu não vou te pagar. Tu também não paga nada. Vai lá e faz do jeito que tu quiseres”. Ele me avisava uns 15 dias antes. E dizia assim: “Eu vou comprar umas farinhas. É tu vai comigo pro Marajó”.

Ele se virava e comprava trinta, quarenta sacas de farinhas. E aí... eu também já ia me arrumando. Comprava tucupi, botava na pimenta, botava trinta litros, quarenta litros, comprava carvão, levava carvão pra vender lá. Também fazia os meus negocinhos. Eu chegava lá e os pescadores:

- *Ei, cadê o tucupizão!*
- *Tá aqui.*
- *Quanto é o litro?*
- *Rapaz, eu não vendo. Eu troco por peixe. Tá aqui. Tu das o peixe e eu te dou o tucupi.*
- *Me dá pra cá um litro. De tarde tu passas aqui.*

Eles não me davam porção, me davam duas, três piramutaba. daquelas porrudas!

Quando a gente ia pra lá, pro Marajó, a gente atravessava pra Belém e vendia também no Ver-o-Peso. Mas, primeiro a gente entrava no Pacoval, que lá que era o foco. Eu levava um saco e ia só guardando os peixes, só lanhando e salgando. Quando eu chegava eu trazia quatro, cinco arrobas de peixe. Todo aquele dinheiro era pra mim.

Assim que a gente vivia. Trazia pra cá [Deolândia], vendia ali pro Didi, vendia ali para o lado do Candelha, vendia ali para o lado da Vila Nova. Assim que era o nosso giro. E quando a gente ia pra Belém era galinha, caranguejo, laranja... o que fosse.

O nome do primeiro reboque era “Viva o Brasil!” e o outro era “Pindorama”. Era do meu pai, o senhor Brasilino. (Lázaro Palheta)

Os caranguejos de São João da Ponta viajando rio acima numa viagem de oito dias

No tempo do meu pai, que ele trabalhava, era canoa grande. Dava soatá. Sabe o que é soatá? Não sabe, né? Que anda o caranguejo [pelo mangue] é soatá. Vai começar agora em janeiro, fevereiro, março até abril é o último soatá, que é das condessas [caranguejo fêmea]. Aí a gente pegava os caranguejos e metia nas peras, não era em sacas como agora. Colocava nas peras e iam embora à canoa pra Belém. Eles desciam pra cá, para o oceano. Aí passavam defronte com São Caetano e iam embora pra Belém vender o caranguejo. Passavam oito dias pra lá, pra chegar e pra vender o caranguejo. Depois eles voltavam pra cá. (Maria Bárbara Chagas Soares).

A GENTE TRAZIA NA PALMA DA MÃO A MARÉ DO PESQUEIRO

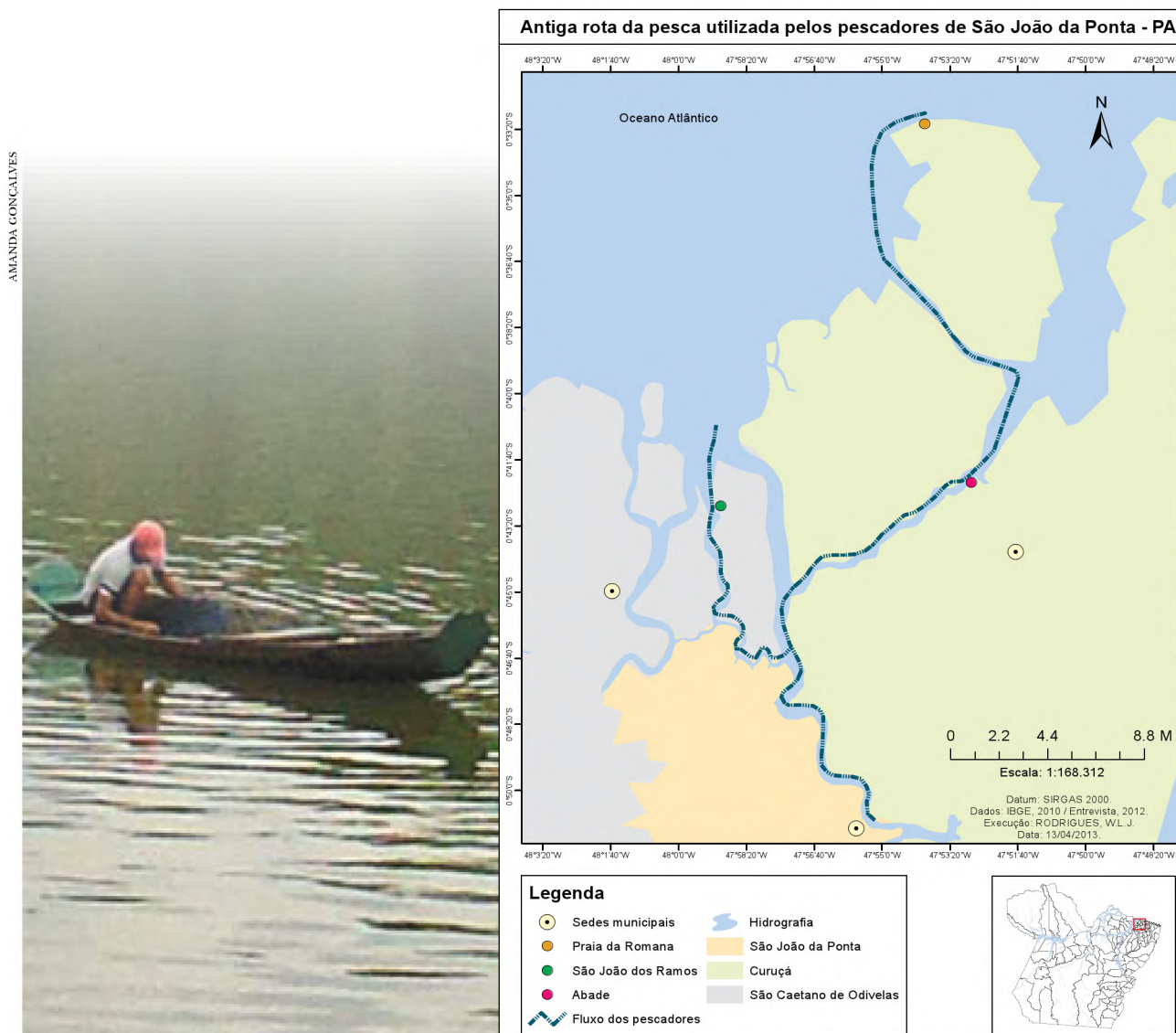
Eu pescava. Daqui eram 4 horas de viagem de remo. São João dos Ramos. Era São João dos Ramos, Abade... a gente saía daqui pelo Abade e ia sair lá pela Romana [praia de Curuçá], aí a gente varava aqui pelo furo grande. E de lá a gente vinha pescando até chegar pra cá.

A gente tinha uma medida aqui. Saía daqui e quando a gente via que a água tava suja, porque é mais raso, a gente ia pra lá. Quando a água clareava a gente caía pra cá, que era mais fundo. A gente trazia na palma da mão a maré do pesqueiro [rio com muitos peixes]. Não tinha mais como errar.

A gente fazia o seguinte: [lua] minguante, era morta pequena; [lua] crescente, era morta grande. A água não clareia como na morta pequena, a água não tem paradeiro. No momento que você vê a maré encher, ela tem um paradeiro, depois ela torna voltar então pra dá preamar. Já a morta grande, não. Ela corre mais e suja mais a água e o pesqueiro é mais raso pra gente pescar. E na morta pequena, que a gente chama que o quarto minguante é o período mais fundo porque a água é mais clara.

A gente pescava corvina, pescado, guarajuba, mero... conforme o pesqueiro tudo isso dava. A gente passava 4 dias e ganhava 200 cruzeiros na época. (Raimundo de Moura).

AMANDA GONCALVES



A TRÁGICA SAGA DOS 16 TRABALHADORES DE SÃO JOÃO DA PONTA

Na madrugada do dia 03 de maio de 1973, 16 homens deixaram a vila de São João da Ponta. Com o objetivo de trabalharem numa fazenda no interior do estado do Pará, esses trabalhadores não sabiam o que os aguardava ao chegar ali. Condições insuportáveis de trabalho. Tratava-se de mais um vergonhoso caso de trabalho escravo, que infelizmente ainda hoje é uma realidade em nosso país. Um dos casos mais impressionantes que aconteceu no estado do Pará será narrado aqui por um dos sobreviventes, o senhor Rui da Piedade Bandeira. Naquela época, o seu Rui, foi procurado por um homem chamado Adelson que pediu para ele convidar o máximo de outros homens para um trabalho em uma determinada fazenda. Tal episódio resultaria na fuga desesperada desses trabalhadores pela mata selvagem e uma incrível história de luta e superação.

Quando um certo Adelson pediu para Rui Bandeira convidar 20 ou mais homens de São João da Ponta para trabalhar numa fazenda

Olha o nome dele é Adelson, fomos contratados por esse Adelson né, convidado. Chamava-se nesse tempo gato, né, que era quem convidava essas pessoas. Então ele pediu pra mim que convidasse quanto eu pudesse. 20 ou mais. Veio fazendo uma proposta aí de deixar dinheiro pras famílias, pra quem tivesse família. Rapaz que quisesse deixar pra sua própria mãe ou pai. Uns pegaram. Eu, pelo menos, não quis, né. Eu consegui 16 pessoas comigo.

Saímos daqui numa noite, parece que no dia 03 de maio de 73. Saímos daqui 1 hora da manhã. Aí ficamos no Entroncamento [KM 0 da rodovia BR 316 em Belém do Pará]. E ele foi acertar o ônibus, porque tinha outras pessoas pra levar pra Santana do Capim. Chegamos lá por volta do meio dia ou mais. Ficamos o restante do dia. Quando o barco chegou na manhã seguinte às 5 horas da manhã, saímos na direção dessa fazenda que o nome é Alaci com proposta de 3 ou 4 horas de viagem. E foram 5 dias e 5 noites. E lá no barco... Foi aquilo que falei ali. Me dei lá com o piloto, com o Armando. Ele já foi me dizendo como era. Talvez ele até teve pena de mim. Aí falou que eu tava vestido numa camisa de onze varas³⁵ com meus amigos.

Nós chegamos lá quando completaram realmente os cinco dias e as cinco noites. Aí falamos com determinada pessoa que deram que era Zezinho e ele... disse que tinha que tirar logo um rancho [mantimentos] e voltar no dia seguinte pra completar. E pegou duas pessoas que com certeza devia ser os pistoleiros e mandou nos deixar no local pra fazer barracão aí... Chegamos pra lá com a noite, onde era pra fazer o barracão. Dormimos tudo assim com as rede amarrada nos paus da mata. No dia seguinte a gente foi fazer um barracão pra com certeza morar por alguns tempos.

Exploração do trabalho escravo e a fuga desesperada mata adentro

E o mato era mata virgem mesmo que a gente nunca tinha derrubado de machado, no entanto, vimos que o serviço não compensava. Já que nosso trabalho nunca pagava as dívidas que tínhamos com o barracão. Porque quando chegamos lá, já chegamos devendo até o transporte que nos levou pra lá. E fomos convidados

35 | Uma pessoa que tá numa bronca. Eu tinha um tio que dizia “Ah, meu irmão! Tu nunca te vestiste com uma camisa de onze varas e eu me vesti”. Que dizer: já sofreu alguma coisa. (Rui Bandeira)

então pelo um senhor que também comandava uma equipe de Bragança [município paraense], que já tava lá fazia um mês. E que não tinha meios de voltar de lá, que o que trabalhava não pagava a despesa. No dia seguinte o pessoal de Bragança não compareceu lá no barracão onde a gente tava. Eles foram buscar rancho. A noite a gente queimou o barracão, quebrou os pratos, furamos as panelas.

Conclusão que deu umas 9 horas da manhã eles não chegaram e nós saímos na caminhada. Até que no primeiro dia nos perdemos e... eles de Bragança, como a gente se perdeu, teve um dia de caminhada, a gente se reencontrou na mata depois que eles pegaram a nossa trilha. Aí a partir disso a gente dormia na mata mesmo. Chegava a noitinha a gente dormia era um desespero muito grande porque a gente imaginava assim “Será que dois, dias, três dias a gente vai varar em alguma estrada, em algum socorro”. Aí isso não aconteceu.

No início foram os 16 de São João da Ponta e os 17 de Bragança

Quando a gente tava com o pessoal de Bragança tinha um senhor lá de nome de seu Antônio. Ele arremedava anta na mata. Diz que ele era meio caçador. Bom de tiro pra caramba. Ele apontava assim num mutum de dia e tu só ouvias a porrada cantando no chão, arriava o mutum.

Aí ele disse uma noite:

- Vou matar uma anta.

E ele tinha o assobio dele assim que arremedava a anta. Só ele que foi. Nossa equipe ficou toda assim [juntos]. Os 16 nosso e os 17 dele. E ele saiu só ele com a espingarda cartucheira. Quando ele veio passou por nós assim e disse:

- Olha, eu não vou mais arremedar a anta. Bem ali agora eu não queria atirar, uma onça muito grande! Podia ela não morrer e partir pra cima de mim e ainda vim aqui pra cima de vocês. Então eu não quis atirar, tomem muito cuidado, fiquem calados aí. Outra coisa: vocês tão ouvindo esse assobio forte no mato? Isso é daqueles macacões, orangotango não-sei-o-que-e-tal. Se ele pegar alguma pessoa ele coloca debaixo do braço e leva.

Ah, meu amigo! Quando ele disse isso quem tinha rede queria saber de colocar a rede mais encima. E os que não tinha mais rede, que já tinham perdido a rede? Eu comparei assim, assim com uma porca quando tem tantos filhotinhos que um fica por cima do outro pra pegar a teta dela. Só que a gente ainda tinha fogo ainda. O fogo salvava a gente de muita coisa. Fazia aquele clarão! Tudo isso era umas passagens assim tristes...

A separação dos 16 de São João da Ponta dos 17 de Bragança

Quando a gente ainda tava com eles, a gente encontrava muito guariba [macaco] na mata a gente assava e comia com eles. Mas depois a gente se separou deles mesmo. Aconteceu que uns dez dias ou mais a gente se separamos da equipe de Bragança.

Os 16 de São João da Ponta: grandes desafios a serem enfrentados

No dia em que comeram uma cobra crua eu não comi. No dia em que cortaram um jacaré, que acabou o fósforo, do jacaré cru eu também não comi. Mas do outro dia eu comecei a comer ovos de jabota,

que a gente rachava ela. Aí eu comecei a comer ovos assim crus. E depois eu fui obrigado a comer a carne do jabuti cru mesmo com palmito de bacabeira, né. Antes quando tinha o fósforo a gente cozinhava quatro, cinco e seis jabutis até que era bem gostoso só que era ensosso, não tinha sal também. Mas pelo menos tava cozido, né. E depois foi cru mesmo. Todo o jabuti foi comido cru, dividia, eu repartia tudo aquilo, os palmitos de bacabeira...

O caso das frutas que não se podia comer

Teve um determinado dia que comemos uma fruta que eu não quis comer que a gente tinha uma impressão assim: “Tudo que o macaco comer não deve ser veneno, se ele tá comendo. Senão ele morreria”.

E chegamos assim debaixo de uma árvore. Tinha muita dessas frutas. O pessoal pegava assim de monte. E eu ainda meti uma na boca, mas não comi. Como eu não comi, o Robertinho, que é professor aqui [São João da Ponta] também... “Eu não vou comer, o Rui não comeu eu também não vou comer”. Meu amigo... eles comeram, comeram bastante aquela fruta. Comiam porque tavam com fome mesmo. E depois daquilo a gente começou a caminhar. Aí esse Chofer que eu te disse que botei as cinco músicas, pois eu lembrava muito dele, ia na frente. Uma hora ele disse assim:

- Rui, eu não vou mais andar porque eu não enxergo mais nada. Escureceu minha vista. Eu não tô enxergando mais nada. Tá girando tudinho. Tá me dando uma coisa.

Chofer era o apelido dele, o nome dele era Raimundo.

- O Chofer não tá mais dando conta de andar e a gente vai dar um tempo aqui. A gente vai para, ver se ele melhora.

E esse Robertinho que vinha bem atrás de mim disse:

- Não, Rui! bora embora segue cada um só. Se morrer, morreu; se ficar, ficou!

Eu disse:

- Negativo. Não é assim não. Vamos ver...

Só fiquei eu e esse moleque que não caiu. O resto só... e aí o mais velho da turma:

- Compadre Rui eu tô porre. Eu quero ir ao compadre Aristides, na Pipira [comércio existente na época em São João da Ponta] tomar mais uma aí que eu tô muito porre.

Todos eles:

- Eu não dou mais conta de andar não. Tá rodando minha cabeça.

Aí os que tinham rede, eu amarrava as redes; os que não tinham, eu botei palha de bacabeira, forcei assim [o chão] pra eles deitarem. Te juro! Naquela noite eu pedi assim pra Deus se tivesse deles morrerem por causa da fruta, que eu deveria comer daquela fruta e morrer também, por que eu ia ficar só eu e o moleque?

Aí quando foi assim de tarde que deu o negócio que eles ficaram assim todos deitados... Rapaz, nunca tinha acontecido, deu tanta de umas mutuconas que dá no cavalo, no animal, no boi. Que eu botava esse moleque pra bater mutuca deles, e eu ia carregar água. Só que ficou longe do igarapé. Eu arrumei uma sacola, arrumei um cipó e ia lá num barranco e colocava, e quando enchia a sacola eu vinha... e os caras queriam água, água, água, água... Égua! E escureceu aquela tarde eu carregando água pra eles. E o rapazinho batendo mutuca. Até que escureceu e as mutucas também sumiram... E eu

só ouvia o pessoal ressonar assim de noite. Só eu acordado e o molequinho. Acordado, ele dormiu também, né. E esse Chofer tava do meu lado na rede e há essas horas eu chamei ele e disse:

- Chofer, como é que tu tá?

E ele disse:

- Com muita dor de cabeça, rapá, muita dor de cabeça. Eu não tô vendo nada.

E eu disse:

- É porque tá escuro, te ajeita aí e vamos ver se melhora.

Sei que esse pessoal só foi melhorar, meu amigo, quando completou 24 horas. Quando completou 24 horas que começou a levantar um aqui, outro ali. Aí eu disse: “É... estão bem”. Aí eu fui, tirei uns palmitos, carreguei água. Alguns melhoravam e já iam lá onde se pegava água e bebiam lá mesmo. Puxavam na sacolinha e já bebiam. Outros ainda tinham que trazer água ainda. E só fomos sair lá, nesse dia, eram umas 3 horas da tarde.

- Já dão conta de caminhar?

- Já...

Ainda tudo fraco...

O gigantesco Tatu Canastra e o terrível grito do Mandico

Tinha noite que a gente não conseguia dormir, a onça ela... quando tinha fósforo a gente fazia aquele fogo às 6 horas da tarde, né. Tinha bastante pau na mata e passava a noite inteira com aquele fogaréu e espantava o bicho feroz da mata. A onça ficava a noite inteira rodeando. Acho que ela via a gente de dia que era muito e ficava receosa de se aproximar...

Teve uma história, uma noite que a gente dormiu. Daí eu... esse tio Loló, esse que faleceu, era compadre desse Mandico.

- Olha! Tem uma passagem [rastro] de um tatu. Vou amarrar nossa rede - eles tavam juntos na mesma rede - aqui encima dessa passagem desse tatu. Compadre Rui me dê o terçado quando o tatu vim eu vou cortar ele pra gente comer.

Tá bom... O Mandico pegou no sono... Rapá! Não demorou o tatuzão, que é muito grande... Já ouviu falar dessa marca de tatu canastra? O buraco dele dá um homem dentro. É um marca de tatu grande. Rapá, quando esse bicho vinha na passagem umas sete horas da noite a gente tudo no escuro, o tio Loló disse assim pro Mandico:

- O tatu vem aí.

Só que o Mandico tava dormindo e ele não percebeu. Só que esse tatu assim no silêncio da noite, rapá fazia uma zoada, o bicho era grande, vinha arrastando mato e dava até de pensar que era onça. Esse tatu veio até a beira da rede deles. E eu tava com a rede próxima. Ele me pediu o terçado que tava debaixo da minha rede e eu dei pra ele. Mas ele não ia matar um tatuzão daquele com uma terçadada não. Quando o tatu se aproximou da rede que o tio Loló tava, ele se aplumou todo pra cortar o tatu, esse Mandico se espantou com o fungado do tatu na beira da rede e deu um grito alto de noite. Gritou:

- MAMÃE A ONÇA!

E o tio Loló:

- Cala boca que eu vou cortar o tatu!

Ficou em graça aquilo. Mas vou te dizer que foi um grito feio. E os demais que tavam dormindo encima da palha pensavam que a onça realmente ia levando o Mandico.

A separação dos 16 em dois grupos: Grupo dos 7 e Grupo dos 9

O Grupo dos 7 (Moacyr, Pedro, Jovinho, Borginho, Bermuda, Quirino e Peruca).

Caminhamos mais uns outros dez dias, e nós dividimos o nosso grupo. E ficamos um grupo de 7 e outro de 9.

Quando a gente ainda tava os 16 juntos ele [Moacyr, cunhado de Rui] dizia assim:

- Ah, eu não vou mais andar! Eu vou me meter uma faca!

Ele era assim meio neurastênico, sabe. Essa vez ele conseguiu adobrar [convencer] esses setes pra ir com ele. Eles saíram pra um lado; e nós pro outro. Só que eles encontraram nossos vestígios e depois eles vieram caminhando atrás.

Então era assim, quando davam 7 horas da manhã a gente levantava por ali. Café realmente não tinha. Não tinha o que beber e o que comer. E umbora caminhar. Só que a gente [os 9] já vinha caminhando na beira desse rio Surubijú.

E eles [os 7] também já vinham caminhando, só que mais atrás. Então os três que ainda estão vivos aí contam que morreu o Borginho. Não deu mais conta de andar, pediu pra amarrar a rede e na travessia de um igarapé ele gritou pro irmão que é esse Quirino, ele voltou lá, quase que ele mata o irmão porque ele se agarrou com o irmão parece que ia morrendo e gritava:

- Não me deixa! Não me deixa!

Tinha família já ele. Ele conseguiu escapar, mas depois foi morrendo. E ficou na rede lá morto. E aí vieram os seis.

Quando foi uma manhã, esse meu cunhado, como eu tô te dizendo, ele era assim desaforado, né, falou:

- Eu não vou mais caminhar na beira desse igarapé não! Quem quiser me acompanhar é pra cá agora. É pra cá agora e eu já vou!

E ele era assim. E saiu três, ele e mais dois e ficaram os outros três.

- Não Moacyr, umbora aqui beirando o igarapé.

- Não, não. Quem quiser me acompanhar é pra cá! Se tiver que morrer é aqui pra frente.

Dessa hora ninguém sabe dele até hoje, nem dos três [que acompanharam ele], né. Os outros três caminharam naquela manhã. A gente já tinha passado por lá, e eles acharam nosso vestígio. Aí eles tiveram sorte. Dormiram nesse dia só os três. Dormiram e quando foi de manhã lá eles escutaram a zoadá de um barco. Então lá a área da várzea era muito espinho, taboca. Aí escutaram a zoadá de um barco e correram. Quando eles foram chegando aonde os barcos ia passando eles pediram socorro. Aí o barco pegou ele. Ia de subida levando rancho pra uma fazenda no rio Surubijú. Tanto que esses três foram passar lá onde o Borginho tinha ficado morto. Deixaram o rancho e voltaram. No mesmo barco, pediram passagem e voltaram e vieram parece que até pra Belém. . . Sei que chegaram pra cá apenas três dos 7. Que foi o Bermuda, Quirino e o Peruca. Um morreu, não deu conta de viajar e os três foi esse que o meu cunhado levou, ele e mais dois: o Pedro e o Jovinho. O nome desse meu cunhado era Moacyr.

O Grupo dos 9 (Rui, Joci, Robertinho, Mandico, Chofer (Raimundo), Loló, Silvino, e mais dois homens nomeados na entrevista como “o mais velho do grupo” e “um dos mais fortes que pifou” segundo Rui Bandeira”)

Quando a gente parou tipo assim numa prainha na beira do rio. E já tinha os que não davam conta mais de caminhar. Uns já estavam com os pés todo feridos, outros fracos, deu até bicho no pé de um rapaz. E aí foi que a gente teve a ideia de fazer a jangada. No primeiro dia que a gente fez a primeira, à noite, um dos mais fortes “pifou”. Deu febre. Teve até um que convidou:

- Rapá, umbora quem tiver acordado nessa jangada a gente vai embora.

Eu disse:

- Não. . . se for pra ficar vai ficar todos nós aqui. Aí esse Chofer, ele até me animou, dizendo certa noite:

- Ei, Rui, bora fazer mais um pedaço de jangada aí.

De manhã, fui só eu e ele derrubar um pau, lascar, só um machado, derrubamos ela lá de cima embaixo, amarramos e deu pra gente sair de tardinha. E ela saiu assim. Não deu pra gente emendar devido a correnteza e. . . cinco foi numa [jangada] e quatro foi noutra.

Aí andamos umas tantas noites de jangadas e dias. Então encostamos num barco de uma equipe de São Domingos do Capim, uma gente que era até boa de coração. Aí nos acolheu lá. Passamos três dias com eles lá. Não podemos demorar lá devido problema de farinha. Outras coisas não! Muito peixe, muita caça. Aí uniram as jangadas pra gente e disseram assim:

- Vocês vão andar 7 dias e 7 noites pra vararem no rio Capim.

Porque a gente tava num braço [de rio] por nome Surubijú. Tanto é que nós varamos no rio Capim a água corrente assim puxou pra lateral, e a jangada bateu num pau desses paus que recuam assim no mar e aí prendeu debaixo. Era uma véspera de Santo Antônio, mês de junho, aí nós saímos de lá em torno das 9 horas da manhã. A gente conseguiu atorar [cortar] um pau que a jangada ficou debaixo dessa grossura assim com um terçadinho picando, picando, picando até conseguir atorar. Aí lá a gente já saiu de novo e ficamos mais na frente num senhor de nome Paquito que nos deu macaxeira pra tomar mingau e nos levou até pra tirar um arroz com ele. Também ele não podia ficar com a gente não porque ele era muito pobre. E de lá a gente já pegou um outro barco e. . . fomos dividindo.

Assim já ficou num lugar onde a gente encostou. Teve até um menino que também é vivo aqui, o Silvino, ele ficou num lugar aí na beira do Alto Capim. E já que um senhor convidou ele pra trabalhar, e ele era meio gaiato e um pouquinho inteligente, ele até lecionou numa escolinha na beira do rio Capim, ficou pra lá e com dois anos o homem veio deixar ele aqui.

Tanto é que nós chegamos aqui pra Santana do Capim, já chegamos da minha equipe só 7. Um ficou aonde tava essa jangada, lá onde os caras pescavam e tavam tirando frejó e disse que já não ia mais, que ele já não aguentava e ficou com os camaradas lá. E o outro ficou onde o camarada pegou ele até pra professor.

Chegamos em Santana do Capim e lá a gente foi rejeitado porque a gente tava muito roupa rasgada, sujo, descalço, cabeludo, barbudo, feio. E todos que olhavam pra gente, não encaravam a gente. Aí a gente não tinha condições de pedi nada porque a gente não tinha meios de pedir. Passar fome mesmo. E eu consegui uma carona no carro do

DR [DNER – Departamento Nacional de Estrada de Rodagem] *nesse tempo e ficamos em Castanhal. Em Castanhal o ônibus de São João da Ponta passava. Uns conhecia a gente no ônibus, outros não conheciam. A gente com muita vergonha. Por sorte que a gente teve a felicidade de chegar como eu e outros ainda. A gente chegou pra cá... 54 dias depois que a gente saiu daqui de casa. Foi assim caminhando na mata e jangada.*

Mas foi uma coisa assim, vou te dizer, meu irmão, não queira passar isso aí.

A memória dessa história marcou profundamente os moradores de São João da Ponta e foi revivida no premiado documentário paraense “Camisa de Onze Varas” do diretor Walério Duarte, exibido nacionalmente no programa DOCTV no dia 29 de janeiro de 2010 ³⁶.

36 | “Documentário mostra trágica aventura no Pará”. Diário Online Disponível em <http://www.diarioonline.com.br/noticia-117168-.html>. Acesso em 14/04/2013.

SÃO JOÃO DA PONTA JÁ FOI SEDE DO ESTADO DO PARÁ



Na Sede Municipal está localizado de frente ao rio Mocajuba à esquina das ruas Manoel Inácio e Magalhães Barata, um dos mais antigos prédios de São João da Ponta. Ali já foi a sede da Banda Dionísio Bentes e, possivelmente hospedou o interventor Joaquim Manuel de Magalhães Barata, quando ele transferiu a sede do estado para São João da Ponta durante três dias, segundo os conhecimentos dos senhores Rui da Piedade Bandeira e João Roberto da Silva:

Tem uma história aqui... ninguém te falou que aqui foi sede do governo do estado? No tempo do Barata, ele instalou aqui a sede do estado por três dias. Chegou de lancha aqui. (Rui Bandeira).

O Barata ainda se alojou nela, numa visita dele aqui em São João da Ponta. Ele pernitoitou, passou uma noite, dormiu lá naquela casa. Ela é toda de taipa... Ali funcionou a Banda de Música Dionísio Bentes por muitos anos. (João da Silva).

A FUNDAÇÃO DO CLUBE BARREIRINHO

Na comunidade do Barreiro, que antigamente ficava entre a comunidade de Jacarequara e da atual comunidade do Açú, assim como nas demais comunidades de São João da Ponta, existia a tradição dos clubes.

A tradição dos clubes ainda permanece em muitas comunidades do município, assim temos os clubes Brasil (antigo Time 11) e Recreativo (Sede do município), Alegria (Deolândia), Avante (Guarajuba), Esporte Clube Vila Nova, Botafogo, São Paulo e Clube dos Veteranos (Vila Nova), Palmeiras (São Francisco) entre outros.

Neste capítulo, o senhor Ovídio Brito nós contará sobre a fundação desse clube no município. Ele foi fundador e presidente do clube por muitos anos.

Eu tinha um tabacal lá começado. Tinha tirado o tabaco. Destocamos todo o terreno, queimemos o mato. Fizemos um campo lá, passei a ser o presidente e arrumemos o clube, eu fui a Belém e comprei a bola e formamos o time. É por isso que tem o nome aí do Barreirinho. Era o nome do clube que eu botei. Barreirinho era o nome do clube. E fui também presidente de sociedade de roçado.

A CURA DO PARAÚÁ QUE ATORMENTAVA DONA ORGARINA NUMA ÉPOCA EM QUE OS MÉDICOS ERAM LENDAS

Esta história impressionante que iremos ler agora é de autoria da senhora Orgarina Favacho dos Santos de 77 anos e uma das mais antigas moradoras da comunidade de Porto Grande. Dona Orgarina não teve a oportunidade de frequentar a escola, e nem alguém que lhe ensinasse a ler e a escrever. *Se eu não sei ler, eu digo assim: o culpado foi o meu pai. Porque a mamãe queria me matricular na escola. E ele disse que não. Que ele não ia me matricular pra mim aprender a ler, pra não escrever bilhete pra namorado.* Mas, dona Orgarina, através da oralidade, “escreveu” a história a seguir:

Antigamente, a gente adoecia por aqui pelos lugares... tinha pajé. Tinha pajé, não tinha médico. Podia ter, mas era pra cidade, pra Belém! Todo mundo que morava no Maripanema, que agora é Deolândia. Aí a gente adoecia... tinha um pajé que chamavam Domingos. Aquele pajé era mesmo que ser Deus, Nosso Senhor. Quando ele nós dava remédio, ensinava e a gente ia pra casa e fazia. Ele não ensinava remédio da farmácia... Nós ficava bom.

Olha, eu tive um parauá³⁷, um bicho do fundo, que botaram na minha costa, disse o pajé. Meu marido e eu fui para mão de um pajé abaixo da Cachoeira de São Caetano [comunidade pertencente ao município de São Caetano de Odivelas]. Eu sentia uma dor fina na minha costa. Quando foi um dia veio uma tia minha:

- Olha, Mimi – eles me chamam de Mimi – tu já foste com a fulana?

- Ainda não – eu disse.

- Vai com ela. Talvez ela te bote boa dessa dor na costa.

Era uma dor tão fina, que passava desse mole da costa da gente e passava para o outro lado. Era uma dor tão fina que fazia aquele peso na minha costa. Fui pra lá e nada. Fiz remédio e nada. Viemos de lá... Aí um dia o papai veio em casa.

- Que tal minha, filha? O que a mulher disse?

- Ah, papai! Ela disse que me curou, me ensinou remédio... nada...

- Olha, a Dilé não faz dia que está curada. O curador disse que tinha bicho do fundo. Oiara!

Eu disse pro meu marido e fomos lá atrás desse curador.

- Maninha – eu disse – eu vim aqui pra senhora me fazer o favor de me olhar essa minha costa.

Eu tenho uma dor na minha costa que não passa. Não passa... eu tenho feito remédios, já fui com um curador e nada.

Ela pegou um cigarro, mandou o filho dela trazer a cachaça e passou na minha costa. Depois pegou o cigarro, cigarro de tabaco temperado com alecrim e alfazema. Aí ela acendeu e defumou minha costa.

- É um parauá que senhora tem – ela disse – Devido sua magreza é ele que está lhe prejudicando.

³⁷ | Entidade lendária habitante do fundo dos rios, segundo dona Orgarina.

Então pedi para que ela me curasse, que me fizesse o favor de me curar além do pagamento. Ela marcou a noite pra eu ir. Aí eu fui com o meu marido.

Ela me botou nas costas dela. Ela chamou os caruanas dela. Fiquei toda amortecida igualmente quando com um médico. E me botou nas costas, me arriou na costa e tirou o parauá. Aí me ensinou remédio, emplasto. Desde essa virada nunca mais. E aí eu fiquei bem do meu corpo.

OS CORDÕES DE PÁSSAROS E ANIMAIS E OS BOIS-BUMBÁS QUE OS ANTIGOS “BOTAVAM”



*Cordão do Caranguejo
de Dona Marcinha*

Nos cordões de bicho e de pássaro do Pará existe sempre um animal, real ou lendário, patrono do folguedo. Como, por exemplo, o cordão da cutia e do colhereiro em São João da Ponta. Neles ocorre a morte e a ressurreição da entidade principal (aves, outros bichos e animais lendários, quando se trata dos cordões. Já no caso do boi-bumbá, o boi). A “luta”, no caso do cordão de bichos e de pássaros, se trava entre o caçador e a ave ou bicho de estimação do amo, do rei, da rainha do cordão³⁸.

Antigamente, segundo as memórias dos senhores Felipe Neri Ferreira Neto, Vitor de Nazaré Almeida e Zacarias Monteiro Bandeira e das senhoras Maria Bárbara Chagas Soares e Márcia Pereira de Matos Almeida³⁹ havia muitos cordões e bois-bumbás em São João da Ponta. E todos eram muito animados e bem organizados. Assim tínhamos os cordões do “Tucano” “Cachorro”, “Cardeal”, “Colhereiro”, “Guará”, “Papagaio”, “Ariramba”, “Beija-flor”, “Onça”, “Cutia”, “Camarão”, “Veado Galheiro”, “Maguari”, “Pretinhos” entre outros.

Era bonito. Tinha a fada, tinha a sereia, tinha o lanceador do camarão. (Maria Bárbara Chagas Soares).

Alguns trechos desses cordões ainda são recordados pelos mais idosos. Como é como caso dos trechos das letras dos cordões do “Veado Galheiro” e “Tucano”, recordados por dona Márcia Almeida.

38 | Texto adaptado de MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Teatro que o povo cria:** cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará da dramaturgia ao espetáculo. Belém: SECULT, 1997. 66-68 p.

39 | Mulher, 69 anos, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

Cordão do “Veado Calheiro”

Passeando numa gruta

Onde bate a luz do luar

A hora esta chegando

O veadinho aqui veio bailar.

Cordão do “Tucano”

Tucano da estimação seu cantar é bonito alegre o sertão.

Também havia a brincadeira dos bois-bumbás que tinham como nomes “Ramos verde”, “Espalha fama”, “Vencedor”, “Apavorado”, “Resolvido”, “Prevenido”, “Pai Cirino”, “Faceiro” entre outros.

Agora com referência a cordão. Quando eu me entendi... eu conheci, o primeiro cordão que eu conheci ali foi o cordão do “Cachorro”. Depois... esse Lameira [Simpliciano Barroso] botou o cordão do “Cardeal”, foi muito bonito. Que eu sempre digo que naquele tempo que era mais atrasado tinha gente pra fazer essas coisas tudo bem organizado. E hoje não sai uma coisa que preste, é só palhaçada! E o Lameira botou o cordão do “Cardeal”, que era bonito. Depois teve o “Guará”, foi o “Papagaio”... o seu André também entendia desse negócio botou um cordão do “Ariramba”, tá vendo? Cordão bonito! Depois botaram o cordão do “Pisadelo” e... depois botaram o cordão da “Onça”. Sim, também conheci um boi-bumbá que o nome era “Ramos Verde”, também bem organizado. Depois botaram o “Espalha Fama” e de lá pra cá a Marcinha, um tempo botou o cordão do “Jabuti”⁴⁰. Tinha uma senhora chamada Raimunda Ciaba, que colocava o cordão da “Pastorinha”, mês de dezembro. Coisa linda! Aquela senhora sabia organizar o negócio direitinho. De lá pra cá nunca mais vi o cordão da “Pastorinha”, no mês de dezembro... (Felipe Neri Ferreira Neto).

OS CORDÕES QUE SEU MIMICO BRINCOU E “BOTOU”

O senhor Ovídio Pinheiro de Brito, seu Mimico, é conhecido por todos em São João da Ponta por ter “botado” muitos cordões e ser um grande incentivador da cultura popular local.

Seu Mimico nasceu em Nazaré do Tijoca, município de Curuçá, onde brincou, entre as idades de sete a oito anos, nos cordões “Pavão do Reino”, “Dom Safê” e “Borboleta”.

Daí passou alguns anos, e foram organizados, em São João da Ponta, os cordões de nomes “Tucano” e “Camelo”. Então foram buscar o jovem Ovídio para brincar nesses cordões.

Eu vim e brinquei nesse cordão do “Tucuno” com ele [irmão de seu Ovídio] no tempo do Cubiu velho, novo naquela época, o pai do Cubiuzinho. Terminou, fui-me embora. No outro ano ele botou o cordão do “Camelo”. Foi me buscar de novo. Nesse tempo, quem tomava conta assim dos bichos davam o nome de pastor, que pastoreava o bicho, o pássaro. Vim e brinquei de novo. Aí terminou e fui-me embora.

Passaram-se mais alguns anos, e com a idade de 15 anos, Ovídio voltou a São João da Ponta para brincar no cordão do “Udo”, organizado pelo senhor Mario dos Santos, na comunidade de Jacarequara.

Aí eu vim e brinquei com ele. Aí comecei a percorrer todos os empregos da brincadeira. Fui de pastor, fui de cigano, fui de advogado... quando passei nesse emprego de advogado, tava brincando no cordão da “Beija-flor”, que o reverendo colocou ali no Encouraçado, na casa do Samuel. Foi no ano [1943] que eu casei.

Seu Ovídio casou em São João da Ponta (na atual sede municipal) e de lá mesmo eu segui com o cordão lá pra ponta da rua, e a mulher ficou com a mãe dela pra voltar aqui pra casa.

Quando foram os anos de 1943, 1944, 1945, seu Mimico disse:

Agora vou botar um cordão pela minha conta mesmo. Botei o primeiro cordão da “Raposa”, depois botei o pássaro... o cordão da “Colhereira”. Passou, passou mais ano e botei o cordão da “Anta”. Passou, passou mais um bocado e botei o cordão da “Iara”. Depois botei o cordão da “Capivara”. Tudo isso foi no tempo da primeira mulher. Depois que ela morreu, eu passei um ano só. Depois arrumei outra. Por derradeiro eu botei o cordão do “Tucano”, que já foi aqui e parei e passei a ser cantador de Carimbó. E Carimbó, Carnaval e Tirar Reis de madrugada e ainda botei o cordão dos “Pretinhos” aí. Foi essa a minha coisa da mocidade. Foi isso e trabalhar no roçado. Até hoje, graças a Deus ainda estou contando da história.

A seguir um trecho da cantiga do cordão dos “Pretinhos”, atribuída à autoria de seu Ovídio Pinheiro de Brito e recordada por seu Zacarias Monteiro Bandeira.

Do nascente pro poente

Do poente para o sul

Vim trazer os africanos

De baixo do céu azul

Do nascente pro poente

Do poente para o sul

Vim trazer os africanos

De baixo do céu azul

40 | Cordão colocado pelo senhor Apolinário de Matos Almeida, filho de dona Marcinha (Márcia Pereira de Matos Almeida).

O CORDÃO DA “CUTIA” DE SEU VITOR DE NAZARÉ ALMEIDA⁴¹

A seguir serão apresentados os versos transcritos a partir da entrevista realizada com seu Vitor na comunidade de São Francisco em agosto de 2011. Posteriormente, 22 de abril de 2012, voltaram à comunidade de São Francisco, os senhores Lázaro Palheta e Walter Rodrigues, para levar os resultados da transcrição feita a partir da gravação de seu Vitor. Foram lidos todos os versos transcritos junto com seu autor. Em seguida, seu Vitor orientou e corrigiu nos originais as falhas referentes à transcrição das gravações. Passaram-se quase duas horas corrigindo e acrescentando versos ao cordão da “Cutia” até ficar de acodo com o versos narrados originalmente.

O cordão da “Cutia” era apresentado em várias comunidades dentro e fora do atual município de São João da Ponta. E era organizado pelo senhor Vitor de Nazaré Almeida, morador da comunidade de São Francisco.

Segue abaixo os versos do cordão da Cutia, de autoria desse grande representante da cultura popular de São João da Ponta.

ENTRADA DO CORDÃO

Toda gente já dizia que a Cutia não saía

A Cutia tá bailando com prazer e alegria

Estrela, estrela que no céu brilhou

Senhora dona de casa a Cutia que chegou

No lugar aonde chego, olho e não vejo ninguém

Só enxergo um vulto branco, parece que a Cutia que vem.

A Cutia tá bailando, bailando toda faceira

Esconde bem a Cutia antes que os caçadores enxerguem

Leva avante, companheiros, tudo de chapéu na mão

Pra saudar o dono da casa e todos que aqui estão.

CAÇADORES

- Alô cumpadre!

- Alô!

- Eu vim te convidar pra nós fazer uma caçada naquela mata cerrada pra ver se os cachorro encontra alguma caça pra nós poder atirá-lo.

- Cumpadre, sem coragem o senhor não me acha. Eu tenho que lhe acompanhar. Eu tenho dois cachorros de raça. Eles são bons de rastejar. Se eles derem com alguma caça não podemos dispensar. Numa daquelas passagem que ela não vai negar.

ZELADOR

- Senhores caçadores! Aqui não consinto caçada. Eu sou o zelador do terreno a caçada estar embargada.

CAÇADORES

- Zelador, por favor, não fala. Se tu vim com violência tu tá arriscado entrar na bala.

ZELADOR

- Já que me diz assim vou volta urgente, vou dar parte ao meu chefe pra ele tomar as providências.

O Zelador do terreno leva a situação para o seu Chefe:

ZELADOR

- Chefe, preste atenção, seu terreno foi invadido pelos caçadores do sertão. Veja que jeito o senhor dá, eu ponho em sua mão.

CHEFE

- Zelador, esses homem são uns homem sem consciência que trás por mãe o saber e por pai a inteligência. Daqui com prazo de 5 minutos eles vão ter a recompensa.

CAÇADORES

Chefe, não tenho nada com isso, pois é nossa profissão caçamos a vinte anos na mata do sertão.

CHEFE

Não quero nem saber do que vai acontecer.

Então os caçadores saem para caçada e a Cutia é atirada.

CHEFE

- Parece que foi um tiro, ouvi pro lado do sul. Não será a cutia que o caçador atirou? Oh, que mão assassina! Numa vil sem ação atiraste minha Cutia, feriste meu coração deixando em abandono, sofrendo dissabores que nem filho desprezado, ovelha sem pastores. Oh, Virgem da Conceição, Maria pia sagrada, esposa castro fiel pelo veneno confesso que Cristo morreu na cruz rogai por mim a Jesus nesse momento cruel.

Depois é feita a queixa ao Capitão.

41 | Homem, 71 anos, comunidade São Francisco, 27 de agosto de 2011.

CHEFE

- Digno, Capitão, preste atenção. Eu vim trazer a queixa dos malvados caçadores que usaram a traição e atiraram a cutia que era da minha estimação.

CAPITÃO

- Chefe, deixe estar em meus cuidados. Vou chamar as ordenanças pra buscar esses malvados.

Os soldados saem para prender os caçadores

SOLDADOS

- Pronto, senhor capitão, estamos aqui em sua presença pra cumprir a diligencia.

CAPITÃO

- Pode seguir para o sertão pra buscar esses cabocos, urgente.

SOLDADOS

- Estão presos, caçadores! Caboco valentão. Vamos a presença do chefe pra ele fazer a interrogação com a ordem do capitão

Os caçadores são apresentados diante do Chefe.

SOLDADOS

- Chefe, preste atenção. Está aqui os caçadores entregue em suas mão pode fazer a interrogação com a ordem do Capitão.

CHEFE

- Senhores caçadores, homem sem consideração! Não devia atirar a cutia que era de minha estimação. Deixar estar caçadores daqui com prazo de 5 minutos vocês vão sofrer na prisão. Saíra ou não!

CAÇADORES

- Chefe, o senhor deve entender tudo que anda caçando precisa de comer. Ainda não faz nem um dia que nós atiramos uma cutia, embiara do Simpatia.

CHEFE

Caçadores, deixa de ser malcriados, curva os joelho na terra pra serem castigados.

CAÇADORES

Só assim podemos ser condenados!

CANÇÃO DOS CAÇADORES

Oh virgem mãe amorosa

Tenha de nós compaixão

Amostrai um advogado

Pra nos tirar da prisão

Não choras caçador, nós

Vamos dá a providência

Pra te tirar dessa prisão.

O advogado se compadece dos caçadores presos e promete libertá-los da prisão.

ADVOGADO

- Por que choras, caçadores? Consola teu coração. Pois eu sendo advogado tive de vocês compaixão. Eu te garanto com prazo de 5 minutos vocês vão sair dessa prisão.

Depois, o advogado vai até a presença do capitão e assim prossegue:

ADVOGADO

- Senhor, capitão! Eu pretendo saber qual foi o crime dos caçadores que o senhor mandou prender.

CAPITÃO

- Senhor, advogado. Os caçadores estão preso, eles já estão condenado. Cometeram um grande crime, não é pra ser dispensado.

ADVOGADO

- Senhor, capitão, não precisa alteração. Dei soltura aos caçadores dessa horrível prisão.

CAPITÃO

- Senhor advogado, vamos mudar de assunto e também de opinião, os homens que eu incriminar, não sai da prisão.

ADVOGADO

- Senhor, capitão. Eu sou advogado do estado da Bahia, questão na minha mão não dura nem um dia.

CAPITÃO

- Em todo sertão brasileiro está tudo revirado pelo andar desses homens. São uns cabras malvados. Uns homens dessa maneira só podem ser deportados.

ADVOGADO

- Deportar três brasileiros, isso é falta de consciência. Eu vou abrir um inquérito tenha santa paciência.

CAPITÃO

- Já uma vez que é assim, eu vou dá a questão por realizada. Isso pro senhor ficar sabendo quanto vale um advogado. O senhor ganhou a parada, obrigado.

CHEFE

- Levanta, caçadores, dessa horrível prisão. Peço que outra vez não me use a traição, senão, pelo contrário, vocês não saem dessa prisão.

CAÇADORES

- Então mande entregar os armamentos em nossa mão.

CHEFE

- Isso não é comigo é com o capitão.

O Zelador vai procurar o Doutor para operar a cutia ferida:

ZELADOR

- Bom dia, doutor, preste atenção, eu vim falar com vossa excelência pra fazer uma operação no animal domesticado que está estirado no chão que é cria do patrão.

DOUTOR

- Zelador, vou mandar a enfermeira pra ela examinar. Se o tiro não foi grave, nós podemos trabalhar.

ENFERMEIRA

- É pra já, vou pra lá!

E a Enfermeira vai verifica o ferimento da Cutia.

- Doutor, o tiro não foi grave, só pegou de raspão, não ofendeu o coração.

DOUTOR

- Então aplica logo a injeção da resina do limão pra ver se ela mexe com a mão!

ZELADOR

- Doutora, faça o serviço ligeiro pra senhora ganhar o seu dinheiro.

ENFERMEIRA

- Zelador, o senhor está um pouco apressado, carece atenuar. Só Deus que é espírito puro que no olhar pode tirar. Nós, como somos um simples doutor, podemos trabalhar pra assim nosso trabalho aprovar.

Logo em seguida é aplicada a injeção e a enfermeira cobra pelo serviço:

ENFERMEIRA

- Zelador, o bicho já está operado, já esta em perfeito estado com a presença pra receber nosso trocado.

ZELADOR

- Doutora, dinheiro não tenho para lhe pagar, vou mandar tocar um samba pra senhora requebrar. Paga? A senhora não fica zangada?

ENFERMEIRA

Eu tava admirada que não fosse de graça.

LEVANTAÇÃO DA CUTIA

Levantou o que nós queria

Levantou nossa cutia de cima da terra fria

Levantou, levantou para brincar

Levantou nossa cutia

Foi o doutor que veio operar.

SAÍDA DO CORDÃO

Havia duas saídas do cordão.

1º SAÍDA

Deixa ir que temos pressa

Temos flores pra apanhar

A rosa é flor da noite

Não viemos demorar

Adeus, menina tu és beleza

Tu és a infância da natureza

A noite escura já veio aurora

Nossa cutia que já vai embora.

*No abrir da porta
No encoste da janela
Se despedi a cutia que o dono da casa espera.*

*Pela porta que entrei
Por ela quero sair
Cadê o dono da casa que quero me despedir.*

2º SAÍDA

*Canto alto, canto baixo
Minha voz é natural,
O meu peito não é de bronze,
Nem forrado de metal.
Canto alto, canto baixo
Minha voz é natural,
Tenho versos na cabeça
que não saem no jornal*

*Adeus, já vamos embora
Vamos levar a cutia
No momento dessa hora*

*Canto alto, canto baixo
Minha voz é natural,
Tenho versos na cabeça
que não saem no jornal*

*Adeus, já vamos nos retirar
Se despedi a cutia até pro ano de voltar.*

OS CORDÕES QUE DÍLSON CEREJA “BOTOU” E A BANDA DE MÚSICA SANTA CECÍLIA DA COMUNIDADE DE VILA NOVA

Aqui meu pai era músico de saxofone. Ele tocava muito. Eu tentei aprender assim, mas não aprendi tocar. Eu tenho a ideia assim de colocar brincadeira como cordão. Eu botei três cordões de boi. Botei uma Cutia. Depois botei um Catitu. Primeiro foi o Catitu em 1975. Saiu um cordão muito bom. Aí botei o Catitu, botei a Cutia, botei a Paca, botei o Maracajá aí... depois disso o Catitu de novo. Esse ano eu já não coloquei porque depende de verbas pra gente botar essa brincadeira. Três bois aí eu coloquei que foi o De repente, o Boi da Hora e o boi Bossa Nova. Eu também tenho muita vontade que aconteça aqui nesse município uma banda de música. Só que os músicos velhos acabaram, morreram tudo. Não existe mais nenhum. E os novos que aprenderam, não conseguiram nada ainda. Estão por aí. Eu já me virei pra colocar uma banda. Me virei por aí pedindo ajuda. Mas não conseguimos. Nós começamos com 70 alunos e 30 flautas. Aí depois... não teve incentivo, ajuda de parte alguma e foi, foi até que parou a história nossa da [escola] banda de música. O nome da banda era Santa Cecília, o nome da nossa santa padroeira aqui de Vila Nova. Santa Cecília foi uma musicista. E... o projeto [escola de música] parou, né. Mas a vontade existe aí! A música é uma escola profissionalizante. Ela dá uma prioridade de um rapaz ser uma pessoa grande na polícia, no exército. É que o cara vai. A gente tem vontade de fazer. Mas a gente não tem recursos.

FESTA DE TIRAR REIS



Antigamente, nas comunidades do município de São João da Ponta, havia uma brincadeira conhecida como “Tirar Reis”. E, seu Raimundo Bandeira Coelho, dona Maria Bárbara Chagas Soares e seu Zacarias Monteiro Bandeira recordam muito bem dessa época.

Seu Raimundo Bandeira Coelho vez ou outra soltava uma saudosa gargalhada ao lembrar-se de como todos saíam pelas ruas, acompanhados pelo som de uma flauta, uma viola, um pandeiro. Todos enfeitados e de chapéus durante a madrugada, de casa em casa, cantando e recolhendo donativos.

Já seu Zacarias Monteiro Bandeira recorda a letra da canção:

*Vinte cinco de dezembro
De janeiro dia seis
Acordai quem está dormindo
Para dá o nosso Reis
Não se arrependa do Reis que vamos dá
Quem dá na terra no céu encontrará.*

Pedro Monteiro Bandeira – Pedro Carimbó⁴², recorda-se da parte final da canção de Reis:

*Se despede o santo Reis
Dessa sua casa santa
Adeus, até para o ano
Se nós vivo ainda for*

Segundo o senhor Pedro Bandeira, também havia outra canção de Reis cantada pelos antigos:

*Dá licença, proprietário
Dessa hora que chegamos
Esse é o santo Reis
Que na sua porta está chamando
Não se arrependa do Reis que vamos dá
Quem dá na terra no céu encontrará.*

Maria Bárbara Chagas Soares nos descreve com detalhes essa manifestação da cultura local hoje viva apenas nas memórias dos mais idosos:

Os antigos tiravam. Eles tiravam. Eles andavam nas casas de noite e cantavam reis. Era uma viola, um tambor, um querequexê, que é feito de bambu, e o xeque. Aí eles chegavam na porta da pessoa. Tivesse doente, tivesse dormindo, seja lá que for! Eles já tavam cantando. E cantavam, me lembro quando eles chegavam... e só tinha um pedaço [da letra da música] que me lembro que eles diziam assim: “Acordai quem está dormindo para dá o nosso reis”. Aí o cara avoava lá da rede dele, saía e vinha pra fora. Lá comia, lá bebia, lá ganhavam panelinha de barro e o que fizesse. Quando eles iam das casas levavam galinha, era ovo, era panela tudo o que era coisa. Por isso que eu digo: - Tempo bom já foi, não volta mais.

42 | Homem, 59 anos, comunidade Açú, 17 de agosto de 2011.

O CARIMBÓ DE ANTIGAMENTE



Banjo confeccionado artesanalmente pelo senhor Apolinário da Costa Almeida

Dança genuinamente paraense criada pelos índios Tupinambás e incrementada pelo ritmo contagiante do batuque africano. A dança do Carimbó vem da expressão indígena CURIMBÓ, que são dois tambores formados por troncos de árvores escavados por dentro e revestidos em uma das pontas com pele de animal silvestre, ficando responsável pela parte rítmica da dança. A palavra CARIMBÓ ou CURIMBÓ é derivada da linguagem indígena, cuja expressão CURI significa pau e IMBÓ significa oco ou furado, por tanto pau oco que produz som⁴³.

Através das narrativas orais da senhora Maria Bárbara Chagas Soares, do senhor Felipe Neri Ferreira Neto, Andreлина Silva e Dílson Cereja dos Santos transcrevemos a seguir o tão saudoso Carimbó de raiz que embalavam as noites de São João da Ponta antigamente.

Walter Rodrigues: - *Como era o Carimbó na sua época?*

Maria Bárbara Chagas Soares – Tia Babita: - *Tinha Carimbó. Mas Carimbó bom daquele tempo! Eram dois tambores grandes, que meu pai gostava dessa arrumação. Ele ia no mangal e tirava, derrubava aquelas siriubeiras grandes. E ele cavava tudinho e esfolheava tudo aquele negócio e ele matava um bicho qualquer, às vezes, comprava um couro de veado, que naquele tempo tinha. Ou [caçava] esse negócio aí do mangal, a*

guaxinim. E aí, tirava aquele couro, secava no sol e dali ele botava pra tirar o pelo do bicho. Dali usava o couro pra fazer o tambor. Ele tinha dois grandes [tambores] assim e tinha o menor e tinha a viola. Aí a gente fazia o Carimbó de bandalheira. Cansei de fazer lá em casa. A nossa casa era grande assim, a sala... e dizia “Fulana umbora fazer um Carimbó?” Não pagava licença nesse tempo, não tinha briga... Era muito bonito e a gente fazia, amanhecia dançando. Mulher não bebia, não ficava porre. A gente ia buscar os peixes, que naquele tempo tinha, assava, vamos comer! Naquela alegria, né. Era tudo assim. A festa não era com som [aparelhagem eletrônica]... Olhe, no começo, quando eu comecei a dançar, eu dancei música de viola, violão e flauta. A gente dançou muito naquilo. Era bom.

Já vi muita coisa bonita, muitas coisas de amor, de amizade um com o outro. Fazia naquele tempo, as velhas faziam, louças de barro. Olha o panelão grande que faziam pra fazer manicuera⁴⁴! Tempo de fazer a roça, pegavam e faziam aquela panela grande e se ralava mandiocaba [mandioca maior, mais sucosa] que dá na roça. E enchia de caldo de mandiocaba e quando era boca da noite a gente ia fazer véspera. Chegava lá na casa da dona e ia tomar manicuera. Aquele que fosse lá tomar manicuera já ia ajudar na manhã a plantar roça, fazer cova, cortar maniva... o que fosse. Quando findava de plantar, e chegava lá todo mundo cantando, tudo alegre e chegavam... sujo que estava. O cara já tava pronto aí pra bater o tambor, pra cantar o Carimbó. A gente dançava todo sujo. Era bom nesse tempo.

Walter Rodrigues: - *Seu Felipe, conte um pouco sobre o Carimbó de antigamente.*

Felipe Neri Ferreira Neto: - *Quando eu me entendi, conheci o Carimbó na frente da casa de um velho chamado Olímpio. Era num terreiro limpo na frente da casa dele. Tinha cada tambor dessa altura assim, de cupiúba. Depois passou para o lado de uma casa que era da tia Clara. Lá tinha um senhor judeu que tinha um comércio em São João da Ponta. E ele deu umas tábuas, que tinha dois palmo ou três de largura, e eles fincavam umas forquilha e colocavam as tábuas para as damas se sentarem. Ali passou muitos anos eles dançando e cantando Carimbó. Depois passou para Travessa Casimiro Freitas, e ficava na frente da casa de uma senhora chamada Rosa e da frente da casa do velho, de um velho que era mestre de... Chamava-se Norato e por apelido Juruti, era o apelido dele porque ele era baixinho e moreno. Depois foi feito um barracão nos fundos de uma casa. Quem tomava conta do Carimbó era um senhor de nome Raimundo Palheta. E ele que era o dono do Carimbó lá. Era lá que fazia o Carimbó. Só se dançava naquela época de paletó e gravata, quem não tivesse de paletó e gravata não dançava. Nem entrava mesmo.*

Walter Rodrigues: - *Dona Andreлина, na sua época, tinha Carimbó aqui em Vila Nova?*

Andreлина Silva: - *Aqui tinha assim. Era o finado Barata, seu Cantuário. Era bacana, mas agora... o Carimbó que ainda a gente ver aqui é o pessoal que vem de Marapanim, Curuçá que cantam aqui. Tinha também brincadeira, cordão de pássaro que saía era aquele Saracura, era Veado, era Catitu, era Macaco. Mas nunca saiu briga. No nosso tempo quando era mais pouca gente aqui tinha comissário [polícia], tinha delegacia, mas depois que eles morreram... pronto. Acabou tudo!*

43 | **Danças folclóricas do Pará.** Disponível em: <http://www.abrasoffa.org.br/folclore/danfesfol/dpa.htm>. Acesso em: 22/03/2012).

44 | Bebida feita a partir do suco da madiocaba fervido em panela de barro.

Walter Rodrigues: - *Seu Dílson, o senhor poderia nos dizer como era o Carimbó aqui de Vila Nova antigamente?*

Dílson Cereja: - *O Carimbó aqui começava dia 24 de dezembro e terminava dia 06 de janeiro. Tinha uma senhora aqui de nome Zelinda. Ela morava bem ali. Ela botava esse Carimbó pra “comer” aqui. Era dia e noite aí. O pau torava! Era bacana. Mas tinha músico e tinha cantador. Mas o pessoal já morreram. Tinha um que chamavam de Cantuário, tinha um que chamavam Januário, outro que chamavam Barata; tinha o seu Manoel Ribeiro, que era tocador de viola e era também tirador de ladainha em latim. Tinha uns quantos que tocavam aqui. Tinha um senhor que chamavam de Panelada, o nome dele era Manoel Barbosa, ele era tocador de clarinete e tinha um conjunto de Carimbó. E essa Zelinda que botava o Carimbó dela 24 de dezembro e terminava 06 de janeiro que era o Dia de Reis. Era muito animado.*

OS ANTIGOS GRUPOS DE CARIMBÓ DE SÃO JOÃO DA PONTA



Integrantes do extinto Grupo de Carimbó de São Francisco

Houve uma época que o Carimbó, em São João da Ponta, era bastante forte. Muitos grupos se apresentavam em festividades dentro e fora do município, inclusive, disputando entre eles a realização do melhor Carimbó numa noite. Segundo senhor Apolinário de Matos Almeida⁴⁵: *havia assim uma certa rivalidade de um grupo querer ser melhor que o outro, mas que na verdade era uma competição, que nada mais era que um incentivo, pra melhorar.*

Nessa época havia em São João da Ponta os grupos de Carimbó “Capim Gordura” e “Pinga Fogo”. Seu Zacarias Monteiro Bandeira recorda dos antigos mestres de Carimbó como Deodoro, Leal, Lameira e Raimundo (Guaxinim).

Depois surgiram outros grupos, sendo o mais representativo dessa época o grupo “Em Cima da Reponta” e “Os Invencíveis”, que inclusive disputaram festivais de Carimbó até na capital do estado do Pará.

Entretanto, *muitos dos nossos antepassados formaram outros grupos, que foram se acabando.* (Apolinário de Matos Almeida).

Assim, os grupos de Carimbó, tão característicos das festividades das comunidades de São João da Ponta, desapareceram por algum tempo.

A gente via, nesse meio, assim pessoas antigas. E tinha algumas coisas que eles não repassavam. E com o tempo isso foi acabando, os batedores de tambor, os tiradores de versos, até que foi reduzindo, as pessoas ficaram mais velhas... Depois eu lembro que eles faziam [as festas] no barracão de São Benedito,

⁴⁵ | Homem, 43 anos, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

que a gente tem aqui, eles iam pra lá. E quando ia um conjunto, ia o outro. E um tempo acabou e a gente ficou sem conjunto de Carimbó. Depois surgiram novos conjuntos de Carimbó. Teve o “Reponta” e teve outro grupo de Carimbó [Os Invencíveis]. Depois esses grupos de Carimbó foram acabando. (Apolinário de Matos Almeida).

É interessante recordar nas memórias dos senhores Aberlado Souza dos Santos⁴⁶ e Domingos dos Santos Rodrigues⁴⁷, que hoje tocam e cantam no Grupo “Frutos da Terra”, sobre os dois últimos conjuntos de Carimbó de São João da Ponta.

Os dois grupos rivalizavam e era *um pra cá querendo fazer melhor; outra pra cá querendo fazer melhor*. Contava-nos o senhor Abelardo Souza dos Santos, conhecido como Bilú.

Quando a gente cantava aqui o Carimbó dos ‘Os Invencíveis’, enchia o salão. E quando o Brasilísio cantava o dele, que era o da “Reponta”, o pessoal saía. Era disputa! Era disputa!. Dizia-nos cheio de emoção o senhor Domingos dos Santos Rodrigues.

“Os Invencíveis” foi um dos mais representativos grupos de Carimbó formado em São João da Ponta, e era liderado pelo senhor João Santarém. Já o “Em cima da Reponta”, ou apenas “Reponta”, era liderado pelo senhor Brasilísio. Os dois grupos faziam as festas e enchiam os salões de São João da Ponta.

Seu Domingos Rodrigues já participou dos conjuntos: “Reponta”, “Os Invencíveis” e atualmente toca no grupo “Fruto da Terra”, liderado pelo mestre Apolinário de Matos Almeida.

Além desses grupos, havia na comunidade São Francisco, um grupo de Carimbó liderado pelo senhor Vitor de Nazaré Almeida, que era o mestre do grupo e fazia a primeira voz e os demais faziam a segunda. O grupo era formado pelos senhores Vitor de Nazaré Almeida, Raimundo Marques da Costa⁴⁸, Lázaro Favacho da Costa⁴⁹ e Manuel da Conceição Almeida⁵⁰.

Dia de sábado e de domingo era aquela diversão aqui. Era como se dizia no pau e corda! O Carimbó que a gente chama de pau e corda é aquele que não tem instrumentos de metal. É só no violão, tambor e no xeque. E a gente colocava uma faixa avisando que tal dia tem o Carimbó de São Francisco! (Lázaro Favacho da Costa).

Dona Orgarina dos Santos compara as festas de antigamente com as festas dos tempos atuais:

Eles botavam o aparelho [conhecido como “boca de ferro”] no alto de uma casa. Eles botavam, dava a música. Nós dançava. Era música bonita. Não era como agora que só se dança com o copo na mão, com a cadeira perto, só sacudindo com o corpo. Nesse tempo era agarradinho, era colado. O Carimbó era dançado estalando os dedos. (Orgarina Favacho dos Santos).

O conjunto Pingo de Ouro da comunidade de Vila Nova.

O meu pai tinha um conjunto que era o Pingo de Ouro. Era daqui de Vila Nova mesmo. Aí eu depois eu coloquei o nome do meu conjunto também Pingo de Ouro. A gente fez assim umas músicas e colocou o nome, mas a gente não chegou a organizar. A gente tinha assim a ideia. Hoje aqui mesmo não tem [conjunto de Carimbó]. (Dílson Cereja, 2012).

No entanto, por mais divertidos que fossem os toques dos tambores, banjos, maracás, que ditavam o ritmo do Carimbó nas animadas festas de São João da Ponta, acabaram silenciando durante um longo tempo.

46 | Homem, idade não informada, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

47 | Homem, idade não informada, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

48 | Homem, 94 anos, comunidade São Francisco, 27 de agosto de 2011.

49 | Homem, 55 anos, comunidade São Francisco, 27 de agosto de 2011.

50 | Homem, 58 anos, comunidade São Francisco, 27 de agosto de 2011.

O ETERNO SOM DA “ONÇA” DE MESTRE BRASILÍSIO

Como muitos grandes intérpretes do Carimbó de São João da Ponta, o senhor Brasilísio encerrou sua carreira só depois de falecido. Mestres como os senhores Deodoro, Leal, Lameira e Raimundo (Guaxinim) já haviam partido. O bom Carimbó de São João da Ponta estava mais uma vez de luto. E quem nos narra a respeito, é o único mestre de Carimbó que ainda resiste no município, o ainda jovem, 43 anos, Apolinário Almeida, líder do grupo “Fruto da Terra”.

Um dos instrumentos que faz parte do Carimbó é a cuíca. Não aquela cuíca de escola de samba. É uma grossa, feita de madeira, que eles chamam também de onça. E era interessante que ele era um camarada que tocava cuíca assim muito bem e era canhoto e cantava, tirava verso. Então tu imaginas só um camarada de esquerda tocar uma cuíca que faz tempo e contratempo no ritmo e cantar. É uma coisa muito difícil. Tu vêes um destro, né, tocar aquilo. Mas era incrível, cara, ver aquele cabôco naquilo ali. Ano passado eu fiz uma letra de Carimbó pra ele. O nome dele era Brasilísio. Aí eu coloquei o nome do Carimbó “Brasilísio”. Ele tocava em vários conjuntos que houve aqui em São João da Ponta. Então ele tocava onça. Aí eu fiz uma letra do Carimbó assim:

Tocou no Fruto da Terra

Cantou no Capim Gordura

Repona e Pinga Fogo

Ele era uma figura

O Carimbó não morreu

A sua voz ainda escuto

O tambor ainda toca,

Mas a onça tá de luto.

O DOM DA CURA A SERVIÇO DA POPULAÇÃO DE SÃO JOÃO DA PONTA: A HISTÓRIA DA PARTEIRA E BENZEDEIRA DONA MARIONITA

Benedita Sarmiento Palheta, conhecida como Dona Marionita curava asma, rezava, benzia quebrantos de crianças, fazia massagem, emplastos, garrafadas o que fosse para tratar do doente numa época em que não havia recursos médicos para atender a população. Mas quem foi essa pessoa tão importante e que tanto alívio trouxe para os sofrimentos dos moradores do município de São João da Ponta?

Sobre dona Marionita e seu trabalho quem nos conta é sua filha, dona Maria Fátima Palheta Rodrigues da comunidade do Açú:

O banho de ervas para tirar emperreação

Ela fazia umas preces muito bonitas nas crianças. Esse aqui [se referindo ao filho] ele ainda não tinha dois anos. Era um ano e pouco. De noite esse menino acordava apavorado, chorando, chorando eu não sabia o que era. Ela chegou e eu falei pra ela:

- Mãe, o Ricardo acorda a noite apavorado, chorando e... o pai segura e eu vou fazer mingau e dou peito. Não é fome, nem dor de barriga, nem nada... não sei.

Ele se tremia todinho e chorava.

Quando foi um dia ela disse:

- Trás esse moleque aqui.

E nós ficamos 8 dias aqui [em São João da Ponta] com a mamãe. E aí ela pegou ervas, fez uns banhos lá e botou no sol. Então ela disse:

- Minha filha eu vou dá um banho nesse menino meio-dia e seis horas da tarde.

Ela fez isso e ele ficou bom. Acabou.

O difícil parto de Carmecita

Tinha pessoas que passavam muito mal. Na hora dizem que a parteira que tava lá não deu conta, então vieram atrás dela. Inclusive tem uma história bonita da minha mãe aqui em São João da Ponta sobre o parto da minha prima legítima que contam. No primeiro bebê dela ela quase que morre. Era outra parteira. Eu já tava mocinha na época.

Meu tio varou aí e disse assim:

- Eu vim te buscar pra ti ir acudi a Carmecita senão ela morre. Ela tá muito mal, a casa tá cheia de gente, ela tá roxa, ela não tem mais força pra ter o bebê.

Não tinha recurso, não tinha médico, não tinha nada aqui, né?

Aí minha mãe :

- Nem fale uma coisa dessas, meu irmão!

Aí a mamãe foi lá. Quando ela chegou lá a casa tava cheia de gente. Não tinha como a gente respirar lá dentro de tanta gente que tinha.

Então ela disse:

- Olha, gente! Eu quero que desocupe esse quarto. Que saia todo mundo daqui. Que ela tá sem ar porque tem muita gente aqui. Eu quero só o pai dela e mãe dela e eu. Em primeiro lugar quem tá aqui comigo é Deus. E eu vou salvar a minha sobrinha.

Ela se fazia de forte pra não chorar. Que o negócio era sério. Foi quando a criança botou o braço, porque tava de atravessado [na barriga da mãe], colocou o bracinho de fora. Aí ela chamou meu tio pra dentro do quarto. Dizem que viraram ela [a parturiente] de cabeça pra baixo. Aí ela arrumou a criança e a criança nasceu. Quase que o bebê morre.

Dona Marionita e seus serviços à população

Ela rezava, fazia oração, fazia remédio. Tipo os índios, como os índios se curam até hoje. A minha mãe usava muitas ervas. Ela usava muito remédio natural, ervas. Ela usava morava aqui no Açú. Quando eu me entendi ela já fazia isso. Sei que ela me falou que ela já tinha pego mais de 41 crianças. Ela pegou a primeira e a segunda geração. Ela pegou netos e bisnetos.

Quando a mulherada tinha filhos ela preparava as garrafadas quando a pessoa tinha prisão de ventre ela fazia remédio... tudo dava certo. Ela fazia massagem, emplasto... E quando as criancinhas nasciam ela fazia questão de ficar 8 a 15 dias na casa da pessoa que tinha parido.

Ela só não ia fazer um bem pra você se ela não pudesse mesmo porque ela ia com chuva, com sol, do jeito que fosse. O povo levava ela de bicicleta que não tinha transporte, levavam ela de cavalo e ela ia. Aí a gente já tava tudo casados e brigava com ela:

“Mãe a senhora não tem necessidade disso. Mãe para com isso. A senhora tá com reumatismo”. E ela respondia:

“Minha filha deixa eu fazer. Essa é uma missão que Deus me deu. Se eu não fizer eu me sinto mal. Quando eu faço um bem para um ser humano eu me sinto bem, eu me sinto feliz. Então deixa eu fazer”.

Todas as comunidades aqui ela andava. Ela ia pro Guarajuba, Deolândia, Bonfim... o pessoal vinha buscar ela aqui e ela ia.

Incrível, rapaz! O que eu achava mais impressionante eram as pessoas ficarem boas. Eu ficava admirada. Eu juro!

Eu vou te contar uma coisa. A filha que era mais descrente era eu. Eu não acreditava, entende? Aí eu brigava com ela:

“Mamãe pelo amor de Deus!”.

E ela:

“Minha filha é verdade, existe. As coisas existem. Eu te falo que existe. Acontece. A gente tem que acreditar”.

Dona Marionita faleceu em 19 de dezembro de 1996 com 83 anos na cidade de Belém do Pará.

**“MUITOS MORADORES DE SÃO JOÃO DA PONTA
NASCERAM PELAS MÃOS DE MÃE SEMIRA!”**

Na comunidade Sede de São João da Ponta viveu uma senhora conhecida como Mãe Semira. Através de suas mãos e graças aos seus saberes vieram ao mundo muitas crianças. Dentre elas, a senhora Fidelquina de Sousa Rodrigues:

Ela deve ter pegado mais de trezentas crianças! Ela me pegou, pegou meus irmãos todos. Se tu fizeres um mapeamento, muitos dos moradores de São João da Ponta nasceram pelas mãos de Mãe Semira.

E se preciso fosse, Mãe Semira, passava dias tratando da parturiente. Quando a senhora Fedelquina, dona Fidel como é conhecida, retornou para outro município, em 1961, Mãe Semira já estava com mais de 50 anos e ainda fazia partos.

**SÃO JOÃO DA PONTA
NA ATUALIDADE**

O PESCADOR SIRIBÓIA E SUA BATALHA COM UM IMENSO PEIXE MERO⁵¹



Aproveitando a maré que está alta, Alcides Chagas de Soares Sousa – seu Siribóia⁵² como é conhecido por todos, segue com seus passos miúdos, embora muito decididos em direção a sua montaria aportada junto ao trapiche da praça de São João da Ponta. Embarca em sua embarcação coberta por uma tolda azul que desenha sobre a canoa um curioso arco com cerca de meio metro. Remos nas mãos, em pé na parte frontal da canoa, olhos fixos no rumo de onde estão os peixes. E lá se vai o nosso incansável pescador de 86 anos descendo o rio Mocajuba mais uma vez. Cumprindo sua missão de anos a fio com muito amor. A necessidade daquela atividade já não é material, trata-se de uma necessidade da alma. Pois como diria sua esposa, dona Maria: - Precisar ele não precisa mais. Somos nós dois aposentados, e nossos filhos já estão todos criados.

E eu observo seu Siribóia parado mais sua canoa no meio do rio Mocajuba. Sentado e segurando firmemente a linha onde está o anzol. Será que ele estaria pensando naquele peixe Mero com mais de 70 quilos pescado por ele após uma batalha de muitas horas?

Certo dia, o pescador Siribóia saiu para pescar como de costume. Montou em sua canoa e remou até um igarapé, onde pescou um peixe pióca. Eram quase cinco horas e o sol já começava a dar sinal de partida. Não era o peixe pióca que aquele velho pescador esperava fregar naquele finalzinho de dia. Ele não queria voltar para casa com aquele peixe, desembarcar de sua canoa e ouvir as risadas dos outros pescadores dizendo que ele já estava

51 | Texto elaborado a partir dos depoimentos gravados no dia 30 de julho de 2011 com o senhor Alcides Chagas de Soares Sousa – o seu Siribóia.

52 | Homem, 86 anos, comunidade Sede municipal, 30 de julho de 2011.

velho demais para pescar. Que era para ele descansar. Por isso, o velho pescador Siribóia, do alto de sua baixa estatura, fixou seus pequenos olhos negros no porão de sua embarcação e resolveu preparar sua tiradeira ou espinhel. A tiradeira de seu Siribóia era repleta de anzóis e numa pescaria, às vezes, conseguia fregar vários peixes de vários tipos e tamanhos.

Mas acontece que naquele momento havia apenas uma isca, e era o peixe pióca pescado ainda pouco. Então, o pescador preparou sua tiradeira, colocou o peixe num daqueles tantos anzóis, lançou tudo no rio até afundar e aguardou.

Sozinho, ele apenas ouvia os sons que vinham dos manguezais. Não havia outros pescadores, todos já haviam voltado para terra com seus pescados. Mas seu Siribóia não voltaria se não pescasse um peixe de verdade, pois todos sabem que peixe pióca não é peixe digno de se exhibir como resultado de uma pescaria.

Seu Siribóia estava tranquilo e sereno, apesar da noite que se instalava sobre São João da Ponta, sobre o rio Mocajuba e sobre aquele homem franzino de olhos perdidos e sonhadores. O rio Mocajuba, silencioso e quieto, tão quieto e silencioso quanto aquele ousado pescador de 84 anos. No que aquele solitário senhor pensava? Perguntavam-se todos os bichos do manguezal e todas as estrelas que de muito longe observavam a ação daquele homem em sua canoa. Talvez ele tivesse pensando naquelas animadas festas de Carimbó de São João da Ponta, aonde os rapazes iam vestidos com elegantes paletós, tirando as moças do salão para dançar ao som envolvente e ritmado das batidas do curimbó e do banjo.

Era noite por completo e a beleza que as estrelas imprimiam no céu escuro, também inspiravam mistérios sobrenaturais. Seu Siribóia, assim como os outros pescadores, já tinha ouvido o assvio da conhecida feiticeira da Amazônia, a Matinta Perera. No entanto, seu Siribóia era um homem corajoso e não tinha medo, porém respeitava demais esses casos inexplicáveis, que fogem ao entendimento humano.

Mas havia apenas uma isca e a certeza de que ele precisava buscar mais para completar os anzóis restantes, pois não fazia sentindo pescar de tiradeira com apenas um anzol. E assim pensando, ele se colocou a remar para a margem do rio com a intenção de apanhar alguns tamarús, conhecidos como camarões da lama, para compor seus anzóis com iscas. Mas justamente naquele momento algo puxou sua tiradeira com uma força impressionante.

Seu Siribóia se pôs em alerta, agarrou a tiradeira onde estavam seus anzóis, e por alguns segundos temeu ser puxado para o fundo das águas do Mocajuba mais sua canoa. “Por sorte eu não saio sem a minha ferradura”, ele nos diria depois. Sem dúvida alguma era um peixe incrível, Siribóia podia sentir força daquele animal e imaginar seu tamanho. E o peixe lutava bravamente no único anzol com isca de sua velha tiradeira.

Foi então que ele amarrou a linha firmemente no banco da embarcação e se posicionou para a maior batalha que aquele rio viria testemunhar.

E assim começou a luta entre o velho pescador e o peixe incomum. Alguns minutos já haviam se passado e o peixe ali a lutar com bravura. Seu Siribóia sabia que não

seria fácil como nada em sua vida foi fácil. Ele sabia que havia um peixe e que esse peixe era muito grande, provavelmente seria um Mero, mas não podia ter certeza até conseguir puxá-lo para fora da água. E o suor ensopava sua testa e suas mãos ardiam. O peixe não estava para brincadeira e não se entregaria assim tão facilmente. Seu Siribóia também não estava. E nisso, pescador e peixe se entendiam como ninguém. O porão da canoa estava se enchendo de água e seu Siribóia com uma das mãos livres tirava como uma cuia a água de dentro de sua canoa a devolvendo para o rio. Ele estava atento a cada movimento do peixe e vez ou outra jogava um pouco de água na cabeça que escorria pelo seu corpo refrescando o calor daquela batalha que parecia nunca ter fim. “E eu pegava um pouco de água e esfregava na minha perna e depois passava na linha. É remédio pra amansar o peixe”. Dizia-nos ele em conversa em frente de sua casa, que fica próximo à Igreja de São João Batista, na comunidade Sede de São João da Ponta.

A noite escoava lentamente. E seu Siribóia seguia em sua canoa a favor da maré vazante. O peixe parecia ter parado. Já não lutava mais. Talvez fosse o momento de puxá-lo devagar para a borda de sua canoa. E foi o que ele fez. O peixe veio vindo, veio vindo até que sua cabeça finalmente pode ser vista totalmente fora da água. Era um peixe escuro com manchas brancas. Seu Siribóia não estava enganado. Era um imenso peixe Mero.

O peixe já estava, segundo seu Siribóia, “bem, mais bem ferrado”. Então, o pescador pegou o maior anzol que trazia consigo e enfiou debaixo do queixo do peixe Mero, que ainda tentou escapar, se debatendo um pouco, mas já era tarde demais. Seu Siribóia segurou com força o anzol enterrado no queixo do peixe, e puxou até encostá-lo à borda de sua embarcação. Depois, ele fez o peixe deslizar para o fundo do porão de sua canoa que se chamava “Rosa Maria”.

Era o fim daquela batalha.

“Quando cheguei no porto a turma tava bebendo. Mais de vinte pessoas!”

- Ei, Siribóia! - eles disseram. - *Queidi* os peixes?

- Ah... uns aí! - respondeu Siribóia, humildemente.

- Tu és panema! – responderam eles a sorrir. –Toma uma dose logo aqui!

Eram nove horas da noite, seu Siribóia sabia disso e muitos daqueles pescadores que bebiam naquele bar também. Mas, o que nenhum daqueles homens suspeitava era que no fundo daquele porão estava um dos maiores peixe Mero já visto no porto de São João da Ponta.

Seu Siribóia deixou o peixe Mero lá e foi até sua casa e assim falou à sua esposa:

- Olha, vai na casa da Antônia, diz pra eles vim buscar o Mero na ponte porque só eu não posso.

Quando os filhos de dona Antônia mais seu Siribóia puxaram de dentro da canoa “Rosa Maria” o peixe Mero para cima da ponte os pescadores que bebiam ali não puderam esconder o espanto e a surpresa em ver aquele peixe estendido diante daquele velho pescador.

- Mas tu, rapá! – exclamavam seus colegas – Como foi pra ti pegar esse peixe?

E seu Siribóia respondeu a sorrir:

- Tu não sabe, rapá? Eu ando com meus caruanas!
- Que caruanas que nada! – respondiam eles sorrindo agora não com sorriso de deboche, mas com um sorriso de admiração e respeito por aquele companheiro de pesca, que andava meio panema (azarado) para pesca.

...

Seu Siribóia encosta sua canoa ao lado do trapiche da praça. A pescaria não foi muito boa nessa manhã de julho. Apenas alguns peixinhos. O rio Mocajuba de hoje já não é mais o mesmo rio pesqueiro de outrora. Joga-se a pequena âncora e logo em seguida desembarca o pescador e seus pescados. Sua casa é logo ali. Ele passa por meu amigo e eu. Cumprimenta-nos com um caloroso: “bom dia!”. Deividy faz algumas fotos, enquanto eu pergunto ao pescador sobre o uso daquela sua famosa tiradeira, que ele exibia com muito orgulho para nós. Depois ele pegou o seu paneiro com os escassos peixes fígados naquela manhã, atravessou toda a praça com seus pequenos passos, dobrou a direita e entrou em sua casa.

A FEITICEIRA E O PESCADOR JOÃO – HISTÓRIAS DE QUEM SAI PRA PESCAR SOZINHO



Ao chegarmos à residência do senhor João Batista Palheta – seu João Timbica⁵³, o encontramos sentando em uma cadeira de rodas, olhando para a rua a partir de sua varanda. Já era noite. Havia uma inflamação em sua perna esquerda, que começava do pé e subia até sua canela. Mesmo assim nos recebeu gentilmente para uma conversa sobre o assunto que ele mais conhecia: suas lembranças como pescador.

Ele nos contou que pescava durante dias. Indo desde o rio Mocajuba até Pinheiros, atualmente Distrito de Icoaraci – Belém-PA. Nessas suas pescarias era comum a Feiticeira, também conhecida como Matinta Perera, surgir para perturbar suas pescarias. Seu João sempre pescava sozinho, pois segundo ele *nunca gostei de levar companheiro. Porque quando o negócio apertasse não tivesse ninguém reclamando comigo.*

Diversas vezes a Feiticeira, como é chamada pela maioria dos pescadores de São João da Ponta, experimentou a coragem de seu João Timbica em suas pescarias solitárias. Como naquela manhã em que o pescador “despescava” sua tapagem num igarapé. Poucos peixes ele conseguiu despescar naquele dia.

53 | Homem, 86 anos, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

Bem... eu vou pegar uma tainha daqui pro porto, que tem muita tainha - pensou ele.

Assim o pescador fez. Ajeitou-se em sua canoa, ajustou e acendeu a lanterna que ficava na popa da embarcação e se preparou para remar de volta ao porto. Foi aí então que começou a estremecer sua tapagem. Era como se algum peixe grande, do tipo Mero tivesse se debatendo ali contra as estacas que ainda pouco seu João havia arrumado.

Mas se peixe miúdo eu já não achei, contei tudo... ainda mais um graúdo como tá batendo aí – disse o pescador a si mesmo.

Ele ficou pensando em remar de volta e verificar a tapagem de novo, mas pensou e pensou. Resolveu não ir, e aí choveu e seu João foi. Próximo dali, uma ramagem se estendia na beirada do rio. Ele foi remando, secando o porão de sua canoa, que enchia devido à água da chuva.

Então, rente ao ouvido do pescador:

Fiiiiiiiiiiiiiiiít

Um assovio forte, agudo e penetrante cortava o vento e a alma de quem o escutasse. Seu João sabia do que se tratava. Sim, era ela. A Feiticeira, a Matinta Perera!

- Rapaz, era ela – dizia-me ele sorrindo. – Só pra me meter medo! Ela me deu um espanto, quase me joga na água!

A CURIOSA HISTÓRIA DO “QUEIMA-SANTO”

Quem nunca ouvia falar ao menos uma vez em São João da Ponta da história do “Queima-Santo”? Mas quem foi esse personagem, quem foi esse homem e como surgiu essa história?

Segundo as narrativas orais do senhor Alcides Chagas de Sousa Soares (seu Siribóia), tratava-se de uma brincadeira feita com um pescador conhecido e querido por todos ali em São João da Ponta. E que inclusive, esse mesmo pescador morava bem próximo dali de sua casa. Ele era conhecido como João Timbica.

- Já ouviu falar da história do Queima-Santo? - perguntou-me a queima-roupa, seu Siribóia.

- Já ouvi, mas desconheço como aconteceu... – respondi.

- A avó dele tinha um sítio e uma imagem de São Pedro. Aí ele foi pescar e pediu um peixe pra São Pedro. E ele [São Pedro] não quis dá. E aí ele chegou no sítio, pegou o santo, levou pra fora da casa e queimou o santo. É por isso que chamam de Queima-Santo pra ele. E a velha Rutinha pegou uma... um pau pra dá umas lambada nele, mas como pega ele na carreira?

Seu Siribóia já tinha ouvido aquela história umas mil vezes, mas ainda sorria bastante junto com a equipe que estava comigo naquele inesquecível primeiro contato com os moradores mais antigos do município.

Perguntamos na segunda entrevista feita no dia seguinte com o senhor João Batista Palheta sobre a curiosa história do “Queima Santo”, tão famosa entre os moradores da cidade.

Ele nos falou que tudo não passava de uma brincadeira dos colegas que adoravam colocar apelidos nele. Dentre esses apelidos estão “João Timbica” e “Queima- Santo”.

Sempre muito descontraído, apesar de sua perna adoentada, seu João nos falou que tinha vários apelidos, mas nem ligava pra isso, não se importava. Sabia que era uma forma das pessoas demonstrarem o carinho que sentiam por ele. Todos se divertiam com as histórias, sempre com grande respeito, sem ridicularizar sua pessoa.

- E a história desse apelido do senhor – perguntei – de “Queima-Santo”, que contam por aí, o senhor pode falar um pouco como surgiu esse apelido?

- Não... - respondeu-me ele com um sorriso faceiro no rosto - Isso porque minha avó tinha um santo, e tinha um colega que sempre tomava uma, vizinho, né. Aí quando foi um tempo ele chegou lá. O santo estava aquele [no canto dele]. Ele [o colega] chamou que eu que queimei o santo, mas não...

- Não foi o senhor? – perguntei.

- Não... - respondeu ele aos risos - o santo não foi queimado. Isso é arrumação. Ah... mas é só pra acharem graça.

A REORGANIZAÇÃO DA BANDA DE MÚSICA DR. DIONÍSIO BENTES



A Banda de Música Dr. Dionísio Bentes tocou pela primeira vez em São João da Ponta no ano de 1929. Mas, com o passar dos anos, quando os antigos alunos em busca de melhorias de vida precisaram deixar o município, a banda de música desapareceu. Muitos anos depois, em 1986, um desses alunos, o senhor Raimundo Rodrigues Barroso, voltaria a São João da Ponta com uma ideia alimentada durante anos fora de sua terra: *se eu voltasse ainda com vida, inteiro. Eu ia trabalhar pra reorganizar a banda. Por que eu sou músico. E eu vivo pela música.*

Eu nasci aqui nessa vila⁵⁴. E o tempo foi passando e eu tive a oportunidade de servir a Aeronáutica. Tirei 30 anos lá na Força Aérea. Depois fui pra reserva e voltei pra minha terra. Como eu sou especializado em música. Eu reorganizei uma banda de música que estava em decadência há mais de 30 anos. Aí eu reorganizei a banda de música doutor Dionísio Bentes e passei a ter uma atividade aqui. Inclusive eu tenho alunos meus que estão tomando conta da banda, são os mestres agora. E como eu estou na reserva mesmo, continuo dando aquele apoio. Para reorganizar essa banda, eu tive que ir a Belém no “Instituto Geográfico do Estado do Pará” e falei com o chefe lá da seção. E ele mandou ver o arquivo. Em 1929. Por isso que te digo que ela é de 29. (Raimundo Rodrigues Barroso).

54 | Hoje município de São João da Ponta.

Seu Raimundo Barroso conta que conseguiu alguns instrumentos na Fundação Carlos Gomes, em Belém do Pará. A nova formação da banda começou com rapazes de 16 e 17 anos. A banda tocou em vários municípios do Estado como Porto Trombetas, Marapanim, Castanhal sem nunca deixar de dar assistência às festividades religiosas de São João da Ponta. A banda se apresenta até os dias de hoje, tocando em diversos eventos, religiosos ou não.



CENTRO COMUNITÁRIO MARCELO CANDIA E A ESCOLA DE MÚSICA



Centro Comunitário Marcelo Candia

O Centro Comunitário Marcelo Candia é administrado atualmente pela Igreja Católica através do trabalho das “Irmãs Missionárias Filhas de Jesus Crucificado”, que há sete anos desenvolvem trabalhos junto às comunidades de São João da Ponta.

Dentre esses trabalhos destacamos a escola de música, fruto da parceria entre a Igreja Católica, Banda de Música Dr. Dionísio Bentes, Prefeitura Municipal de São João da Ponta e Associação Marcelo Candia. O ensino de música para as crianças e jovens de São João da Ponta é ministrado por dois professores, antigos alunos, frutos da reorganização da Banda de Música Dr. Dionísio Bentes feita em 1986 pelo senhor Raimundo Rodrigues Barroso conforme o capítulo anterior.

Sobre este trabalho desenvolvido com as crianças e com os jovens de São João da Ponta, a irmã Naide Maria de Carvalho nos esclarece na transcrição feita a partir de sua entrevista gentilmente cedida para este trabalho.

Através de amigos da Itália, ele [padre italiano Mario Antonelli] conseguiu os instrumentos com uma banda lá da Itália, antiga. A banda renovou todos os antigos instrumentos [e doou os antigos] pra cá. Veio tudo de navio. Aí chegou esses instrumentos, usados, mas bastantes bons ainda. Com os instrumentos faltava a casa. E esse mesmo padre italiano também, Mario Antonelli, conseguiu com essa associação italiana, Associação Marcelo Candia, que foi um doutor italiano que tinha muita riqueza e vendeu tudo na Itália e veio construir obras aqui no Brasil. Tem hospital de leprosos lá em Macapá, tem várias obras em Marituba... Aí a gente fez o projeto pra ele, pra ele nos ajudar a fazer essa sede aqui. Tinha duas casinhas aqui pequenas, tinha um estabulo no meio. A ideia era fazer uma casa de música. Mas depois nasceu uma outra ideia. Aí a Associação [Marcelo Candia] foi e nos ajudou, mandou o dinheiro, a gente reformou as casas pequenas que tinha aqui e fez toda essa casa aqui. A gente fez essa reforma. Hoje isso tudo aqui pertence à comunidade.

A BASE DA ECONOMIA DE SÃO JOÃO DA PONTA NA ATUALIDADE



A economia de São João da Ponta está baseada na cata do caranguejo, na pesca e na agricultura familiar a partir das lavouras temporárias e permanentes.

As maiores produções das lavouras temporárias do município estão nas colheitas do abacaxi, arroz, feijão, mandioca, melancia e milho. Já as maiores produções das lavouras permanentes estão nas colheitas do coco-da-baía, maracujá e pimenta-do-reino. (IBGE, 2010).

A produção é levada pelos próprios agricultores, catadores de caranguejo e pescadores em caminhões, ônibus, carros menores para serem negociadas diretamente com os consumidores, principalmente nos municípios de Castanhal e Belém numa viagem que leva em média duas horas para Belém e uma hora para Castanhal. Existe também a negociação entre o produtor e os atravessadores. Nesse tipo de negociação, o pequeno produtor, sente-se obrigado a vender seus produtos por preços bem abaixo do mercado, deixando de ganhar mais se fosse vender seu produto diretamente ao consumidor sem a intermediação do atravessador.

Sobre a relação entre o catador de caranguejo e o atravessador (que nos versos a seguir aparece como “patrão”), o senhor Lázaro Favacho da Costa compôs a seguinte letra de Carimbó:

*Serviço do caranguejo é um serviço pesado,
cabôco trabalha o dia, a tarde pede fiado.
Dinheiro que é bom no bolso não tem,
Espera o patrão que ele chega de Belém.
O patrão chega de Belém precisa tomar cuidado,
o freguês vai prestar conta, caranguejo vendeu fiado.
Assim não dá
Assim não dá
A gente estripa tanto
dinheiro não tem pra dá.
(Lázaro Favacho da Costa).*

Para proteger e preservar as áreas de mangue, de onde vem grande parte da produção do município, a pedido dos próprios moradores, foi dado início ao processo de criação da Reserva Extrativista Marinha de São João da Ponta.

A Reserva Extrativista de São João da Ponta foi criada por meio do Decreto S/N de 13 de dezembro de 2002, abrangendo uma área de aproximadamente 3.203,24 ha (três mil, duzentos e três hectares e vinte e quatro centiares) e um perímetro aproximado de 5. 268,88 m (cento e trinta e um mil, duzentos e sessenta e oito metros e oitenta e oito centímetros). Possuindo na sua dominialidade territorial, a predominância do ecossistema de manguezal. Este ecossistema, segundo a Lei 4.771/65 (Código Florestal), representa áreas de preservação permanente (APP), não edificante. As comunidades usuárias moram no entorno, nas áreas de terra firme. Para essas comunidades, a unidade de conservação representa uma grande área de produção⁵⁵.

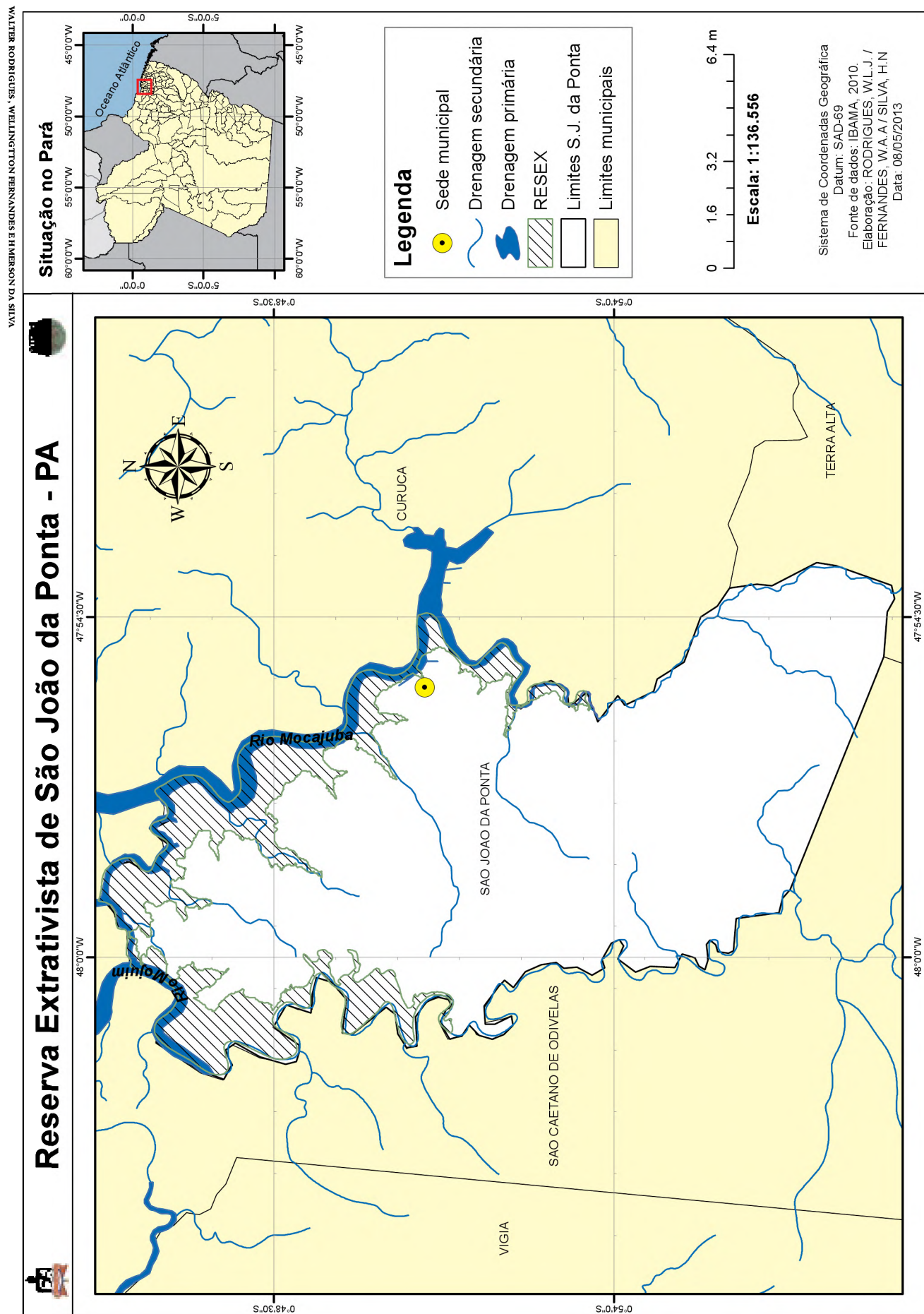
Então o que seria uma RESEX?

As Resex são unidades de conservação de uso sustentável que tem como objetivo proteger os meios de vida e a cultura de suas populações extrativistas tradicionais e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade (Lei 9.985/2000 - SNUC).

Sobre a importância da criação da RESEX para preservação das áreas de mangues os senhor João Roberto da Silva nos fala o seguinte:

A criação da RESEX pra nós foi muito bom. Pra alguns, não. Porque quando começamos aqui na criação da RESEX aí diziam que iam proibir a pesca, a RESEX ia proibir pegar caranguejo, que eles não iam poder mais pescar é... nós fomos taxados aqui de, de... de assim de uma forma de trazer uma coisa pra cá que ia proibir um bocado de coisas. Na verdade, ela não proibiu. O que a RESEX faz? Nós hoje... eu como agente ambiental voluntário, a gente trabalha em cima da preservação. Se você preservar, seus filhos, nossos filhos vão ter mais tarde e nossos netos até nossos bisnetos. (João Roberto da Silva).

⁵⁵ | ICMBIO (2010) apud RODRIGUES&FERNANDES (2011).



OS SABORES VINDOS DA NATUREZA: A CULINÁRIA DE SÃO JOÃO DA PONTA



A culinária no Brasil sofreu influências africanas, indígenas e européia. Na Amazônia, mais precisamente em São João da Ponta no Pará, não foi diferente. É certo que pensar a culinária em São João da Ponta e das cidades da região amazônica, é pensá-las relacionadas com a natureza. Ingredientes vindos dos rios, do mangue, da floresta que fazem da cozinha de seus habitantes um universo de sabores e cheiros incomparáveis. Assim, temos no cardápio os mais variados tipos de peixes, mariscos, crustáceos, moluscos, aves, legumes, verduras, condimentos e etc.

A culinária local está baseada, principalmente, nos mangues de sua Reserva Extrativista. São os mais variados pratos feitos e servidos em forma de moquecas, sopas, caldos, casquinhas, ensopados, cozidos, assados e etc.

Dentre os pratos mais saborosos que tivemos a oportunidade de provar em São João da Ponta está a sopa de caranguejo, servida em uma de nossas visitas à dona Marcinha em sua casa na Sede municipal.

Por tanto, se algum dia você estiver de visita em São João da Ponta, não deixe de provar as delícias da culinária local.

O PODER DAS PLANTAS MEDICINAIS, O CONHECIMENTO “ESCRITO” NA FLORESTA



Desde muito tempo é conhecido pelos mais antigos o uso das plantas para tratar as moléstias que nos afligem e, também, as simpatias que são usadas para benzer, tirar a panema, mau-olhado, curar quebranto de crianças, espinhela caída entre outros males. Mas não se iludam pensando que é qualquer pessoa que está capacitado para exercer a cura. Para esse tipo de ciência você tem que já nascer com o dom e desenvolvê-lo durante anos.

Em São João da Ponta existiram e ainda existem pessoas que possuem o dom da cura. São elas conhecidas como benzedeadas (os), curandeadas (os), parteiras.

Sobre esse assunto, conversamos com o senhor Domingos Santarém e com a senhora Maria Bárbara Chagas Soares, que até os dias de hoje trabalham com esse conhecimento ajudando a população, que infelizmente muitas vezes carece de atendimentos médicos.

Também conversamos com as senhoras Fidelquina de Sousa Rodrigues e Fátima Palheta, que nos falaram a respeito das memórias da parteira Mãe Semira e da parteira, benzedeadas senhora Marionita como vimos no eixo-temático “São João da Ponta: sua história na memória”.

Domingos Santarém, o dom da cura descoberto aos 17 anos

O senhor Domingos Santarém⁵⁶, descobriu o seu dom para cura quando contava com 17 anos de idade.

Esse meu trabalho, eu comecei com a idade de 17 anos, realmente eu não sabia se eu tinha esse dom. A gente vem pra esse mundo, a gente não sabe o destino da gente.

Na época, a mãe do jovem Domingos estava “curada de pajé” e não podia tocar o corpo de ninguém durante oito dias. Sua mãe também tinha o dom da cura. Mas naquele dia não era possível usar de seu saber para socorrer um rapaz que havia chegado à porta de sua casa com o braço distendido devido a uma queda de cavalo. Domingos estava no quintal, fazendo uma gaiola quando sua mãe o chamou para lhe encarregar de uma missão muito especial.

- Domingos, você vai ajeitar o braço daquele rapaz.

- Mas mamãe eu não sei.

- Não, você sabe sim!

Aí eu vim naquela indecisão, né. Eu nunca tinha feito nada assim. Aí eu vim, ela não falou mais nada. Eu peguei o remédio.

E ela pediu para Domingos passar o remédio, que era a andiroba, no braço distendido do rapaz.

Aí eu comecei a passar tudinho.

No que a sua mãe o advertiu:

- Tu não vai te afobar.

Aí de repente deu um jeito, aí eu puxei o braço do rapaz, daí encaixou as duas juntas, né.

Desde então, seu Domingos Santarém continuou o seu trabalho até os dias de hoje, prestando serviços para sua comunidade e para quem precise de sua ajuda nesses lugares, onde o atendimento médico é precário, para não dizer, em muitos casos, ausente.

Seu Domingos trabalha com distensão, fraturas, rasgaduras, massagens, espinhela caída. E ainda, prepara com suas plantas, todas encontradas em seu quintal, xaropes para gripe, tosse, além de suas famosas “garrafadas” para qualquer tipo de problema: rim, fraqueza e até para ajudar mulher engravidar.

Eu não sei dizer quantas pessoas já se passaram pela minha mão, porque esse é um trabalho de ciência também, tipo médico, pra esse trabalho eu não estudei, esse é um dom que Deus dá pra gente.

⁵⁶ | Homem, 59 anos, comunidade Sede municipal, 29 de julho de 2011.

Tia Babita e o poder das plantas que curam

A senhora Maria Bárbara Chagas Soares, a Tia Babita, é conhecida por todos de São João da Ponta pelo seu conhecimento no uso de remédios caseiros feitos a partir de plantas, raízes, cascas, folhas e etc. Remédios caseiros feitos com a casca do uxi, copaíba, barbatimão, verônica, raiz do camapú, raiz do açaí, raiz do mucajá, babosa, folha do capé, amor crescido entre outros.

Olha a babosa! Ela é um grande remédio pro negócio do estômago, gastrite que a gente sofre muitas vezes. Ela é boa pra isso. A folha do capé com aquele amor crescido que eu tenho ali... tudo isso é remédio. É bom pra curar o estômago da gente. Mas hoje em dia, a pessoa não quer saber do remédio que o papai [Deus] deixou.

- Ah, eu vou ali no doutor.

E o doutor...

- O seu sofrimento é tal e tal. Você vai comprar tal remédio.

Às vezes a pessoa não compra porque não tem condição.

Aí Deus diz assim...

- Vai lá naquele capim dali da rua arranca lá a raiz, ferve e bebe que vai ficar bom.

- Vai no doutor...

- Tu ficou bom?

- Fiquei.

- Com quê?

Tem muitos que tem acontecido isso...

- Com quê você ficou bom?

- Com tal remédio.

- Então continue.

O dele [do médico] ficou pra lá! Porque a pílula ela é boa, mas se você se dedicar tomar só pílula, a borra da pílula vai sentar no seu estômago e mais tarde vai lhe prejudicar.

A LUTA DE DONA MARCINHA PARA MANTER E PRESERVAR A CULTURA DOS BOIS BUMBÁS, CORDÕES DE PÁSSAROS E ANIMAIS NA ATUALIDADE



Danças das Mulatas de Dona Marcinha

A senhora Márcia Pereira de Matos Almeida – dona Marcinha, é uma grande incentivadora e promotora da cultura local. Sua luta para tentar manter e preservar os cordões de pássaros e animais, bois-bumbás, danças entre outras manifestações da cultura popular, é bastante conhecida entre os moradores de São João da Ponta.

Nas entrevistas gravadas com dona Marcinha nos anos de 2011 e 2012, ela nos fala da vontade de resgatar essas brincadeiras, que tanto animaram sua juventude como, por exemplo, a dança da “Pomba e o Gavião” e a do “Tijucuraru”, que eram danças muito antigas no município. Dona Marcinha recorda dos seus 14 anos, época em que dançou essas danças. *O sol já tava clareando quando saia a dança da Pomba e do Gavião e a do Tijucuraru.*

Dentre as manifestações culturais organizadas por dona Marcinha em São João da Ponta estão:

Folia de São João Batista

Na folia os instrumentos musicais como o violão, tambor são enfeitados com fitas coloridas tambor, violão. As mulheres vestem saias vermelhas e blusas brancas. Tocam três músicos enquanto cinco senhoras cantam. A folia acontece em frente à igreja e outros locais.

Cordão do “Caranguejo”

Dona Marcinha colocou o cordão do “Caranguejo”, que se apresentava com música ao vivo. Entretanto, o cordão do “Caranguejo”, embora muito bem organizado, parou suas apresentações devido a falta de incentivos financeiros para dar continuidade a brincadeira.

Boi-bumbá “Veludinho”

Depois foi organizado o boi-bumbá “Veludinho”. Dona Marcinha nos explica na transcrição a seguir como se dá essa brincadeira de boi.

Há uma chegada bonita. Há toda uma dança. Há também um boi preto feito de veludo. Depois da sua chegada canta-se um samba, depois do samba entra o Chico, que ia fazer a caçada e atirava o boi. Só que ele não morria. Depois procuravam os soldados ou os índios, outras vezes colocavam índios e soldados. E colocavam pessoas que assistiam também até capturarem o nego Chico e o prenderem. Depois o boi volta e cantam-se a levantação do boi levando uns 30 minutos de duração da comédia. Isso geralmente acontece no mês de junho que é o mês do círio da cidade.

Além dessas ações, dona Marcinha, ainda organiza as seguintes manifestações culturais:

Danças

As danças do “Tacacá”, da “Peneira”, das “Mulatas do Pará”, do “Pau da Fita”.

Dança das Mulatas do Pará

*Nós somos filhos de São João da Ponta viemos apresentar,
trazendo as mulatas nesse evento cultural,
levando e deixando saudade aqui em Curuçá.
São João da Ponta está nos esperando este é
o momento que não podemos ficar.
Adeus até amanhã se despede as mulatas para o ano há de voltar.*

Dança do Tacacá

*Nós somos as mulatas
As mulatas do Pará
Preparando a maniçoba
E o gostoso tacacá
Entramos, cantamos com todo prazer
Porém a tristeza convém esquecer.*

Cordão

Os cordões da “Borboleta” e do “Tucano”

Cordão da Borboleta

*(Despedida)
Salve a Pátria querida
Dessa nação brasileira
Se despede a Borboleta
Que é da nossa brincadeira*

Meus senhores e senhoras

Nos queira nos desculpar

Se despede a Borboleta

Para o ano há de voltar.

Cordão do Tucano

Não vejo o nosso tucano

Que estava ainda agora aqui

Não sei se foi morto por malvados

Ou pelos índios Tupis.

Troféus ganhos em festivais culturais



**PEDRO CARIMBÓ, COMPOSITOR, TIRADOR DE CARIMBÓ
E ORGANIZADOR DO BLOCO CARNAVALESCO
“UNIDOS DO AÇÚ”**

O senhor Pedro Monteiro Bandeira, além de tirador, tocador e compositor de letras de Carimbó, também colocou o bloco “Unidos do Açú” e compôs algumas marchinhas dentre as quais transcrevemos as seguintes:

*É um ou dois ou três ou quatro
Bucheça de carrapato
Você tem a barriga dura
De tanto chupar batom
Essa dança dos “Pés de Pato”
Que está aí número um!*

*Rapa, Rapa, Rapa rapadura
Faz a vez do açúcar no café
Quem gosta de mel é abelha
Toma aqui uma pinga que é
Bom pra esquentar as orelha.*

Pedro Carimbó recorda dos tempos antigos com saudade.

O pessoal era animado aqui. Agora... o pessoal se lembra, mas... não tem condição, os camaradas tudo já tá de idade, né, que brincavam comigo... teve uns que já faleceram. A gente vai ficando também esmorecido.

A REORGANIZAÇÃO DO CARIMBÓ EM SÃO JOÃO DA PONTA



A primeira atitude para a reestruturação do Carimbó no município de São João da Ponta, partiu do pai do mestre Apolinário de Matos Almeida, o senhor Apolinário da Costa Almeida. Nesse sentido, Apolinário, conta:

O papai tocava pandeiro, ele começou a incentivar a gente a entrar, tinha um conjunto de família. Quase todo mundo tocava um instrumento, então a gente começou a se entrosar, aí começou a tocar acho que foi em 1983... eu não estou bem lembrado a data, aí surgiu o “Fruto da Terra” e era assim.

No entanto, após o falecimento do senhor Apolinário da Costa Almeida, o grupo se desfez mais uma vez. Voltando a novamente sob a liderança de mestre Apolinário de Matos Almeida.

A primeira vez que nós formamos o grupo, ele foi desfeito. E nós depois retomamos para fazer novamente o grupo. A gente era convidado para tocar o Carimbó na festividade de São Benedito. Foi passando o tempo então o meu irmão falou: “Vamos reestruturar o ‘Fruto da Terra’”. Tu sabes de uma coisa? É tu mesmo que vais tirar os versos. Tu tocas banjo, tu sabes canta, tu lembra das músicas tudinho. Então ficou esse grupo.

E assim o grupo “Fruto da Terra” trouxe novamente para o município de São João da Ponta o Carimbó esquecido, no entanto, as dificuldades para manter o grupo é um incomodo constante.

E a gente tentou resgatar. Então a gente tá aí trabalhando no município é... fazendo o que a gente pode, o que o grupo pode, né. Por que... a gente trabalha com recursos próprios mesmo. A gente não tem incentivos assim de qualquer órgão. Essa é forma da gente manter isso aqui no município. Então o grupo desenvolve o trabalho nesse sentido. E a gente na medida do que vai passando, do que a gente pode, a gente vai tentando angariar fundos, investir no grupo mesmo. Esse é que é nosso objetivo como grupo folclórico.

O CARIMBÓ EM SÃO JOÃO DA PONTA HOJE



Grupo de Carimbó Fruto da Terra

A dança

O Carimbó é uma dança de origem indígena, herdada da tribo Tupinambá, que habitava a região do Salgado paraense. Durante a realização da dança, é rigorosamente proibido o homem abraçar ou fazer qualquer gesto considerado imoral pelo grupo, sob a pena do dançarino não poder participar mais da dança pelo menos naquela noite⁵⁷.

As dançarinas, que acompanham as músicas tocadas pelo grupo de Carimbó local, são compostas pelas senhoras dona Tila, Rosimira, Bernadina, Marcinha e Dolores.

A música

O curimbó é um tambor confeccionado com madeira de muçajá ou abacateiro, ambas encontradas na região, e recoberto com couro de boi ou outro animal. Já a maracá é o instrumento de percussão que dita o ritmo da música, ora mais rápido ora mais compassado.

O tambor que a gente chama é o curimbó, e o Carimbó mesmo é a dança. Tem o xeque [maracá], o banjo, tem o milheiro também. O que tem mais é o sax. Aqui a gente tinha grupo que tocava com banjo e os que tocavam com viola. Essa flauta artesanal a gente não tem! Isso que a gente chama de pau e corda: o banjo, a maracá e os tambores e a flauta de madeira. (Apolinário de Matos Almeida)

57 | BEZERRA, Ararê Marrocos. Amazônia: Lendas e Mitos: Curuçá sua terra, sua gente. Belém: Editora Paka-Tatu, 1995.

Segundo mestre Apolinário, eles aprenderam *aqui, aqui no nosso lugar*, que as músicas de Carimbó eram tocadas da seguinte maneira: *Tem uma introdução com os instrumentos, o tirador de verso tira [canta] três vezes a música, os outros componentes do grupo tiram três vezes a segunda resposta.* Conforme o exemplo dado a seguir:

1° Voz (Tirador de verso):

Dona Maria chegou, chegou, chegou com a mandioca.

Para fazer a farinha, a farinha de tapioca.

2° Voz (Demais tocadores do grupo):

Para remexeeê

Para remexeeê

*Para remexê mexê mexê mexê mexê mexê mexê.*⁵⁸

Geralmente as músicas de Carimbó são curtas, então como é pra toca a durante a noite toda, aí geralmente a gente estica essas músicas até o raiar do dia. (Apolinário de Matos Almeida).

O grupo “Fruto da Terra”

Fruto da Terra chegou tá botando pra quebrar

Foi o povo que falou que é o campeão desse lugar

Olê, olá, menina vamos dançar

Já chegou Fruto da Terra é Carimbó e Siriá.

Hoje, apenas o grupo de Carimbó “Fruto da Terra”, do mestre Apolinário de Matos Almeida (43 anos), realiza apresentações nas festividades do município. O grupo é formado por 07 integrantes. São eles: mestre Apolinário (Púlico), Aberlado (Bilú), Manuel (Curió), Agnaldo, Domingos, José e Wilson. Dos quais um toca saxofone, um no banjo, um na maracá, um na onça (cuíca), um no vocal e dois no curimbó (médio e novo).

A formação e organização do grupo que toca Carimbó são fundamentais para a sua própria existência e permanência dentro da comunidade. Existe grande respeito pelo responsável, mas onde todos têm papel fundamental. No caso do “Fruto da Terra”, o mestre Apolinário, que é o responsável, fica encarregado de fazer contatos, marcar as apresentações, inclusive até de buscar patrocínios para o grupo, para suas viagens e apresentações fora do município.

58 | Letra de Carimbó de autoria do artista paraense Pinduca.

Compositores e tiradores de Carimbó

No entanto, existem outros compositores e tiradores (cantores) de Carimbó ainda seguem compondo e/ou preservando suas letras, embora sem grupos formados e apresentações públicas. Entre esses compositores e tiradores, encontram-se o senhor Pedro Monteiro Bandeira, mais conhecido como Pedro Carimbó, e ex-integrante de grupos como “Repona” e “Fruto da Terra”; seu Vitor de Nazaré Almeida (71 anos), líder do grupo de Carimbó de São Francisco (hoje desfeito) e os demais integrantes deste grupo, os senhores Raimundo Palheta de Oliveira (94 anos), Lázaro Favacho da Costa (55 anos) e Manuel da Conceição Almeida (58 anos). Suas letras traduzem a identidade local descrevendo a paisagem cultural do município de São João da Ponta.

Os grupos ou conjuntos de Carimbó têm como seus principais componentes os extrativistas, ou seja, o trabalhador rural, o pescador, o pequeno agricultor, o tirador de caranguejo e etc. Moradores que souberam criar para si elementos de descontração, de alegria, de resistência para manter viva sua memória e sua tradição, mesmo com todas as dificuldades encontradas, essa cultura popular vai de alguma maneira sobrevivendo ao tempo.

O GRUPO FOLCLÓRICO “O CATITU” DA COMUNIDADE DE VILA NOVA

O Grupo Folclórico “O Catitu”, foi criado em 1950 pelo trabalhador rural o senhor Cantuário Galvão morador da comunidade de Vila Nova. Que pela sua identificação e afinidade com a natureza deixou para nós uma das mais belas lembranças baseadas nos seus textos distribuídos em versos. O tempo passou e durante um longo período a ação cultural ficou adormecida. Foi então que em 1975 o senhor Dílson Cereja dos Santos, filho de um dos músicos do grupo folclórico e morador de Vila Nova, toma para si a missão de valorizar, preservar e divulgar esta expressão da cultura popular. Oferecendo para as gerações recentes do município a oportunidade de conhecer esta expressão cultural, muito forte no passado, em sua forma original.

Toda brincadeira seja ela de cordão, boi-bumbá e etc. Segue uma estruturação pré-definida pelo organizador da brincadeira. Os organizadores desses verdadeiros teatros ao ar livre em nada perdem para os diretores dos teatros convencionais. Assim o espetáculo se desenvolve de uma maneira muito criativa e de certa forma intuitiva. O enredo das brincadeiras são todos versados e cantados por seu criador que na maioria das vezes é obrigado arcar com as despesas para poder apresentar sua expressão cultural que reflete a expressão cultural de sua comunidade, de seu município, de seu estado e de seu país.

Entre esses verdadeiros apaixonados pela cultura, que não medem esforços para criar e apresentar suas obras, hoje, em São João da Ponta, temos o exemplo do senhor Dílson Cereja dos Santos, 77 anos que nos diz o seguinte.

A nossa brincadeira [cordão de animal] do Catitu nos temos: advogado, delegado, soldado, os guardas da floresta, o caçador que vai caçar o bicho. Ai depois nós temos o doutor, médico, veterinário que vai curar o bicho que foi ferido ou assustado. E depois o bicho reanima e a brincadeira continua.

A importância da cultura é indiscutível para uma sociedade organizada. Quando deixamos de leva-la em consideração estamos de alguma forma desconsiderando os saberes e a identidade de um povo.

A cultura também faz parte da vida da gente. A cultura é a inteligência de todos! Então a gente tem vontade que cresça, que o município da gente apareça. (Dílson Cereja).

O QUE AS LETRAS DO CARIMBÓ DE SÃO JOÃO DA PONTA NOS DIZEM?

As letras dos Carimbó estão cheias de referências ao dia-dia dos moradores do município e ao trabalho dos pescadores, caranguejeiros e agricultores. Além de descreverem as belezas da paisagem de São João da Ponta. Como veremos nas letras dos Carimbó a seguir:

*Estamos chegando agora, nós chegamos pra cantar o Carimbó da “Mocinha” que eu fiz pra você
dançar*

O Preguiça fez a vela pra encurtar a remada, lá dentro da “Mocinha” era pura sacanagem

O Preguiça se entortava, o Preguiça se torcia enquanto eu mais soprava, mais o vento batia.

*O Preguiça se entortava, o Preguiça se torcia enquanto eu mais chamava mais a “Mocinha”
corria*

O vento bateu, a “Mocinha” correu

Foi na popa da “Mocinha” que esse Carimbó nasceu

(Abelardo Souza)

Saímos de São Francisco, agora eu vou contente.

O barco vai correndo, vai lotado de gente.

Vamos pra lá, todos cheios emoção.

Vim cantar o Carimbó, na vila de São João.

*O amigo Vavá, ele está aniversariando,
ele com a esposa dele, completando 80 anos.*

(Vitor Almeida).

São João da Ponta é uma cidade, fica em frente a maré

tem siri, tem caranguejo, tem o peixe aimoré

Mas isso é bom,

tem o peixe, o turú, tem a ostra

e o mexilhão e também o camarão

(Pedro Bandeira)

*Serviço do caranguejo é um serviço pesado,
cabôco trabalha o dia, a tarde pede fiado.*

Dinheiro que é bom no bolso não tem,

Espera o patrão que ele chega de Belém.

*O patrão chega de Belém precisa tomar cuidado,
o freguês vai prestar conta, caranguejo vendeu fiado.*

Assim não dá

Assim não dá

*A gente estripa tanto
dinheiro não tem pra dá.*

(Lázaro da Costa).

Na casa da vizinha ela tem uma galinha

e só tem um pintinho que não para de piá

Pio pio piooo pio,

pio sem cansar

Esse pinto tá piando dia e noite sem parar

Eh, cumadre! Segura esse pinto pra lá!

(Vitor Almeida).

Menina não se entristeça venha logo dançar

ao som do Pingo de Ouro alegria do Pará.

Venha menina

Não fique parada não

vamos fazer a alegria para o povo de São João.

Eu tenho um cordão de ouro que comprei pra fazer presente

Para uma menina linda que me ame eternamente.

(Dílson Cereja dos Santos)

Menina eu vou falar na riqueza do meu Pará

Tem fruta com abundância pra gente se alimentar

Tem açaí, pupunha e piquiá

Tem diversas frutas com sabor especial

Temos uma delícia que o famoso tacacá

E o saboroso caruru e também o vatapá

(Dílson Cereja dos Santos)

OUTRAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS, CLUBES E EVENTOS REALIZADOS EM SÃO JOÃO DA PONTA



Em São João da Ponta possui uma agenda cultural voltada durante o ano às comunidades do município. Em entrevista com a moradora e secretária de educação da Prefeitura Municipal, a senhora Giselle Palheta de Oliveira⁵⁹, nos informou algumas programações realizadas pela prefeitura nesse sentido, as quais são: a **Festa da cidade**, que acontece no dia 27 de dezembro; **Arraial Popular de São João da Ponta**, que acontece no mês de junho durante quatro dias de programação com muitas danças folclóricas como o Carimbó, dança marroquina, apresentação de quadrilhas juninas, boi de máscaras, bois-bumbás como os bois “De repente” (comunidade Monte Alegre), Faceirinho (comunidade de Guarajuba), Farinhada (comunidade Vila Nova) entre outros.

Em julho acontecem as **Olimpíadas de Verão** e o concurso **Garota Verão**; **Feira da Cultura**, em novembro; **Festival do Açaí**, na comunidade do Bonfim; **Festival do Caranguejo**, em Guarajuba; **Festival do Marisco**, em Deolândia entre outros.

Entre as tradicionais festividades religiosas realizadas atualmente em São João da Ponta são destacadas as seguintes: **Círio de São João Batista** (Junho 14 a 24); **São Pedro** (procissão marítima pelo rio Mocajuba em 29/06); **Nossa Senhora do Bonfim** (setembro); **São Francisco** (Outubro); **Nossa Senhora da Conceição** (2 a 8 de dezembro) e **Mastro de São Benedito** (em dezembro na Sede).

São João da Ponta ainda conta com clubes de tradição como: **Brasil e Recreativo** (Sede do município) **Alegria** (Deolândia), **Avante** (Guarajuba), **Esporte Clube Vila Nova**, **Botafogo**, **São Paulo** e **Clube dos Veteranos** (Vila Nova) entre outros.

⁵⁹ | Mulher, idade não informada, comunidade Sede municipal, 18 de agosto de 2011.

SÃO JOÃO DA PONTA: LENDAS, VISAGENS E ASSOMBRAÇÕES

Em conversas informais os moradores, principalmente os mais idosos, compartilham, através da oralidade, acontecimentos sobrenaturais ocorridos com eles ou com algum conhecido. São os tão conhecidos casos de lendas, visagens e assombrações, que inundam todo o universo amazônico, assumindo variadas versões.

Em São João da Ponta, estado do Pará, dentre os causos que inundam o imaginário dos moradores, estão: as Oiaras dos igarapés e rios, a Feiticeira (também conhecida como Matinta Perera), a Curupira que confunde os passos dos caranguejeiros no mangue, a alma penada que vaga pela estrada, gente que se transforma em bicho entre outras histórias que ouvimos, adaptamos e organizamos para compor esta parte do livro.

AS ALMAS QUE DAVAM DINHEIRO PARA AS PESSOAS NA COMUNIDADE DO BONFIM



João do Bonfim

Antigamente no Bonfim tinha um jutaizeiro que aparecia muito visagem. Depois os moradores perceberam que era por causa de um dinheiro enterrado. E esse dinheiro ficava guardado dentro de uma vasilha, que ficava enterrada no meio da rua. Na verdade não eram ruas como hoje se tem no Bonfim, e sim “caminhos largos”, conforme as memórias do senhor Manoel Soares. O dinheiro não podia ser tirado por qualquer pessoa. A alma precisava indicar a pessoa certa para desenterrar o dinheiro. Só assim a visagem desaparecia. Naquela ocasião, a alma resolveu dar o dinheiro para um senhor chamado Zizi e seu pai Antônio Silva. A fortuna estava enterrada bem próxima da igreja do Bonfim. Zizi e seu pai foram durante a noite com uma enxada e cavaram até achar a vasilha com o dinheiro. Desde então a visagem desapareceu. (Manoel Benedito Soares).

DIA DO BARTO - O DIA EM QUE OS DEMÔNIOS SÃO SOLTOS NA TERRA

Dia 24 de agosto é dia de São Bartolomeu. E dizem os antigos que São Bartolomeu toma conta de Satanás e de todo o inferno. Então, nesse dia ele solta todos os demônios, e eles ficam passeando pela terra. Somente no dia seguinte São Bartolomeu prende todos eles de novo. Sobre esse dia, o senhor Manoel Benedito Soares nos conta o seguinte caso:

Então o meu irmão, o Rosário, tinha uma araçarana lá junto de nossa casa de forno. Então ele foi lá e viu rastro de paca, rastro de veado, de cutia e disse 'Ah, hoje à noite eu venho esperar!'. E fez um mutá⁶⁰, um mutá alto assim. E quando foi seis horas da tarde, ele foi pra lá. Levou a lanterna e uma lamparina e uma espingarda de carregação. E aí ele subiu lá no mutá. Quando ia escurecendo veio uma cutia, mas uma cutia grande.

E ele disse:

- Eu podia te atirar, mas eu vou esperar o veado que é maior.

Mas ele não está sabendo que é noite do Barto! E ele esperou, esperou...

E quando foi 11:30 da noite, porque no interior, antigamente, a gente não tinha relógio, a gente conhecia pelas estrelas, pela lua ou o dia pelo sol. Aí quando foi 11:30 da noite o veado veio... começou a comer as araçaranas. Ele botou a lanterna e olha o veado! Chega o lombo era preto!

E ele disse:

- És tu mesmo!

E ele amassou o gatilho e...

PAAaaaaaaa

Bem no meio do veado. E aí o veado caiu. Quando ele caiu no mesmo instante ele deu um pulo que com a pata dele descascou um pau do mutá onde o Rosário estava.

E ele, o Rosário, disse:

- Poxa, mas esse bicho dá esse pulo assim...

Ele ficou cismado, mas aí ele desceu... O veado tava lá caído. Ele pegou um cacete, resto do que era do mutá e caceteou o veado. Aí ele morreu de vez. Aí ficou só jogando aquela espuma pelo nariz. Aí ele pegou o cipó para amarrar e ele, o veado, correu, correu e caiu mais na frente.

E o Rosário disse:

- Não, eu não vou mais atrás. Eu venho de manhã aqui. Tragos os cachorros, convido o meu compadre, a gente vem aqui e pega ele.

E quando foi de manhã ele foi lá, ainda estava escuro. Chegaram lá procuraram e não tinha sangue e não tinha vestígio nenhum de veado. A cachorra que eles levaram era muito boa de caça. Mas não. Eles não encontraram. Procuraram até 11:00 horas da manhã. E não conseguiram encontrar.

Aí foi que ele foi pensar que era a noite de Barto. E foi o Satanás que virou no veado.

O CASO DO BAGRALHÃO QUE APARECIA NO CAMINHO QUE LIGA DEOLÂNDIA A SÃO FRANCISCO

Esta história foi contada por seu Lázaro Palheta. E diziam que...

De antes esses caminhos aqui eram todos respeitados. Seis horas você não andava, que você sabia que ia levar porrada.

Seu Lázaro Favacho da Costa diz mais um pouco sobre o caminho que liga Deolândia e São Francisco:

Não podia passar, dava seis horas. Era um pretinho, sabe. O cabôco apanhava mesmo de graça lá, sabe. Apanhava mesmo!

Na comunidade de Deolândia mora um senhor, que quando mais jovem, caminhava de Deolândia, que na época chamavam Desterro, até a comunidade de São Francisco para encontrar com sua namorada. Toda noite ele caminhava de Deolândia pra São Francisco a pé. Pois, como já sabemos, antigamente não havia estrada aberta. Era só caminho estreito, pico.

Certa noite, o rapaz saiu. Eram por volta das 7 horas quando ele passou pela frente do cemitério de Deolândia. Foi quando ele começou a ouvir um gemido de um peixe que lhe era conhecido das pescarias. Tratava-se de um peixe conhecido como bagralhão.

Ele respirou fundo, olhou e viu o bagralhão ali, se movendo ao seu lado, como se dentro do rio Desterro estivesse. Ele andou, andou... foi embora... e o peixe do lado dele, acompanhando. Antes de chegar na entrada de São Francisco, numa curva do caminho, o bagralhão ficou, sumiu talvez. E o rapaz continuou o seu caminho com o coração na garganta.

60 | Local onde os caçadores se abrigam durante as noites de caçada para esperar a caça. Geralmente esses abrigos são feitos de madeira, cobertos por palha (folhas secas de palmeiras) no alto de alguma árvore.

A HISTÓRIA DO CAVALO MARINHO ENCANTADO



Seu Zacarias Monteiro Bandeira conta que, antigamente, as pessoas viam um belo cavalo branco. As altas horas da noite o cavalo aparecia e invadia os roçados dos moradores do município e comia todo o milho. A plantação que tivesse de pé era colocada abaixo em questão de minutos. Mas, para o espanto e assombro dos agricultores, que pela manhã iam ver o estrago feito por aquele belo animal, não encontravam sinal algum de destruição. Nem mato batido, nem rastro algum que fosse, nem ao menos uma espiga de milho comida.

A senhora Orgarina Favacho dos Santos, a dona Mimi, conta que seu marido contava que altas horas da noite se podia ouvir o tropel e chocalho do sino que antigamente se colocava no pescoço dos cavalos.

Poc poc poc

Ouvia-se nas noites silenciosas o tropel de um misterioso cavalo.

Trim trim trim

Soava o sino preso a seu pescoço.

Eles saíam para olhar e não viam nada. Era cavalo marinho...

AS OIARAS DO RIO AÇÚ QUE “MALINAVAM” COM OS HOMENS E O PESO NA GARUPA DAS BICICLETAS

- Antigamente – dizia-nos seu Zacarias – nesse rio aqui se passasse uma mulher, e você fosse atrás, você ia sair daí gritando. Com uma dor! É que diziam que a mãe de lá flechava.

- Como assim, seu Zaca? – perguntei.

- Se uma mulher passasse em cima da ponte, que antigamente tinha um ponte que passava por cima desse rio Açú aí, e você fosse atrás, podia dizer que você seria “malinado” pela mãe da água, a Oiara. E só mesmo um curandeiro pra poder curar você. Agora não... com essa estrada aí até as visagens desapareceram.

Risos.

- Também tem um caso aí que até eu já presenciei, mestre.

- Qual?

- Quando a gente vem dali da Sede, a essas horas da noite de bicicleta, a gente sente um peso na garupa da bicicleta desde ali da boca do ramal do Jacarequara até aqui no Açú.

- Aí pela estrada mesmo?

- Sim! Aqui por essa estrada grande mesmo. É um peso que a gente pedala, pelada, chega a gente sente aquela canseira, parece que estamos levando uma saca de farinha na garupa.

O CAUSO DO SOCA E SUAS ESTRONDOSAS PISADAS

Antigamente, segundo seu Zacarias Bandeira, era possível ouvir passar pela estrada uma alma que andava numa pisada só. Até os dias de hoje essa visagem é conhecida pelos moradores como o Soca. A visagem seguia durante as madrugadas pela estrada desde a comunidade do Açú no rumo da comunidade Sede de São João da Ponta.

TUM... TUM... TUM...

O Soca ia nessa pisada até a Sede e voltava. Sua forma não era humana. Algumas pessoas que viram diziam que tipo uma sombra e as pessoas que viam passavam mal e tinha que ir ao “macumbeiro” para serem curadas. O “macumbeiro” dizia que era coisa que não pertencia para o ser humano olhar, pois ele tava cumprindo a penitência dele.

E o Soca seguia pela estrada.

TUM... TUM... TUM... numa só pisada.

E o barulho dessas pisadas era alto. E ele ia e voltava. Os cachorros mais bravos de seu Zacarias nem levantavam a cabeça quando o Soca passava.

Atualmente essa alma já não aparece mais com frequência, no entanto, é bom tomar cuidado, pois seu Zacarias, vez ou outra, escuta aquelas assustadoras pisadas indo e vindo durante as silenciosas noites de São João da Ponta.

O CASAL QUE VIRAVA BICHO EM SÃO JOÃO DA PONTA⁶¹

Em São João da Ponta vivia um casal de senhores. Durante o dia, ambos levavam suas vidas normalmente. Cuidavam do roçado, pescavam e etc. como qualquer outro ser humano. Acontece que, durante certas noites, o casal saía para cumprir uma tarefa nada comum. O senhor virava um bicho veado e a senhora um macaco guariba.

Numa dessas noites, o compadre saiu para caçar. E para sua satisfação encontrou um veado grande e gordo tomando água, tranquilamente, na beira de um igarapé. E, como se fosse uma maravilhosa benção de Deus, o compadre avistou um guariba bem próximo do veado, distraído.

Não é que o compadre estivesse achando aquela cena toda da mais perfeita normalidade, mas ele não podia correr o risco de perder aquelas caças tão fáceis. Foi quando ele disparou sua espingarda atingindo os quartos do bicho, que, segundo ele, deu um grito tão forte e assustador que foi impossível não sentir medo.

Embora o medo do compadre fosse grande, ele ainda apertou o gatilho contra o guariba, que estranhamente não se afastou do veado ao som do disparo. Depois do segundo disparo, os bichos abatidos, começaram a chorar como pessoas. A noite ficou mais escura, e o compadre comentou que era como se todos os olhos da mata, estivessem lhe olhando com reprovação. Então ele correu dali o mais depressa possível.

Na manhã seguinte estavam falando que o casal de senhores estava muito ferido. Então minha esposa e eu fomos visitar o casal. O homem e a mulher estavam deitados e gemendo de dor. Seus corpos estavam cheios de pequenos buracos, feitos por um disparo de arma de chumbo. O compadre estava lá também e me disse baixinho:

- Compadre, eu acho que fui eu que atirei neles quando eles estavam transformados em bichos ontem à noite.

- Besteira, compadre!

- Mas tu não viste os buracos?

- Parecem buracos de arma de chumbo...

- O doutor acabou de tirar 14 tiros de chumbo de dentro das feridas do homem aí. É exatamente do mesmo lugar de onde eu atirei o veado ontem. O que isso te parece?

- Complicado...

- Pois é...

61 | Texto fictício baseado nas entrevistas dos senhores Zacarias Monteiro Bandeira (2011) e Raimundo Bandeira Coelho (2011).

UMA GRANDE ÁRVORE VISAGENTA QUE BOTAVA TODO MUNDO PRA CORRER

Era uma visão que aparecia em uma árvore grande. Quando davam das 10 horas da noite em diante ninguém passava. As pessoas falavam que era dinheiro enterrado, e por isso, fazia visagem, fazia medo. Daí todos que iam chegavam lá e não aguentavam, porque aquela visagem dava um grito muito forte.

Dava o primeiro, o segundo e no terceiro era um grito muito forte e feio. Então, as pessoas corriam desesperadas. Mas, houve um dia em que um homem, que era todo pregado, pediu para ir lá. Ele disse que ia tirar o dinheiro.

E assim, colocaram o homem aleijado dentro de um carrinho de mão e deixaram-no lá. E quando ele estava ali junto daquela árvore visagenta, um fogo subia da terra. Todos diziam que o homem todo pregado não aguentaria esperar nem o terceiro grito.

Foi quando deu um grito alto, depois o segundo grito, no meio de uma mata grande aquele grito zunia , foi quando o aleijado não aguentou, e se despregou todo, e foi sangue pra todo lado. Ele não viu dinheiro, não viu nada. Só que ele ficou curado, porque se despregou todo! (Marcia Pereira de Matos Almeida).

A CURUPIRA DO MANGAL

Então o que aconteceu? O meu primo, ele gostava muito – logo aqui a gente tem um mangal, né. Então, ele era um jovem assim que gostava de trabalhar a noite, sabe. Então, ele era um jovem que gostava de trabalhar só, sabe. Ele saía às vezes 7 horas da manhã e chegava é... uma hora, duas da tarde. Só que ele tinha um certo hábito com ele levava um palito no bolso dele. Quando chegavam as siriubeiras grandes ele metia fogo nelas, sabe. E a curupira que a gente considera é a mãe do mangal, sabe. Então, como ela mais ou menos reside? Contado pelos meus avós que ela [Curupira] reside dentro dos buracos das siriubeiras. Cai tudinho o âmago do pau e fica aquele imenso de buraco lá dentro. Então há uma proteção muito grande: há uma ramada lá encima, ela afina lá pra cima e engrossa aqui pro pé e fica aquele buraco aqui, sabe. E lá o bicho faz a moradia. Ali é bem limpo mesmo. Então ele era uma pessoa assim. Quando ele topava com aquelas siriubeiras, ele agarrava e metia fogo. Disque, contado pelo pajé, que um desses lá, ele meteu fogo aonde era a casa de uma bicha dessas. O que aconteceu? Ele foi assombrado por ela. Assombro foi esse que levou ele a morte. A curupira tomou, levou a sombra dele e não tinha quem desse jeito e jeito não teve mesmo (Lázaro Favacho da Costa).



O BODE MISTERIOSO QUE APARECIA NAS RUAS DE SÃO JOÃO DA PONTA

Passando aqui a esquina, quando ainda tinha bem árvores aqui, e que as ruas eram bem fechadas, eles viam um bode passar debaixo de uma mangueira. Então o pessoal sabia que não tinha bode. Mas eles viam aquilo. Eles também viam fogo debaixo das mangueiras crescendo e tomando forma. Depois sumia. (Apolinário de Matos Almeida).

AS HISTÓRIAS DE PEDRO MALASARTES NA BOCA DOS ANTIGOS⁶²

Pedro Malasartes era muito sacana. Não tem fim essa história dele.
(Maria Bárbara Chagas Soares).

*Não sei a origem do seu nascimento
no meu pensamento ele veio de marte
Talvez ele seja de outro planeta
Pior que o capeta só fazia arte
Seu tipo gozado seu jeito manhoso
Ficou fabuloso por todas as partes
Seu nome completo não foi conhecido
Mas seu apelido é Pedro Malasartes⁶³*



*Pedro Malasartes - personagem
da cultura popular*

Pedro Malasartes se tornou um grande representante da cultura popular brasileira e suas histórias conseguem ter uma crítica social muito suave o que as tornam interessantes e divertidas. Suas histórias ganharam reconhecimento principalmente a partir da tradição oral. As histórias de Pedro Malasartes já viraram até filme “As Aventuras de Pedro Malasartes” pelas mãos do grande mestre do cinema brasileiro Amácio Mazzaropi no ano de 1960. Para o grande estudioso do folclore brasileiro, Luís Câmara Cascudo (1988), Pedro Malasartes é figura tradicional dos contos da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedições e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos.

A seguir, iremos ler algumas histórias desse personagem famoso, lembradas e contadas pelos moradores idosos de São João da Ponta.

62 | Desenvolvido a partir das versões contadas pela senhora Maria Bárbara Chagas Soares (2011) e o senhor Zacarias Monteiro Bandeira (2011).

63 | Trecho da canção “O Pedro Malazarte” de Samuel Gervázio de Oliveira e José Sônigo, gravada pela dupla Zé Tapera e Teodoro em 1969 no disco “Surpresa da Vida”.

Quando Pedro Malasartes ganhou a filha do rei

Certo dia o Rei soube de um caso estranho em seu reino. Diziam que Pedro Malasartes fazia uma panela cheia de água ferver na palma de sua mão. O Rei chamou o autor daquela façanha em sua presença e disse:

- Dizem que o senhor faz uma panela ferver na palma da mão. Ordeno que o senhor me mostre.

- Pois eu lhe mostrarei, majestade. Deixar estar que vou buscar a panela.

Assim Pedro Malasartes saiu do palácio e foi até sua casa e colocou sua panela de barro para ferver água no seu fogão de barro. Ele sabia que depois que qualquer coisa ferve dentro de uma panela de barro, mesmo depois que tirada do fogo, continua fervendo. E assim ele fez. Pegou a panela de barro e colocou na palma da mão. A panela não esquentava tanto assim no fundo, e ainda tinha o fato das mãos de Pedro Malasartes ser cheia de calos devido seu trabalho no roçado.

Depois ele seguiu para o palácio do Rei com a panela ainda borbulhando de tanto ferver na palma da mão. O Rei ao vê-lo em sua presença com aquela panela na mão esquerda fervendo e com sua mão direita ainda abanando ela, ficou tão maravilhado que ofereceu a mão de sua filha em casamento.

Assim Pedro Malasartes conseguiu ganhar a filha do Rei.

Pedro Malasartes e sua venda de filhotes de canários

Era por volta das cinco e meia da tarde quando Pedro Malasartes sentiu uma vontade de fazer necessidade. Ele largou a enxada e foi para debaixo de uma castanheira e ali fez suas necessidades e cobriu com seu chapéu ao ver que alguém se aproximava:

- O que tu pegaste aí, Pedro? – perguntou um senhor que passava por ali a cavalo.

- É um filho de canário que eu tenho aqui e eu quero pegar e ele não se acomoda – respondeu o esperto Pedro Malasartes.

- Oh! Vende pra mim?

- Não, não vendo – respondeu o outro muito mal intencionado.

- Venda... - insistiu o senhor descendo do cavalo – Eu pago bem.

- Então me dá esse dinheiro – deixou-se convencer Pedro Malasartes.

Ele pegou o dinheiro do homem e se afastou dali o mais rápido possível.

- Eu vou pegar! – disse o homem se aproximando do chapéu.

Quando homem foi todo afoito para colocar a mão em cima do suposto canário o que suas mãos apressadas encontraram foram as fezes de Pedro Malasartes, que já estava bem longe dali.

A árvore que dava dinheiro e uma cilada para acabar com a vida de Pedro Malasartes

Pedro Malasartes teve uma ideia. Foi até uma árvore e começou a pregar umas notas de dinheiro pelos galhos da árvore. Um comerciante, que passava por ali, vendo aquele dinheiro pendurado naquela árvore se aproximou e perguntou:

- Que você tá fazendo aí?

- Tô esperando esse dinheiro que vai cair, pois já está maduro – respondeu Pedro Malasartes olhando para as notas colocadas no alto da árvore.

- Não quer vender a árvore do dinheiro, não? – se apressou em negociar o homem.

- Não, não vendo... – respondeu Pedro Malasartes só para deixar o homem mais inquieto.

E o homem continuou a insistir e insistiu até ele vender. Então ele pegou o dinheiro e foi embora. No que o homem começou a subir na árvore para tira o dinheiro da árvore que dava dinheiro. Foi quando percebeu que havia sido enganado por Pedro Malasartes.

- Ah! Eu pego esse desgraçado! – gritou o comerciante de cima da árvore.

Enquanto isso, Pedro Malasartes andou e andou depressa. Quando já estava distante avistou um homem que tinha acabado de matar um carneiro.

- Oh, cara! Tu mataste esse carneiro? Me dá o bucho dele?

E ele pegou e colocou as tripas do carneiro tudo debaixo da camisa e saiu correndo até chegar numa taberna.

- Ei, cara me dá uma faca aí? – disse ele da porta da taberna chamando a atenção de todos que compravam e bebiam ali.

- Pra que tu quer uma faca? – perguntou o dono da taberna.

- Eu vou tirar o meu bucho que é pra eu correr mais depressa – respondeu ele.

E Pedro pegou a faca e fingiu que passou na barriga enquanto deixava as tripas do carneiro cair no chão da taberna. Depois agradeceu, jogou a faca no chão e saiu correndo dali.

Ao chegar na porta de um outro comércio, nem deixaram ele abrir a boca, pegaram ele e o colocaram dentro de um saco e amarraram. O plano era jogar o saco com Pedro Malasartes dentro da maré para ele sumir do mapa. Mas Pedro Malasartes era vivo demais para se prestar a um fim daquele tão previsível e sem graça.

E um homem entrou na taberna e viu aquele saco jogado no chão com uma pessoa lá dentro. Lá de dentro do saco Pedro Malasartes dizia:

- Ei, amigo! Me leva logo, me leva que eu já quero ir me embora.

- O que é que tu queres? – perguntou o homem.

- Esse cara que saiu aí e me deixou aqui, vai me levar pra casar com a filha do rei não sei que horas.

- Oh! Meu amigo eu vou fazer o seguinte contigo: eu te solto aí de dentro do saco e eu vou e tu ficas.

E assim foi feito. Pedro Malasartes saiu de dentro do saco enquanto ajudava o outro a ocupar o seu lugar ali dentro. Logo depois entrou o homem que ficou responsável por jogar o saco com Pedro Malasartes dentro da maré. E ele jogou o saco lá no meio da maré. E lá foi o saco lá pro fundo. Quando foi umas horas surgiu Pedro Malasartes com um rebanho de carneiros.

- Seu filho da mãe – disse o homem que jogou a saca na maré – Não foi tu que eu joguei ainda agora ali na maré e agora tu já vem com esse rebanho de carneiros?

- Lá no fundo da maré que eu encontrei todos esses carneiros e ainda tem muitos bois e muitas outras coisas mais lá.

- OH! – se encheu de ambição o homem – eu tenho que ir lá ver!

Então Pedro Malasartes ajudou aquele homem entrar dentro de um saco, amarrou bem amarrado e jogou dentro da maré.

- Vai te acabar pra lá o que é!

CONHEÇA NOSSOS NARRADORES



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Raimunda Monteiro Bandeira
Idade: 96 anos
Comunidade: Açú



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Raimundo Marques da Costa
Idade: 94 anos
Comunidade: São Francisco



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Felipe Neri Ferreira Neto
Idade: 90 anos
Comunidade: Campina Grande



MAYARA MARIANO

Nome: Cilenio Neves de Lima
Apelido: Seu Quito
Idade: 89 anos
Comunidade: Porto Grande



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Ovídio Pinheiro de Brito
Apelido: Seu Mimico
Idade: 88 anos
Comunidade: Açú



WALTER RODRIGUES

Nome: Alcides Chagas de Soares Sousa
Apelido: Seu Siribóia
Idade: 86 anos
Comunidade: Sede municipal



DEIVIDY BARBOSA

Nome: João Batista Palheta
Apelido: Seu João Timbica
Idade: 85 anos
Comunidade: Sede municipal



DEIVIDY BARBOSA

Nome: Manoel Benedito Soares
Apelido: Seu Noé
Idade: 81 anos
Comunidade: Bonfim



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Andrelina Silva
Idade: 78 anos
Comunidade: Vila Nova



ROBERTA FORTES

Nome: Orgarina Favacho dos Santos
Apelido: Dona Mimi
Idade: 77 anos
Comunidade: Porto Grande



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Dílson Cereja dos Santos
Idade: 77 anos
Comunidade: Vila Nova



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Aurélio Calheiros de Melo
Idade: 76 anos
Comunidade: Jacarequara



DEIVIDY BARBOSA

Nome: Raimundo Bandeira Coelho
Apelido: Seu Cutia
Idade: 75 anos
Comunidade: Açú



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Raimundo Rodrigues Barroso
Apelido: Maú
Idade: 74 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Maria Bárbara Chagas Soares
Apelido: Tia Babita
Idade: 72 anos
Comunidade: Deolândia



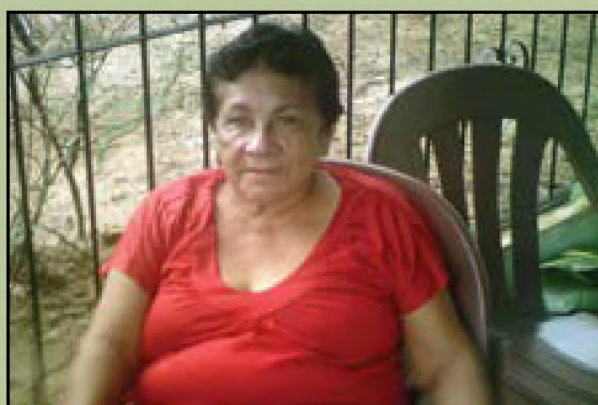
WELLINGTON FERNANDES

Nome: Vitor de Nazaré Almeida
Idade: 71 anos
Comunidade: São Francisco



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Zacarias Monteiro Bandeira
Idade: 71 anos
Comunidade: Açú



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Márcia Pereira de Matos Almeida
Apelido: Dona Marcinha
Idade: 69 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Raimundo Monteiro de Moura
Apelido: Seu Santos
Idade: 65 anos
Comunidade: Jacarequara



WALTER RODRIGUES

Nome: Lázaro Palheta
Idade: 68 anos
Comunidade: Deolândia



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Maria de Fátima Palheta Rodrigues
Idade: 61 anos
Comunidade: Açú



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Rui da Piedade Bandeira
Idade: 61 anos
Comunidade: Sede municipal



WALTER RODRIGUES

Nome: Fidelquina de Sousa Rodrigues
Apelido: Fidel
Idade: 60 anos
Comunidade: Açú



DEIVIDY BARBOSA

Nome: Domingos Santarém
Idade: 59 anos
Comunidade: Sede municipal



WALTER RODRIGUES

Nome: Pedro Monteiro Bandeira
Apelido: Pedro Carimbó
Idade: 59 anos
Comunidade: Acú



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Manuel da Conceição Almeida
Idade: 58 anos
Comunidade: São Francisco



WALTER RODRIGUES

Nome: Leandro Dalmácio Lima
Idade: 58 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: João Roberto da Silva
Apelido: João do PT
Idade: 57 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Lázaro Favacho da Costa
Apelido: Lazinho
Idade: 55 anos
Comunidade: São Francisco



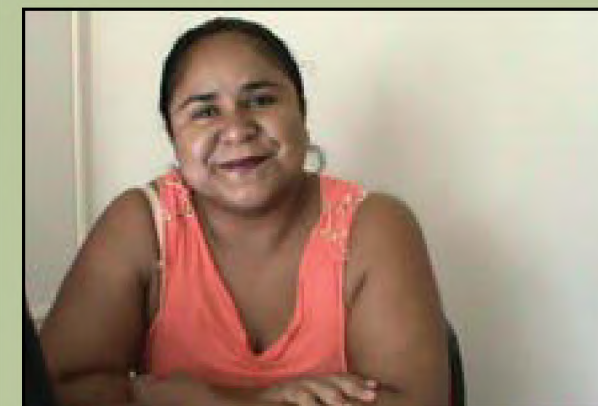
ACERVO DE NAIDE DE CARVALHO

Nome: Naide Maria de Carvalho
Idade: 49 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Apolinário de Matos Almeida
Apelido: Pulico
Idade: 43 anos
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Giselle Palheta de Oliveira
Idade: não informada
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Domingos dos Santos Rodrigues
Idade: não informada
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Abelardo Souza dos Santos
Apelido: Bilú
Idade: não informada
Comunidade: Sede municipal



WELLINGTON FERNANDES

Nome: Genel Mariano de Oliveira
Idade: não informada
Comunidade: Açú

As idades e as comunidades informadas por nossos autores/narradores estão conforme os anos que foram realizadas as entrevistas em São João da Ponta. Ou seja, os anos de 2011 e 2012.

*CRONOGRAMA E INFORMAÇÕES
METODOLÓGICAS*



Para a elaboração deste livro foram observados os seguintes passos:

QUANTO AO CRONOGRAMA:

1. Em 15 de abril de 2011: Foi apresentado o responsável pela redação e organização do livro de memórias do município de São João da Ponta, Walter Luiz Jardim Rodrigues, graduando da Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará e, naquele momento, recente integrante do Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental e bolsista do Programa “Educação Ambiental nas RESEXs Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá-PA” aprovado pelo Edital nº 5 - Programa de Extensão Universitária - PROEXT 2010 – MEC/SESu.
2. De 30 de abril a 28 de maio de 2011: Identificação e registro de nomes, idades, endereços e contatos dos moradores mais antigos para o posterior processo de entrevistas.
3. De 28 de julho de 2011 a 11 de julho de 2012: As entrevistas nas comunidades de São João da Ponta ocorreram em seis momentos alcançando um total de 35 pessoas entre as idades de 2 a 96 anos. Essas visitas tiveram como objetivos ouvir e registrar os conhecimentos dos moradores mais antigos para o levantamento de um banco de dados que, devidamente registrados, preservassem e valorizassem a memória local. Uma vez que documentos sobre o assunto se fazia praticamente inexistentes.
4. De 28 de julho 2011 a 11 de julho de 2012: Colher assinaturas mediante autorizações para o uso das informações prestadas por seus responsáveis assim como para divulgação de seus nomes e imagens no futuro livro e, mais imediatamente, na internet através do *blog* GEPPAM.
5. De 28 de julho de 2011 a 28 de julho 2012: Disponibilizar na internet através do *blog* “GEPPAM - Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental” disponível em <http://geppam.blogspot.com.br> as descrições dos resultados das entrevistas: informações, fotos e nomes dos entrevistados.
6. De 18 de setembro de 2011 a 20 de julho 2012: Depois de criado o banco de dados com os conhecimentos compartilhados pelos moradores do município, começou o trabalho de ouvir, transcrever, analisar, adaptar e escrever as memórias a partir das narrativas orais gravadas.
7. De 20 de abril a 30 de julho de 2012 foram realizadas visitas afim de levar ao conhecimento dos entrevistados e dos professores do município as transcrições feitas a partir das gravações das narrativas orais, visando o consentimento do conteúdo adaptado observando as possíveis alterações conforme as orientações dos mesmos.
8. De agosto de 2012 a maio de 2013, foram organizados e executados mapas temáticos a partir das narrativas orais e das bases de dados dos vetores georreferenciados do IBMA e IBGE.

QUANTO OS RECURSOS MATERIAIS EMPREGADOS:

Para as entrevistas realizadas foram usados equipamento de áudio (tempo total em gravador) e equipamento de audiovisual (tempo parcial em câmera digital e filmadora). Também foi usado um computador portátil (laptop) para “descarregar” as informações diretamente no banco de dados referentes a este trabalho.

Em seguida, foram assinadas autorizações, em duas vias, **“Autorização de uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos em obras de preservação histórica”**, onde os autores e as autoras das narrativas orais autorizam o uso de sua imagem, som de voz, nome e dados biográficos revelados em depoimento oral concedido, e, posteriormente, **“Autorização para publicação das histórias orais adaptadas para a linguagem escrita”**, onde foi levado ao conhecimento dos narradores o conteúdo dos originais resultantes de suas memórias gravadas, transcritas e adaptadas para sua respectiva aprovação final.

Para tanto, assumiu-se o seguinte posicionamento:

Pode-se, em nível material, considerar que a história oral consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais, feitas diretamente de pessoa a pessoa, em fitas ou vídeo, tudo prescrito por um projeto que detalhe os procedimentos. (...) O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (...) Atualmente, a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social (...) (MEIHY, 2005, p. 17-19).

QUANDO A METODOLOGIA NAS ENTREVISTAS:

Primeiramente, procurou-se identificar e registrar os nomes, idades, endereços e contatos dos moradores mais antigos do local para, posteriormente, realizar as entrevistas. E ainda, informar-se por meio da Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha de São João da Ponta a respeito desses moradores, identificá-los e entrevistá-los. Em seguida, desenvolver uma planilha com nomes, idades e endereços para ser passada durante as palestras e oficinas realizadas pelo Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental nas comunidades de São João da Ponta através do Programa de Extensão “Educação Ambiental nas RESEXs Marinhas de São João da Ponta e Mãe Grande de Curuçá”.

Das pessoas identificadas, procurou-se selecionar narradores específicos que pudessem nos ajudar através de suas memórias e oralidade, uma vez que documentos oficiais referentes à história e a memória do município se faziam, naquela ocasião, praticamente ausentes. Objetivando assim, um levantamento de fonte de dados que, devidamente registrados, preservassem e valorizassem a memória local, permitindo assim, a apreensão de fatos e informações acerca do funcionamento da estrutura sócio-histórico-cultural do município em questão.

Posteriormente, as entrevistas foram realizadas nas comunidades onde os narradores residiam. E elas, foram direcionadas informalmente deixando o narrador à vontade para falar a respeito dos temas relacionados à sua memória a respeito da história, da cultura, das lendas, das atualidades do município e etc. Sendo que a maior preocupação era interferir o mínimo possível nas entrevistas, guardar silêncio e ouvir; anotando, sempre que possível, as dúvidas surgidas para observações a serem feitas no final da fala do narrador.

Sabe-se que uma adaptação feita a partir de uma transcrição resultante de uma entrevista oral, jamais irá reproduzir a emoção transmitida nos gestos, no olhar e na fala do narrador. E essa nunca foi nossa intenção neste trabalho. Sabemos a impossibilidade de passar para o papel toda riqueza que possui as palavras faladas, a oralidade.

Nesse sentido, a transcrição de qualquer depoimento oral, trata-se de mera interpretação, recriação, pois não existe no mundo sistema algum de escrita capaz de reproduzir com perfeição o discurso com absoluta fidelidade. Dessa maneira, a transcrição, por melhor que seja feita, é uma traição à palavra. (TOURTIER-BONAZZI, 1996, p.239)

QUANDO A METODOLOGIA NAS TRANSCRIÇÕES:

1ª ETAPA

Nas metodologias de transcrições, buscou-se sempre pensar no receptor dessas informações. Ou seja, tornar o texto transcrito o mais compreensível possível para que os moradores do município em questão pudessem ter acesso e se apropriarem desses conhecimentos para diferentes fins.

Nesse sentido, para as interpretações e análises de algumas narrativas orais, lançamos mãos de técnicas literárias, objetivando a reconstituição textual dessas narrativas orais, conforme trabalhos anteriores⁶⁴.

Procurou-se, quando possível, complementar as narrativas orais com outros tipos de fontes como manuscritos orais, consultas a arquivos públicos, teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso, artigos, resenhas, sites entre outras. E assim, combinando e conjugando as narrativas analisadas, interpretadas e situadas historicamente, visando a “reflexão teórica, trabalho empírico e de campo; maior ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados”. (LOZANO, 1996, p. 23 e 24).

Também houve a consulta de antigos manuscritos orais redigidos pelos próprios moradores do município, como, por exemplo, um manuscrito oral de um dos primeiros moradores de São João da Ponta, o senhor Abel Ferreira da Silva Bandeira, disponibilizado para o autor deste livro pelo senhor João Ricardo da Silva o qual se somou ao manuscrito oral trazido pelo senhor Leandro Dalmácio Lima. As informações consultadas nos mesmos foram comparadas entre si e comparadas às narrações dos moradores mais antigos do município e/ou com grande conhecimento sobre a história e cultura de São João da Ponta e utilizadas nas adaptações textuais referentes a alguns capítulos do eixo “São João da Ponta: sua história na memória”.

As entrevistas depois foram comparadas entre si e os capítulos dentro dos eixos maiores foram sendo construídos das seguintes maneiras:

1. Transcrições diretas,
2. Transcrições indiretas e
3. Transcrições mistas.

1. **Transcrições diretas:** correspondem às transcrições feitas o mais fiel possível à fala do narrador.
2. **Transcrições indiretas:** correspondem às transcrições feitas baseadas nas informações prestadas pelo narrador após uma minuciosa análise do conteúdo e das ideias que o mesmo se propunha a passar no ato da gravação. Sendo que,

quando necessário, utilizou-se das abordagens literárias para uma adaptação mais coerente das informações prestadas visando o maior entendimento do leitor referente a narrativa apresentada.

3. **Transcrições mistas:** correspondem as transcrições feitas a partir da união das transcrições diretas e indiretas. Sendo que, quando necessário, utilizou-se das abordagens literárias para uma adaptação mais coerente das informações prestadas visando o maior entendimento do leitor referente a narrativa apresentada.

2ª ETAPA

Após as transcrições e adaptações dos textos orais coletados nas entrevistas posteriores, o resultado textual foi submetido para as possíveis modificações, correções, supressões, complementações por parte de seus autores orais. Sempre conservando e disponibilizando as primeiras gravações audiovisuais em formato de mídia digital (DVD) e na internet através do blog <http://geppam.blogspot.com.br/> e <http://mocajuim.blogspot.com.br> e do website <http://www.saojoaodaponta.com.br> como referências para os demais interessados. (TOURTIER-BONAZZI, 2005, p.240).

Também, foi realizada a oficina “São João da Ponta no mundo: cultura e memória” para os professores do município, onde foram apresentados os resultados do livro e as mídias eletrônicas resultantes do projeto. Estiveram presentes 12 professores. O objetivo principal da oficina foi levar aos profissionais do município os resultados deste trabalho para conhecimento dos mesmos para as futuras correções, adequações, complementações que porventura viesse ocorrer a partir das sugestões apontadas por eles.

3ª ETAPA

Nesta etapa, foram criados mapas a partir das narrativas orais dos narradores citados neste livro. Para isso, usamos os recursos do geoprocessamento, pois sendo o geoprocessamento uma técnica transdisciplinar, diversas são as ciências que se beneficiam de seu uso através dos trabalhos de localização dos fenômenos e equacionamento e esclarecimento das condições espaciais. Nesse sentido, conforme apontou Rocha (2000, apud FITZ, 2008, p.24), o Geoprocessamento é:

(...) uma tecnologia transdisciplinar, que, através da axiomática da localização e do processamento de dados geográficos, integra várias disciplinas, equipamentos, programas, entidades, dados, metodologias e pessoas para coleta, tratamento, análise e apresentação de informações associadas a mapas digitais georreferenciados.

64 | RODRIGUES, W.L.J., 2008 e 2009.

Levando em consideração o caráter interdisciplinar do Geoprocessamento e sua capacidade de integração com as mais variadas disciplinas através da localização e do processamento de dados geográficos, buscou-se a integração do Geoprocessamento à análise e a representação cartográfica a partir do conhecimento empírico dos narradores que vivenciaram e vivenciam o espaço e que, portanto, o sabem.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, A. M. **Amazônia: Lendas e Mitos: Curuçá sua terra, sua gente**. Editora Paka-Tatu.
- BECKER, Jean-Jacques. **O handicap do *a posteriori***. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.
- BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias**. 12 ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 4. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottimam. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CALVINO, I. **A palavra escrita e a não-escrita**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.
- CASCUDO, L.C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte & S. Paulo: Itatiaia & EDUSP, 1988.
- FITZ, P.R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008, p.161.
- GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- GEPPAM - Grupo de Estudos Paisagem e Planejamento Ambiental. Disponível em: <http://geppam.blogspot.com.br>. Acesso em: 25 set. 2011.
- GONÇALVES, A.C.O; SANTOS, V.C.; COSTA, A.P.P.; PIMENTEL, M.A.S. **Valorização da identidade tradicional para o fortalecimento da gestão comunitária na Resex São João da Ponta-PA: Uma experiência na comunidade do Açú**. Anais / V Simpósio Internacional e VI Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 1.ed. Belém: Ed. Açáí, 2011.
- GRELE, R. J. **Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica à história oral**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.
- HALL, S. **Notas sobre a desconstrução do “popular”**. In: Da diáspora: Identidade e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, S. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. In: Quem precisa de identidade? Org. Tomaz Tadeu da Silva. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 103-133.
- HAVELOCK, E. **A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para mente moderna**. In: Cultura, escrita e realidade. Org. OLSON, David & TORRANCE, N. Trad. Valter Lellis Siqueira. 2ª ed. SP, Ática, 1997.
- HOLZER, W. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. Revista Território, ano II, n. 3, jul./dez., 1997.
- ICMBIO/IBAMA. **Caracterização dos aspectos socioambientais e econômicos da Reserva extrativista de São João da Ponta e proposta de estudos complementares**, São João da Ponta: 2010.
- IBGE, Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default2.php>. Acesso em: 02 de fev. 2012.
- JUNIOR, H.P.C.; FERREIRA, B.J.P. **Possibilidades e Desafios na Implantação do Projeto UCA Total: um Estudo no Município de São João da Ponta com foco na Formação Docente**. Disponível em: http://www.inf.pucminas.br/sbc2010/anais/pdf/wie/st01_02.pdf. Acesso em: 26 de jan. 2012.
- LOZANO, J.E.A. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MOURA, C.E.M. **O Teatro que o povo cria: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará da dramaturgia ao espetáculo**. Belém: SECULT, 1997. 66-68 p.

OLANDA, D.A.M. & ALMEIDA, M.G. de. **A geografia e a literatura: uma reflexão**. Geosul, Florianópolis, v. 23, n. 46, p 7-32, jul./dez. 2008.

PIMENTEL, F.R. & RODRIGUES, W.L.J. **A Cultura popular através de narrativas orais de “tiradores” de Carimbó em São João da Ponta/PA**. Anais / I Simpósio Nacional Linguagens e Saberes na Amazônia. Mercados globais, saberes locais. Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia. Mestrado em Letras de Bragança, UFPA. Bragança: 2011.

PORTELLI, A. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, político, luto e senso comum**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Da Geografia às Geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In: Ana Esther Ceceña; Emir Sader. (Org.). La guerra infinita: hegemonía y terror mundial. Buenos Aires: Clacso, 2002, p.217-256.

RODRIGUES, A.V.A. **Narrativas orais da Ilha de Mosqueiro: memória e significado**. Monografia. UNAMA, Belém, 2006.

RODRIGUES, W.L.J.; PIMENTEL, M.A.S. **Memórias do município de São João da Ponta a partir de narrativas orais: identificação e (re)construção da identidade local**. Anais / I Congresso Pan-Amazônico e VII Encontro da Região Norte de História Oral, História do Tempo Presente & Oralidades na Amazônia. Belém: Editora Açaí, 2012.

RODRIGUES, W.L.J. & FERNANDES, W. A. A. **Reserva Extrativista Marinha de São João Da Ponta (PA): Compartilhando Saberes com o Mundo**. Anais / 14º Jornada de Extensão Universitária, Meio Ambiente e Responsabilidade Social. Belém: PROEX/UFPA, 2011.

RODRIGUES, W.L.J. & FERNANDES, W.A.A. **Manifestações da Cultura Popular: O Carimbó como Resistência e Identidade no Município de São João da Ponta (PA)**. Anais / 17º Fórum Paraense de Letras e 15º Semana Acadêmica de Pedagogia. Letramento e Educação: todos os fonemas são mágicos sinais. Universidade da Amazônia. Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da UNAMA. Belém: UNAMA, 2011.

RODRIGUES, W.L.J.; FERNANDES, W.A.A.; PIMENTEL, M.A.S. **Memórias do município de São João da Ponta a partir de narrativas orais: identificação e (re)construção da identidade social**. In 5º ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS - UFPA, Belém (PA), 2012.

RODRIGUES, W.L.J. **Os encantos do sobrado soberano**. In: Cidade Velha, Cidade Viva. (Org.) Prof.º Dr.º Oswaldo Coimbra. Grupo de Memória da Engenharia e Atividades Interdisciplinares, Faculdade de Engenharia Civil da UFPA. Belém: 2008.

_____. **Cores, sons, cheiros. O show de Sandrinha vai começar**. In: Cidade Velha, Cidade Viva. (Org.) Prof.º Dr.º Oswaldo Coimbra. Grupo de Memória da Engenharia e Atividades Interdisciplinares, Faculdade de Engenharia Civil da UFPA. Belém: 2008.

_____. **Correndo atrás**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2009.

ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. (Coleção Milton Santo; 1), p. 313-327.

SILVA, G.H.A. & MARTINS, J.M.B. **A história oral como conhecimento aplicado na pesquisa em geografia cultural**. Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br>. Acesso em: 01 de jun. de 2011.

TEISSERENC, P. **Reconhecimento de saberes locais em contexto de ambientalização**. Novos Cadernos NAEA, Belém: NAEA/UFPA, dez. 2010, v.13, n. 2, p. 5-26.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. RJ, Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A; FRISCH, M; HAMILTON, P. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

TOURTIER-BONAZZI, C. de. **Arquivos: propostas metodológicas**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

UCA TOTAL SÃO JOÃO DA PONTA. Disponível em: <http://www.ucatotalsjp.blogspot.com>. Acesso em: 27 de set. 2011.

VERGARA FILHO, W.L. & VILLAS BOAS, M.S. **Ecologia popular dos mangues brasileiros: o saber ao sabor das marés**. s/d.

VERGARA FILHO, W.L. **Criação e Gestão de Reserva Extrativista Marinha em Área de Manguezal com Ênfase no Litoral Paraense**. s/d.

VOLDMAN, D. **Definições e usos**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

_____. **A invenção do depoimento oral**. In: Uso & Abusos da História Oral. Org. Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, 2005.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. IN: Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Org. Tomaz Tadeu da Silva. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Logo Gráfica Gráfica